



FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Patrícia Alexandra Lopes Azevedo

A EMERGÊNCIA DO GEOTURISMO ENQUANTO ESTRATÉGIA DE VALORIZAÇÃO TURÍSTICA NO ESTRELA GEOPARK MUNDIAL DA UNESCO

Dissertação de Mestrado em Turismo, Território e Patrimónios, orientada pelo
Professor Doutor Lúcio Cunha, apresentada ao Departamento de Geografia e Turismo
da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

outubro de 2021

FACULDADE DE LETRAS

A EMERGÊNCIA DO GEOTURISMO ENQUANTO ESTRATÉGIA DE VALORIZAÇÃO TURÍSTICA NO ESTRELA GEOPARK MUNDIAL DA UNESCO

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Dissertação
Título	A emergência do Geoturismo enquanto estratégia de valorização turística no Estrela Geopark Mundial da UNESCO
Autor/a	Patrícia Alexandra Lopes Azevedo
Orientador/a(s)	Lúcio José Sobral da Cunha
Júri	Presidente: Doutor Paulo Manuel de Carvalho Tomás Vogais: 1. Doutora Isabel Maria Rodrigues de Paiva 2. Doutor Lúcio José Sobral da Cunha
Identificação do Curso	2º Ciclo em Turismo, Território e Patrimónios
Área científica	Turismo
Data da defesa	9 de dezembro de 2021
Classificação	18 valores



AGRADECIMENTOS

Chega ao fim mais uma etapa de grande importância na minha vida, que não teria sido possível sem a colaboração, auxílio, carinho e dedicação das pessoas que me acompanharam ao longo destes dois anos.

Agradeço, em primeiro lugar, à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, que tão bem me acolheu e em particular ao meu orientador de dissertação, Professor Doutor Lúcio Cunha.

Em segundo lugar, a todos os intervenientes presentes neste estudo.

Quero agradecer também à Associação Geopark Estrela, detentora da marca Estrela Geopark Mundial da UNESCO, que gentilmente me cedeu alguma informação e fotografias.

Ao meu Coordenador Executivo e amigo, Emanuel de Castro, que me fez acreditar no meu valor e nas minhas potencialidades e que me mostrou, mais uma vez, que os amigos verdadeiros são capazes de tudo por nós.

Por fim, mas não menos importante, agradeço aos meus pais Henrique Azevedo e Maria da Luz Azevedo, ao meu namorado André Silva e à equipa do Estrela Geopark Mundial da UNESCO, pelo apoio e por acreditarem sempre nas minhas capacidades.

RESUMO

A emergência do Geoturismo enquanto estratégia de valorização turística no Estrela Geopark Mundial da UNESCO

O Turismo é uma atividade económica e social, que se apropria dos territórios e se estrutura através da atratividade que os mesmos exercem. Hoje é incontornável a importância desta atividade para a economia, pela sua capacidade de gerar receitas e riqueza. No entanto, o turismo tem sofrido algumas mudanças ao longo dos últimos anos. Na verdade, estamos perante uma atividade económica que tem emergido como um verdadeiro fenómeno social.

No caso concreto desta dissertação, procuramos aprofundar os conhecimentos sobre o território da Serra da Estrela e das suas potencialidades. A Serra da Estrela tem sofrido profundas mudanças ao longo dos últimos anos, que resultaram numa constante alteração dos fenómenos turísticos desenvolvidos em prol da mesma, como o Geoparque e o Geoturismo. Como tal, este estudo tem diferentes objetivos, porém destacamos em particular um deles, conseguir compreender qual a perceção que os atores locais têm sobre a importância do Geoturismo para o desenvolvimento turístico no Estrela Geopark, alicerçado na criação do Estrela Geopark Mundial da UNESCO.

Assim sendo, e de modo a conseguir responder ao objetivo referido anteriormente, decidimos optar por aplicar uma metodologia que nos possibilita compreender perceções e opiniões, a Metodologia Q. Mesmo antes da aplicação metodológica, é importante revermos alguns conceitos importantes para a estruturação deste documento, como o de Geoturismo, Geoparques e da própria Perceção.

Do estudo apresentado resulta a identificação de novas estratégias a desenvolver no território da Serra da Estrela para estimular o Geoturismo e os Geoparques Mundiais da UNESCO, o que contribui de forma positiva para a afirmação de uma marca turística forte e estruturada para este território.

Palavras-chave: Geoparques, Geoturismo, Serra da Estrela, Estrela Geopark Mundial da UNESCO

ABSTRACT

The emergence of Geotourism as a tourism enhancement strategy at Estrela UNESCO's Global Geopark

Tourism is a relevant economic and social activity, which appropriates territories and is structured through the attractiveness that they exert. Today, the importance of this activity for the economy is unavoidable, due to its ability to generate income and wealth. However, tourism has undergone some changes over the past few years. In fact, we are facing an economic activity that has emerged as a true social phenomenon.

In the specific case of this dissertation, we seek to deepen our knowledge about the territory of Serra da Estrela and its potential. Serra da Estrela has undergone profound changes over the last few years, which have resulted in a constant change in the tourist phenomena developed in its favor, such as the Geopark and Geotourism. As such, this study has different objectives, but we highlight one of them in particular, to understand the perception that local actors have about the importance of Geotourism for tourism development in Estrela Geopark, based on the creation of Estrela UNESCO Global Geopark.

Therefore, and in order to respond to the aforementioned objective, we decided to choose to apply a methodology that allows us to understand perceptions and opinions: the Q Methodology. Even before the methodological application, it is important to review some important concepts for the structuring of this document, such as Geotourism, Geoparks and Perception itself.

From the study presented results the identification of new strategies to be developed in the territory of Serra da Estrela to leverage Geotourism and UNESCO's Global Geoparks, which positively contributes to the affirmation of a strong and structured tourist brand for this territory.

Keywords: Geoparks, Geotourism, Serra da Estrela, Estrela UNESCO Global Geopark

ÍNDICE

Capítulo I – Introdução	5
1. As dimensões do Turismo	5
2. Objetivos	8
3. Metodologia	9
4. Resultados Esperados	11
Capítulo II – O Geoturismo e as novas abordagens turísticas	12
1. O Turismo e as novas perspetivas do séc. XXI.....	12
2. O turismo na Serra da Estrela: diferentes realidades e conflitos.....	15
3. Geoturismo: do produto à estratégia	18
3.1. O Geoturismo e a Valorização Territorial	18
3.2. O Geoturismo como fator de sustentabilidade territorial	23
Capítulo III – Geoparques Mundiais da UNESCO	27
1. O Programa Internacional para as Geociências e os Geoparques	27
2. Objetivos e áreas de atuação	28
3. A Rede Mundial de Geoparques	31
4. O Turismo nos Geoparques Mundiais da UNESCO.....	33
Capítulo IV – Estrela Geopark Mundial da UNESCO	36
1. Paisagem da Estrela.....	36
1.1 Geologia e Geomorfologia	36
1.2 Biodiversidade	39
2. Património Geológico	42
3. Ocupação Humana e Cultura.....	53
4. Áreas de atuação e estratégia de desenvolvimento	57
Capítulo V – A perceção do Geoturismo no Estrela Geopark	61
1. Significado e valor dos estudos da perceção	61
2. Aplicação metodológica: Metodologia Q	62

3. Painel e fases de aplicação	64
4. Principais Resultados	71
Capítulo VI – A emergência do Geoturismo enquanto estratégia de valorização	81
1. Desafios e oportunidades para o Geoturismo na Estrela.....	81
2. A importância do Geoparque na afirmação de um novo paradigma turístico para a Serra da Estrela.....	86
3. Perspetivas Futuras.....	89
4. Conclusão.....	92
Bibliografia	94

ANEXOS

ÍNDICE DE IMAGENS

Figura 1 - Geoturismo e a Valorização Territorial.....	19
Figura 2 - Geoturismo e a Valorização Turística	22
Figura 3 - Geoturismo e a Sustentabilidade	24
Figura 4 - Mapa de Geoparques Mundiais da UNESCO	32
Figura 5 - Mapa Geológico do Estrela Geopark	37
Figura 6 - Mapa da Biodiversidade do Estrela Geopark	40
Figura 7 - Mapa dos Geossítios.....	43
Figura 8 - Tipologias dos Geossítios.....	44
Figura 9 - Vale Glaciário do Zêzere.....	45
Figura 10 - Cascalheiras do Alto da Pedrice	46
Figura 11 - Fraga da Pena	47
Figura 12 - Sumo da Caniça.....	48
Figura 13 - Fonte Paulo Luís Martins	49
Figura 14 - Filão de Quartzito de Folgoso	50
Figura 15 - Minas da Recheira	51
Figura 16 - Miradouro dos Carqueijais	52
Figura 17 - Mapa da Ocupação Humana do Estrela Geopark.....	53
Figura 18 - Etapas da Metodologia Q	64
Figura 19 - Esquema Síntese.....	79

Figura 20 - Vetores Estratégicos Fonte: Website do Estrela Geopark..... 91

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 - Dados comparativos da população residente no Estrela Geopark 55

Quadro 2 - Painei..... 65

Quadro 3 - Matriz de Valores Próprios 72

Quadro 4 - Matriz de Saturações..... 73

Quadro 5 - Matriz de Scores 74

Capítulo I – Introdução

1. As dimensões do Turismo

O turismo em Portugal viveu nos últimos anos um crescimento acentuado, inflacionando assim de forma positiva a economia portuguesa. O setor turístico foi durante os últimos anos um dos setores mais importantes para a economia, gerando valor económico, fluxos e muitos empregos, facto este que foi fortemente alterado pela existência da Pandemia COVID-19. Numa altura em que Portugal atingia os seus maiores picos da procura turística, sendo premiado três anos consecutivos como Melhor Destino Turístico do Mundo nos World Travel Awards, depara-se com a existência de uma crise sanitária global com fortes impactes económicos para o setor.

A história do Turismo é pouco conhecida pelo público em geral. Hoje, o Turismo é algo que para todos nós constitui um elemento familiar, no entanto, até há uns anos, nem todos apreendíamos o verdadeiro conceito de Turismo e a forma como o mesmo foi originado. O turismo foi marcado por diferentes épocas, iniciando o percurso nos tempos primórdios, passando pela Idade Média, Renascimento, Revolução Industrial e terminando nos dias de hoje com o Turismo Moderno (OMT, 1997). No entanto existem três grandes marcos na História do Turismo, as peregrinações cristãs durante a Idade Média, a existência do *Grand Tour* que decorreu na época do Renascimento, e a figura de Thomas Cook.

Na altura das peregrinações da Idade Média, a deslocação de pessoas que procuravam a paz espiritual e os serviços que apoiavam essa deslocação constituem formas embrionárias de uma atividade turística que ainda não tinha no lazer a sua função principal

No entanto, mais tarde, em pleno período Renascimento surge o *Grand Tour*, que começou em meados dos anos de 1600 e se manteve até 1800. O *Grand Tour* era uma viagem itinerante pelos destinos clássicos do Continente Europeu de aproximadamente 3 a 4 anos e conhecido pelo giro pela Europa, fenómeno que era obrigatório para os jovens da sociedade daquela altura. O *Grand Tour* constituía uma nova perspetiva sobre a viagem, tornando-a devidamente estruturada e onde era possível adquirir novos conhecimentos e experiências (OMT, 1997). Esta viagem era encarada como uma experiência ao nível da educação, da cultura e da intelectualidade do próprio individuo, que compreendia o término do ciclo de formação dos jovens aristocratas (UMBELINO, 2017). Após o *Grand Tour*, a atividade turística começou a

evoluir de forma diferente, tendo promovido a descoberta do prazer pelas viagens como uma experiência pessoal nobre e enriquecedora. A viagem deixava agora de ser um elemento vocacionado para as expedições de guerras, para missionários ou para peregrinos, e nem para cientistas, mas sim para viajantes amantes da cultura, da paisagem e sobretudo turistas que viajam por prazer e para aproveitamento do tempo livre.

Após a existência do *Grand Tour*, surge ainda, o aparecimento de uma figura de grande importância para o turismo mundial, Thomas Cook. O aparecimento das primeiras agências de viagens surgiram por via de Thomas Cook, homem que ficou intitulado como o “Pai do Turismo Moderno” (SANTOS, 2004).

No entanto, estas foram apenas as primeiras alterações que foram surgindo ao nível do turismo. Este é um setor que está em constante mudança e que necessita de atualizações e adaptações rápidas, no que toca aos gostos e perfis do turista.

Como pudemos ver anteriormente, o perfil do turista sofre mudanças ao longo do tempo, facto que é compreendido pelas mudanças de paradigma turístico existente. Há uns anos a esta parte, conhecíamos um turista que colocava todo o trabalho de construção de viagem numa Agência e que era pouco recetivo a novos produtos turísticos. Hoje, o perfil do turista é caracterizado pela sua autonomia, curiosidade e, sobretudo, pela forma como está mais desperto a outras formas de experiência e de vivências, pois são as memórias desses momentos que os farão retornar ao mesmo lugar, no futuro. O turista de hoje, tem demonstrado uma maior exigência na aplicação dos seus investimentos, ou seja, dá um maior valor à relação ótima entre aquilo que procura e aquilo que lhe é oferecido. O turismo passa, assim, a fazer parte do quotidiano dos territórios, enquanto estes se transformam no centro da experiência do turismo (COSTA, 2015).

Os territórios possuem na sua essência, um conjunto de características que os diferenciam e os tornam únicos, das quais destacamos a sua geografia, a geologia, a história, a cultura, elementos que constituem a identidade deste território. Através destas características conseguimos desenvolver produtos turísticos diferenciadores, pois conseguimos tirar partido do melhor que cada território tem, para que o possamos promover de forma eficaz. Assim sendo, e tendo em conta as constantes alterações dos últimos anos, em relação às ofertas turísticas existentes e também devido ao perfil do novo turista, que ainda não foi definido rigorosamente, encaramos

hoje um turismo sustentável e estruturado. O que quer dizer que encontramos diversos produtos turísticos devidamente estruturados e pensados para os mais diversos públicos-alvo. Há cada vez mais, um trabalho incessante das entidades turísticas responsáveis, em diferenciar a oferta do país, como sendo um território de todos e para todos, um território que é muito mais do que o *Sol & Mar*, agora conhecido pelas potencialidades ao nível do Turismo de Natureza, do Turismo de Saúde e Bem-Estar, do Turismo Científico e Educativo e mais recentemente, um país com estratégias ao nível do Turismo Sustentável e Acessível (NUNES, 2010). Neste sentido, é possível afirmar que o trabalho feito em prol do turismo é constante e que jamais estará terminado. Pelo exposto, cabe a quem trabalha o turismo, pensá-lo e estruturá-lo tendo sempre em conta a identidade de cada um dos territórios, realidade para a qual tem contribuído o trabalho e a emergência dos Geoparques Mundiais, classificação instituída pela UNESCO, que tem no turismo um dos seus mais importantes alicerces, não enquanto fim em si mesmo, mas como estratégia de desenvolvimento sustentável. Neste sentido, o produto turístico de Turismo de Natureza tem uma importância acrescida, pela construção de um subsegmento muito particular, a que damos o nome de Geoturismo. Este segmento turístico aposta no aproveitamento da ciência, da educação e da cultura dos elementos geológicos e não geológicos (CUNHA, 2021). No entanto, o conceito do Geoturismo é abrangente e tem vindo a ser trabalhado ao longo dos anos, primeiramente por Hose (1995) e numa última fase, vertido na Declaração de Arouca (2011).

No caso do geoturismo, este constitui em si mesmo, um forte instrumento de disseminação do conhecimento do território e das suas características identitárias, capaz de fomentar a criação de riqueza. Este setor de desenvolvimento leva-nos a uma alteração rápida de tendências e para o surgimento de novas atividades, pelo que a visibilidade acrescida, proporcionada pela marca UNESCO, origina vários fenómenos turísticos, como uma maior procura e valorização por parte dos turistas, um crescimento das receitas por parte das diversas empresas ligadas ao setor turístico, um maior número de fluxos e por último, mas não menos importante, a criação de um maior número de postos de trabalho. A relação entre os Geoparques e o Turismo é inequívoca, quer pela riqueza que geram, quer pela melhoria de condições de vida que proporcionam às populações locais, permitindo-lhes viver e trabalhar no local onde cresceram, sobretudo porque na base desta classificação está uma estratégia de promoção do turismo sustentável, de

valorização do potencial endógeno, fator eminentemente diferenciador e estruturante de destino e produto turístico.

A Serra da Estrela é um destino turístico de referência em Portugal Continental, com uma grande capacidade de atração, gerada pelas suas características identitárias. A identidade de um território é por si só, um elemento aglutinador de todas as potencialidades existentes no mesmo. Assim sendo, e tendo em conta todos os recursos disponíveis na Serra da Estrela, acreditamos que este é um destino que poderá vir a ganhar escala e ainda mais notoriedade, facto este que ganha ainda mais força após a classificação deste território como Geoparque Mundial da UNESCO.

A obtenção de uma classificação como Geoparque Mundial da UNESCO requer por um lado, a capacidade de trabalho nas mais diversas áreas como a Ciência, a Geoconservação, a Educação, o Turismo e a Comunicação e, por outro, a existência de um conjunto de características diferenciadoras do território candidato. Além dessas características que têm particular enfoque no património geológico e natural, para obter esta classificação é necessário impreterivelmente a existência de pessoas. A comunidade constitui um elemento aglutinador e de grande foco, pois ser Geoparque é colocar as Ciências da Terra e os recursos inerentes à mesma, ao serviço das comunidades.

Tendo em conta as características necessárias para a classificação de um território como Geoparque Mundial da UNESCO, falta-nos agora perceber se esta chancela é capaz de, só por si, valorizar e salvaguardar o território, dando-lhe a capacidade de gerar riqueza para o mesmo e para os que ali vivem.

2. Objetivos

A problemática associada à investigação que aqui se produz remete-nos para questões relacionadas com o Geoturismo e os Geoparques Mundiais da UNESCO, em particular o Estrela Geopark, através da identificação dos seus produtos turísticos e a definição de estratégias que suportem a sustentabilidade deste território.

Os objetivos implícitos ao desenvolvimento de um estudo, traduzem-se na análise de como o Geoturismo, pode constituir um elemento de valorização territorial, estudando para o efeito o caso do Estrela Geopark.

Para atingir este objetivo principal, estabelecemos os seguintes objetivos secundários:

1. Fazer o estado da arte e compreender os conceitos principais desta investigação com destaque para os de Turismo, Geoturismo, Geoparques e Perceção;
2. Estudar casos de valorização territorial pelo Geoturismo no Estrela Geopark;
3. Compreender a perceção sobre o conceito de Geoturismo e Geoparques, por parte dos atores locais;
4. Propor novas estratégias e medidas que possam servir para incrementar esta relação.

Apenas após este estudo pormenorizado e a implementação e análise da metodologia definida para este projeto, nos será permitido avaliar o impacto que esta chancela tem no território e ainda perceber de que modo o Geoturismo pode constituir um verdadeiro recurso e estratégia para a valorização de um território.

Acreditamos que a Serra da Estrela tem neste momento todos os elementos a seu favor, desde que o aproveitamento dos seus recursos seja feito de forma estruturada e sustentável, podendo beneficiar de todas as oportunidades que a Geologia coloca ao seu dispor, através do seu aproveitamento turístico.

3. Metodologia

A Metodologia é o instrumento basilar para conseguirmos extrair dados concretos da nossa investigação. No caso do nosso estudo, este instrumento servirá para nos demonstrar como é que o Geoturismo pode constituir uma estratégia de valorização turística no território do Estrela Geopark Mundial da UNESCO.

No âmbito do trabalho a ser desenvolvido, consideramos que a Metodologia a aplicar deva ser a Metodologia Q. Esta metodologia é usada sobretudo no estudo de conceitos subjetivos como crenças, atitudes, comportamentos e opiniões (COUTO, 2011).

A Metodologia Q foi criada em 1935 por William Stephenson, filósofo e psicólogo. Um dos grandes interesses deste autor passava pela compreensão da subjetividade de opiniões e percepções. Mais tarde, esta metodologia viria a ser trabalhada por Steven Brown, adaptando esta ferramenta de estudo à investigação das ciências sociais e humanas.

No entanto, tal como acontece com outras ferramentas metodológicas, também a Metodologia Q teve diversas abordagens. Para Stenner (2008/2009), esta metodologia tem como base uma perspectiva construtiva, em que os humanos agem de acordo com as percepções que têm da realidade e não de acordo com a própria realidade. Para Febbraro (1995), esta metodologia seria o reflexo da percepção individualizada de cada indivíduo presente no estudo. Resumidamente, para vários autores esta metodologia constitui uma ferramenta que traduz diversos fatores inerentes à representação da realidade e à devida realidade, como as ideias, as percepções e atitudes, comportamentos e emoções. A Metodologia Q pode ser, assim, entendida como um instrumento que nos permite estudar questões complexas de avaliação e percepção de diferentes tipos de fenómenos pelos diferentes tipos de sujeitos, de acordo com as suas aprendizagens, valores e elementos culturais, por exemplo.

A grande vantagem desta metodologia passa pela possibilidade de compreender tanto as identidades quanto os desejos dos intervenientes locais nos respetivos termos e categorias onde se enquadram e não fazendo suposições de acordo com os existentes noutros grupos.

De uma forma resumida, esta metodologia operacionaliza-se da seguinte forma: numa primeira fase é realizada uma revisão bibliográfica sobre a temática em estudo e são estruturadas um conjunto de afirmações, que serão avaliadas posteriormente. Após este estudo introdutório e a elaboração das afirmações, avançamos para a seleção dos intervenientes da metodologia, chamados de *P-set*. Este grupo de intervenientes são selecionados de modo a serem representativos de uma determinada população, tendo em conta a questão que queremos ver analisada.

A última fase, mas também uma das mais importantes, passa por norma, pela apresentação das afirmações através de um conjunto de cartões que seriam discutidos e ordenados por cada um dos participantes. Em anexo, seria apresentado um documento de pontuação cujo objetivo seria o preenchimento do mesmo, por cada um dos elementos presentes do estudo. Esta avaliação é apresentada entre dois extremos “Discordo Totalmente” ou “Concordo Totalmente”.

No entanto, tendo em conta a pandemia que atravessamos desde março de 2020, a apresentação da metodologia foi ligeiramente alterada, optando pela construção de um formulário online que pudesse apresentar as afirmações a serem avaliadas de -5 a 5. Tendo em conta as alterações que foram necessárias fazer, de modo a nos adaptarmos aos novos tempos de pandemia, podemos dizer que os resultados podem ter sofrido ligeiras alterações. Os resultados tenderão a ser mais diversificados, pela ausência de uma discussão interna, elemento preponderante na implementação da Metodologia Q.

Após a recolha dos resultados da avaliação das afirmações, serão apresentados dados representativos desta metodologia. Esta análise estará apresentada ao longo do Capítulo V, do presente documento.

4. Resultados Esperados

A Metodologia Q é um instrumento ainda pouco trabalhado, quando comparado com os instrumentos que estamos habituados a utilizar, tal como é exemplo a entrevista e o questionário.

No entanto, a temática de estudo deste projeto exigia a aplicação de uma metodologia diferente, capaz de avaliar perceções e opiniões mais subjetivas dos *stakeholders*.

Os resultados esperados deverão responder à nossa questão partida: “Qual a perceção que o nosso painel tem sobre a importância do Geoturismo para o desenvolvimento turístico no Estrela Geopark?”. Estes resultados gerados pela Metodologia Q, permitirão perceber se a aplicação de uma estratégia relacionada com o Geoturismo, pode constituir de facto um elemento de valorização territorial, capaz de fomentar o crescimento da atratividade turística para a Serra da Estrela.

Os resultados deste nosso estudo vão contribuir para delinear o trabalho que deve ser feito pelos municípios, pelos empresários da área do Turismo e pelo próprio Geopark.

Capítulo II – O Geoturismo e as novas abordagens turísticas

1. O Turismo e as novas perspectivas do séc. XXI

Hoje é incontornável a importância da atividade turística para a economia, pela sua capacidade de gerar receitas e riqueza, pelo aumento do número de fluxos e ainda pela sua propensão em gerar novos postos de trabalho e, assim, gerar também melhores condições de vida nas áreas e nas populações que recebem os turistas. De facto, o turismo para além de ser apenas uma atividade económica, transformou-se num fenómeno social e cultural. O setor turístico é uma área de grande relevância para a economia de qualquer país. Durante os últimos anos, este setor tem conseguido promover não só as economias dos países, mas também de territórios com uma escala bastante reduzida, graças à sua capacidade indutora e ao impacte transversal nas diferentes atividades.

Há anos a esta parte, o Turismo era encarado como um serviço, por vezes mesmo apelidado de indústria, vocacionado para uma população com algum poder de compra e grande capacidade financeira, na verdade era encarado como um setor de luxo. No entanto, encontrar uma definição concreta para o termo Turismo, foi algo bastante trabalhoso e que necessitou de algumas revisões.

Numa primeira fase, durante o ano de 1910, Herman Schullard, definia o turismo como a soma das operações especialmente as de natureza económica, relacionadas com a entrada, permanência e deslocamento de estrangeiros para dentro e fora do país, de uma cidade ou de um território (CORREIA, 2013). Mais tarde, em 1942, Valter Hunziker e Kurt Krapf, definiram o turismo como sendo o conjunto das relações e fenómenos provocados pela deslocação e permanência de pessoas fora do seu local de residência, desde que estas deslocações e permanências não fossem utilizadas para o exercício de uma atividade lucrativa principal (OLIVEIRA, 2014). Ainda no ano de 2009, Cunha assumia que o Turismo tinha na sua base as atividades económicas decorrentes das deslocações e permanência dos turistas. No entanto, acreditamos que esta definição se torna um pouco redutora e desalinhada relativamente à importância deste setor para toda a economia.

Após o estudo dos diferentes significados do termo Turismo, eis que surgem dois conceitos que nos explicam duas abordagens diferentes. Se por um lado podemos afirmar que o Turismo é a

uma atividade que diz respeito às deslocações das pessoas e de todas as relações que estabelecem nos locais visitados, englobando os serviços e atrações disponíveis no espaço, por outro, a Organização Mundial do Turismo afirma que este conceito “é o conjunto de atividades desenvolvidas por pessoas durante as viagens e estadas em locais situados fora do seu ambiente habitual por um período consecutivo que não ultrapasse um ano, por motivos de lazer, negócios e outros”.

O setor turístico é na sua essência uma atividade que resulta das deslocações de pessoas para fora do seu local habitual de residência, por pelo menos mais de 24h. Estas deslocações são efetuadas com base no sentimento de atratividade e de curiosidade por parte dos interessados, levando-os a usufruir de serviços (alojamento, restauração, atrações turísticas) e a gerar receitas para os territórios, fomentando a economia e a cultura local. Este setor contribui em grande escala para o desenvolvimento territorial, pois agrega um conjunto de valores como a valorização dos produtos e recursos locais, a transferência de receitas para o território, o investimento de infraestruturas básicas para suporte deste desenvolvimento turístico de uma região, a dinamização e modernização da produção local e constituir um elemento que colmata alguns dos desequilíbrios existentes entre os diferentes territórios (CUNHA, 1997).

Pelo exposto, percebemos que ao longo do tempo, o conceito de Turismo tem evoluído, assim como a forma como é percecionada pela sociedade. Neste sentido, podemos afirmar que as novas perspetivas para o século XXI, surgem de grandes adaptações feitas em prol do próprio público, que agora começa a dar mais valor a elementos diferenciados, dos quais fazem parte o próprio ambiente e cultura.

O Turismo de Portugal é a instituição máxima de turismo no território português e lançou durante o ano de 2021, o Plano Turismo + Sustentável 2020-2023, integrado na Estratégia Turística 2027. Este plano pretende estimular novas tendências e paradigmas para o turismo português, focando as suas atenções em algo cada vez mais preocupante para os territórios, a sustentabilidade. A sustentabilidade turística é um caminho incontornável e assumido com crescente consciência pelos agentes do setor, à escala mundial. Significa que tem em conta as necessidades dos visitantes, do setor e das comunidades, mas também os seus impactes ambientais, económicos e sociais no presente e no futuro.

O Plano Turismo + Sustentável 2020-2023 pretende contribuir para estimular a economia circular no Turismo, fomentando a transição para um modelo económico assente na prevenção, redução, reutilização, recuperação e reciclagem de materiais, água e energia, reforçando, assim, a Agenda para a Economia Circular no Setor do Turismo e colocando o ecossistema turístico na liderança da transição climática, para uma nova economia verde e inclusiva. Podemos concluir com isto, que o Turismo não estará apenas focado na atração de pessoas, mas sobretudo em disponibilizar ao visitante/turista uma experiência enriquecedora, através da contemplação de momentos de qualidade.

Como podemos visualizar no documento deste plano, o turismo centra-se agora em elementos muito mais aglutinadores no que toca à estruturação de produto turístico. Existe neste momento, uma preocupação acrescida com os problemas da eficiência ambiental, da estruturação de destinos sustentáveis, na mitigação das alterações climáticas, numa clara gestão de economia circular, na mobilidade e acessibilidade de todos, na valorização do património e na redução das desigualdades sociais. Estes são alguns dos eixos que estruturam o Plano Turismo + Sustentável 2020-2023 e que pretendem constituir um novo paradigma no turismo nacional.

O setor turístico em Portugal, tem crescido de forma grandiosa nos últimos anos, mas tal como acontece com outros setores, existem vantagens e desvantagens. O turismo tem uma capacidade indutora de grande atração, gerada pela motivação que decorre em torno dos territórios. No caso da Serra da Estrela, a atração que vemos referenciada muitas das vezes é a neve, porém com o surgimento de novas tendências turísticas, o foco de quem visita este território passa a ser outro, como é exemplo a fruição dos espaços naturais, numa perspetiva espiritual, medicinal ou até mesmo de contemplação da natureza. Tal como acontece com a natureza, vemos o mesmo refletir-se na mudança de interesses dos visitantes/turistas, que cada vez mais, querem vivenciar de perto os modos de vida das comunidades locais. Estas são apenas algumas tendências que têm vindo a ganhar força em Portugal, mas sobretudo em territórios de baixa densidade, como é o caso da Serra da Estrela.

Todavia, existem territórios em que este trabalho de aplicação de uma visão mais sustentável, se torna mais difícil. Falamos de territórios como as grandes cidades do Porto e Lisboa, que encaram taxas de procura muito grandes e que por vezes chegam ao seu limite no que toca à sua capacidade de carga. É óbvio que o trabalho do Geoturismo pode efetuar-se também em

territórios onde o turismo é massificado, como é exemplo as regiões do Litoral de Portugal. No entanto, este papel de desenvolvimento territorial torna-se mais relevante em territórios rurais e de baixa densidade (CUNHA, 2020). Porém, existiu durante 2020, um elemento que conseguiu desviar as atenções dos turistas das grandes cidades para os territórios de interior, a pandemia COVID-19. Na verdade, a pandemia veio dar oportunidade aos turistas de focar as suas atenções e de experienciar novos territórios. Este é um facto fortemente visível na Serra da Estrela, que durante o ano de 2020 e 2021, em pleno verão, viu as suas taxas de ocupação subirem gradualmente. Ainda é cedo para o afirmar, mas acreditamos que esta crise sanitária que ocorreu a partir de 2020, veio dar uma nova força a estes territórios de interior e no caso da Serra da Estrela, verifica-se uma existência de uma nova época alta para esta região.

Tal como mencionado anteriormente, durante o ano de 2021, foi criado o Plano Turismo + Sustentável 2020-2023, que agrega um conjunto de eixos e ações preponderantes para o futuro do turismo em Portugal. De entre as várias ações vertidas neste documento, podemos observar a introdução de atividades diretamente relacionadas com o trabalho em parceria com os Geoparques Mundiais da UNESCO. Neste sentido, é possível afirmar que também os Geoparques Mundiais da UNESCO são agora uma nova tendência para o século XXI, facto que muito nos releva sobre a sua importância e sobre o impacto que o mesmo poderá ter nos territórios, no nosso caso em particular, na Serra da Estrela.

2. O turismo na Serra da Estrela: diferentes realidades e conflitos

O território da Serra da Estrela tem vivido tempos conturbados, nomeadamente naquilo que deve ser a sua estratégia e oferta turística. Esta é uma região que detém um património inigualável, com uma beleza paisagística incontornável, associada a uma identidade cultural única. Neste sentido, acreditamos que o turismo concede uma oportunidade de grande importância, pela capacidade de gerar riqueza e alavancar o próprio território (COSTA, 2015). No entanto, até 2021, o turismo na Serra da Estrela tarda em se assumir. Apesar do seu potencial, este território ainda não conseguir números tão satisfatórios como outras regiões portuguesas, tendo sido um elemento pouco relevante para a Serra da Estrela nos últimos anos.

Tal como acontece na maioria dos territórios, também na Serra da Estrela existem um conjunto de oportunidades e desafios. No entanto, existem oportunidades que continuam a não ser aproveitadas da melhor forma, e desafios que são encarados como pouco relevantes.

No ano de 1997, a criação do Parque Natural da Serra da Estrela traduziu o reconhecimento do valor ecológico e natural do maciço da serra da Estrela como região de grande importância económica, onde, a par de um grande interesse paisagístico, ainda podem ser observadas espécies endémicas (DIÁRIO DA RÉPÚBLICA ELETRÓNICO, 2021). O Parque Natural da Serra da Estrela foi considerado um território pioneiro com a obtenção desta denominação, sendo o primeiro a ser criado. Contudo, a criação deste Parque Natural, tem apresentado grandes desafios naquela que pode ser a estruturação de produto turístico deste território, sobretudo no necessário equilíbrio entre a proteção dos valores naturais e o desenvolvimento turístico.

Para além deste grande desafio, entre a proteção e o desenvolvimento do território, surgem ainda algumas dificuldades associadas aos agentes do território. No caso do território da Serra da Estrela, existe uma empresa de âmbito turístico denominada Turistrela. Esta empresa iniciou o seu exercício tendo como principal foco a promoção de desportos de inverno, alargando nos últimos anos a sua oferta turística, abrangendo áreas como a Hotelaria, a Restauração e a Animação Turística. Todavia, esta empresa mantém o seu enfoque naquele, que para nós, é apenas um atrativo sazonal da Serra da Estrela, a neve. A Turistrela, possui nos dias de hoje, a concessão de todas as infraestruturas existentes na Serra da Estrela, acima dos 800 metros de altitude, facto de condiciona em muito, a mudança de perspetivas relativamente ao que pode e deve ser feito em prol do desenvolvimento turístico e sustentável deste território.

No entanto, é preciso perceber que a Serra da Estrela não encara apenas contrariedades e que possui um conjunto de oportunidades associadas à sua identidade cultural e paisagística. Estas características têm sido aproveitadas por algumas entidades que trabalham no âmbito da valorização territorial, designadas como redes colaborativas. Para o Turismo de Portugal (2020), as redes de colaboração ou redes colaborativas agregam agentes turísticos e entidades públicas, com o objetivo de desenvolver ações de estruturação de produto e promoção de territórios, sendo o foco o património existente e a identidade da comunidade local. No território da Serra da Estrela já podemos observar a presença de algumas redes colaborativas, como a Rede de Aldeias Históricas, as Aldeias de Xisto e as Aldeias de Montanha, que em muito têm

contribuído para o alavancar deste território, focando as suas estratégias nas potencialidades, recursos e identidade que o território possui.

A Serra da Estrela é um destino complexo e que merece, pela sua riqueza patrimonial, um tratamento e estruturação de excelência, procurando sempre promover os recursos turísticos nele existentes. No entanto, apesar de durante anos, este território estar associado a um turismo meramente sazonal, é permitido dizer que há uns anos a esta parte, este território tem vindo a ganhar uma nova dimensão, com o fomento de um Turismo Sustentável.

Segundo a Organização Mundial do Turismo, o Turismo Sustentável deve ser aquele que salvaguarda o ambiente e os recursos naturais, garantindo o crescimento económico da atividade, ou seja, capaz de satisfazer as necessidades das presentes e futuras gerações. Portanto, o desenvolvimento turístico deve pautar-se por "gerir os recursos naturais, e deve ser privilegiado e encorajado pelas autoridades públicas nacionais, regionais e locais" (OMT, 2007). No âmbito do Turismo Sustentável, a Serra da Estrela tem conseguido garantir a construção de uma marca forte e coesa, ancorada na sua recente classificação, como Geoparque Mundial da UNESCO.

Os Geoparques Mundiais da UNESCO constituem fortes estratégias que refletem o compromisso de reforçar o papel do Turismo Sustentável, na construção de um território coeso e estruturado. De facto, estes territórios distinguidos pela UNESCO apresentam como principal desafio o necessário equilíbrio entre o fomento da atividade turística e a preservação dos seus valores identitários e patrimoniais. Em paralelo, estes são uma verdadeira oportunidade para construir um novo paradigma para o turismo, alicerçado no conhecimento científico, na valorização dos recursos endógenos e no envolvimento das comunidades, afastando-se de uma visão de mero consumo territorial para passar a ser um fenómeno comunitário e integrado na territorialidade dos destinos. Os Geoparques UNESCO são, assim, espaços de inovação, promoção e diferenciação turística, revelando novos paradigmas para o século XXI.

Pelo exposto, podemos concluir que a Serra da Estrela deve ser trabalhada no sentido de mitigar os seus principais desafios, tornando-os verdadeiras oportunidades de mudança. Este território tem agora, as ferramentas certas para através das suas características, poder ganhar a notoriedade há tanto tempo aguardada, trabalhando de forma concertada numa estratégia geoturística.

3. Geoturismo: do produto à estratégia

3.1. O Geoturismo e a Valorização Territorial

A atividade turística é marcada pela apropriação dos territórios e que se estrutura através da atratividade que os mesmos exercem, contribuindo para a sua refuncionalização e para o surgimento de outras atividades, pelo que a visibilidade acrescida, proporcionada pela marca UNESCO, origina vários fenómenos turísticos, como uma maior procura e valorização por parte dos turistas, um maior número de fluxos, um crescimento das receitas por parte das diversas empresas ligadas ao setor turístico, e, por último, mas não menos importante, a criação de um maior número de postos de trabalho. A relação entre os Geoparques e o Turismo é inequívoca, quer pela riqueza que geram, quer pela melhoria de condições de vida que proporcionam às populações locais, permitindo-as viver e trabalhar no local onde cresceram, sobretudo porque na base desta classificação está uma estratégia de promoção do turismo sustentável, de valorização do potencial endógeno, fator eminentemente diferenciador e estruturante de destino e produto turístico. Na base desta relação, encontramos uma estratégia de desenvolvimento sustentável e valorização territorial, a que damos o nome de Geoturismo.

Com o objetivo de valorizar turisticamente os valores identitários destes territórios, surge o “Geoturismo” que deve ser definido como o turismo que sustenta e incrementa a identidade de um território, considerando a sua geologia, ambiente, cultura, valores estéticos, património e o bem-estar dos seus residentes (DECLARAÇÃO DE AROUCA, 2011).

O Geoturismo é visto nos dias de hoje, como estratégia de valorização territorial, cujo objetivo principal é experienciar e conhecer os recursos endógenos, não apenas os geológicos, de forma a promover a sua compreensão, valorização ambiental e cultural, sendo o principal beneficiário a comunidade local. Neste sentido, o Geoturismo é uma importante ferramenta de divulgação e interpretação do Património Geológico e Geomorfológico pois possibilita que o conhecimento sobre esta ciência chegue a um maior número de pessoas, desencadeando uma maior abertura para a valorização do Património e de todo um território, pois só podemos valorizar aquilo que verdadeiramente conhecemos. De facto, a interpretação integrada do património e da paisagem traduz-se numa nova experiência turística, fazendo do Geoturismo uma estratégia territorial não somente um produto assente na Geologia (Figura 1).

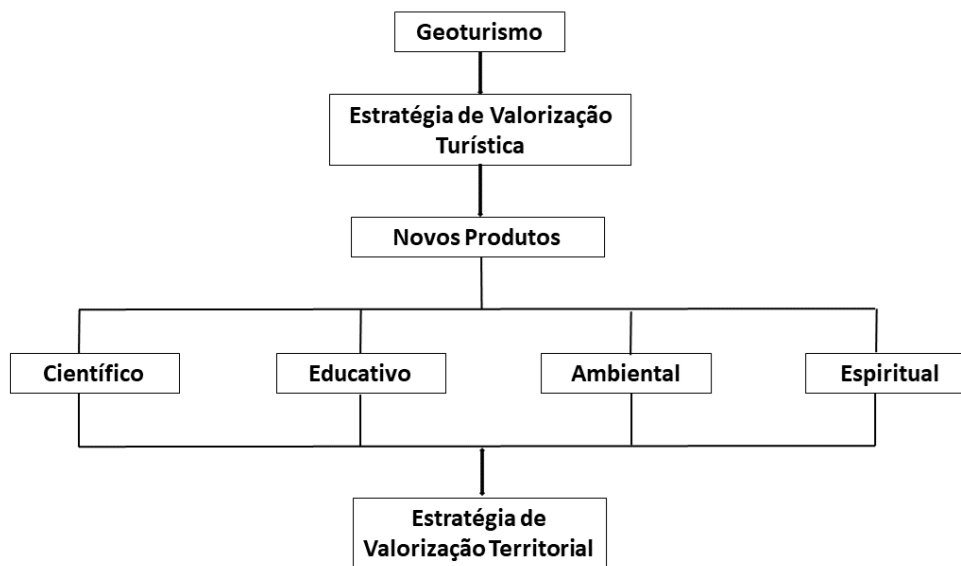


Figura 1 - Geoturismo e a Valorização Territorial

O Geoturismo assume uma importância muito maior, pois através da promoção e valorização dos elementos anteriormente mencionados, podemos gerar valor acrescentado e fazer nascer novas tendências turísticas.

O Geoturismo é um conceito que tem vindo a ser trabalhado ao longo dos últimos anos e que para o cidadão comum é algo ainda pouco conhecido. No entanto, é uma prática que tem vindo a ganhar a sua escala e a atrair um número de turistas cada vez maior. O Geoturismo, ao contrário de alguns produtos e estratégias turísticas, tem como objetivo fomentar o conhecimento sobre o território, promovendo o Património Geológico, a Ciência e a Educação ao serviço do Turismo, através do desenvolvimento de uma estratégia geoturística. O público-alvo que este segmento atinge, passa por pessoas mais exigentes e informadas, que procuram acima de tudo, conhecer e experimentar um pouco mais sobre o Património Geológico, a Cultura, a Identidade de um determinado território. Pelo exposto, os Geoparques são conhecidos por serem pioneiros no desenvolvimento do Geoturismo e no estímulo das atividades socioeconómicas e de desenvolvimento sustentável, atraindo um número crescente de visitantes (CORREIA, 2013).

Os Geoparques Mundiais da UNESCO são classificações eminentemente territoriais e holísticas, que têm por base abordagens tais como a valorização, preservação e promoção da biodiversidade, do património cultural, geológico, da gastronomia e da investigação científica. O conceito de geoparque surgiu no final do século XX na Europa. “Um Geoparque Mundial da UNESCO é um território bem delimitado, detentor de uma notável história geológica que, pela sua relevância, singularidade e significado, constitui um legado comum que importa salvaguardar e valorizar para as gerações futuras, tendo como objetivo a valorização, promoção e desenvolvimento dos territórios, ancorado na importância do património geológico e no significado que este encerra” (UNESCO, 2021).

Esta classificação UNESCO é baseada na implementação de uma estratégia de desenvolvimento sustentável, baseada na conservação do património geológico, em associação com os restantes elementos do património natural e cultural, com vista à melhoria das condições de vida das populações que habitam no seu interior, promovendo os valores endógenos de modo integrado. A filosofia de base na criação de geoparques centra-se no desenvolvimento de redes que permitam uma troca de experiências e uma promoção conjunta do conceito e de cada um dos membros da rede. Os quatro pilares desta classificação UNESCO são o Património Geológico Relevante, a Estrutura de Gestão, a Visibilidade e o Networking (UNESCO, 2021). A criação do conceito Geoparque veio dar visibilidade e notoriedade às Geociências, fomentando o interesse num conhecimento mais específico, por parte de quem visita o território. A classificação de um território como Geoparque Mundial da UNESCO tem impactes diretos no turismo, contribuindo para a disseminação do território, dando-lhe escala e uma maior notoriedade.

Tendo consciência do valor e da relevância do seu Património Geológico, os Geoparques UNESCO, cuja missão é contribuir para a proteção, valorização e dinamização do património natural e cultural, numa perspetiva de aprofundamento e divulgação do conhecimento científico, fomentando o desenvolvimento sustentável dos territórios a partir dos seus recursos endógenos, podem contribuir para desenvolver os territórios mais sustentavelmente, através de novas estratégias turísticas, assentes no conceito de Geoturismo, não apenas como um produto, mas sobretudo com um novo paradigma de ação turística. Em sentido mais lato, trata-se de uma abordagem *bottom-up* ao desenvolvimento territorial, que assume o património natural como

um recurso efetivo de promoção e valorização paisagística e um recurso com efetivo potencial turístico.

Estes territórios têm as características necessárias para a expansão do Geoturismo, começando logo pela sua diferenciação a nível geológico, elemento esse essencial para a obtenção da chancela UNESCO. Assim sendo, os Geoparques Mundiais da UNESCO constituem territórios de grande responsabilidade no que diz respeito à criação de valor económico, turístico e social (CASTRO e MAGALHÃES, 2013). Isto é, além das potencialidades que o próprio segmento encerra em si, o Geoturismo pode ser facilmente apropriado para a construção de uma estratégia turística. Aliás, os Geoparques e as suas estratégias estão em plena relação com o conceito do Geoturismo, aproveitando as suas características e usando-as para outros contextos, nomeadamente educativos e turísticos, capazes de tornar os territórios onde se inserem como espaços com uma oferta turística completamente diferenciadora e única.

Deste modo, é possível dizer que mais do que um produto, o Geoturismo é essencialmente uma estratégia de valorização territorial e turística, capaz de fomentar o conhecimento do território, a atração de turistas e posteriormente na fixação de população jovem.

Este segmento encerra em si mesmo uma estratégia de desenvolvimento sustentável, ancorado na sensibilização dos agentes do território (*stakeholders*, comunidade local) para a importância do desenvolvimento de destinos e produtos turísticos que promovam a sustentabilidade, partilhando boas práticas e experiências de sucesso em Geoturismo e fomentando o estabelecimento de redes e parcerias nesta área específica (Figura 2).

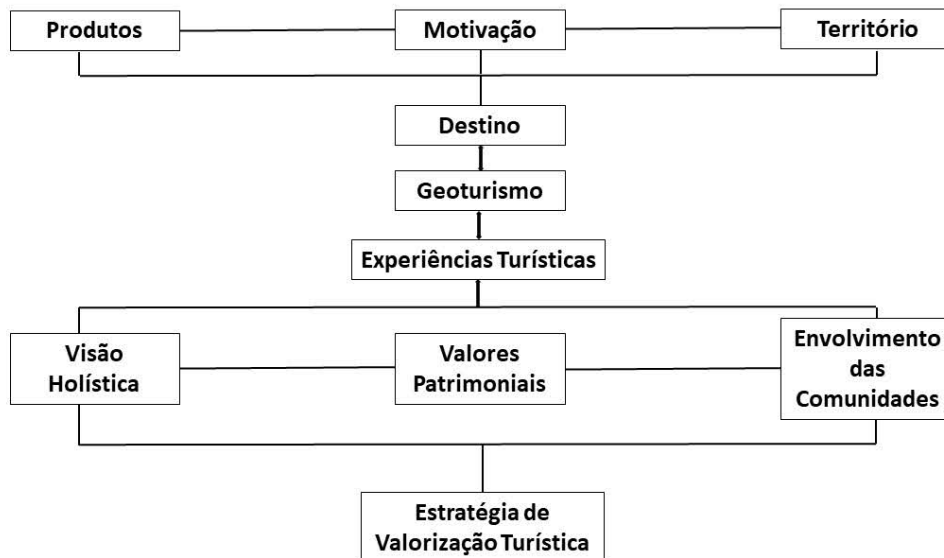


Figura 2 - Geoturismo e a Valorização Turística

De facto, o Geoturismo constitui uma estratégia de base territorial, fomentando um novo paradigma de desenvolvimento sustentável e de oportunidades para o território, beneficiando do património, da interpretação e da sustentabilidade. O Geoturismo surge, então como uma estratégia turística, em torno da qual se desenvolvem diversos produtos, como o turismo de natureza, de bem-estar, científico e educativo, cujo principal foco deste paradigma é a Comunidade Local. Deste modo, é importante reforçar que o Geoturismo, através das suas valências na promoção da Geologia, se torna fundamental para que possamos desenvolver um trabalho de valorização territorial, nomeadamente na construção de recursos de âmbito turístico, como é exemplo alguns percursos interpretativos.

Por último, o conceito de Geoturismo emerge, cada vez mais, como uma estratégia holística e de base territorial, a partir da qual se promovem iniciativas turísticas sustentáveis, com base nos recursos endógenos identitários. Neste contexto, o prefixo “GEO” assume o significado de território e não de geologia, como tantas vezes se refere. Portanto, não estamos perante um produto turístico assente na geologia, mas sim uma abordagem integrada que se enquadra nas próprias dimensões de um Geoparque Mundial da UNESCO.

3.2. O Geoturismo como fator de sustentabilidade territorial

Tal como foi referido anteriormente, o Geoturismo é um segmento turístico com uma importância muito maior do que aquilo que imaginamos. Através do mesmo é possível alavancar territórios, comunidades e empresas, desde que o trabalho seja pensado de forma estruturada e sobretudo sustentável.

Na base do conceito de Geoturismo, podemos afirmar que esta é uma atividade turística realizada em áreas naturais por pessoas que pretendem conhecer os aspetos geológicos e geomorfológicos de um local contribuindo para a proteção do património geológico. No entanto, o conceito de Geoturismo tem vindo a ser debatido por muitos autores, ao longo dos últimos anos, dos quais destacamos Thomas Hose. Este autor, foi pioneiro na definição de Geoturismo, alegando, durante 1995, que Geoturismo seria “provisão de serviços e facilidades interpretativas no sentido de possibilitar aos turistas a compreensão e aquisição de conhecimentos de um sítio geológico e geomorfológico ao invés da simples apreciação estética”. Mais tarde, em 2000, Hose veio reformular o seu próprio conceito, acreditando que o Geoturismo seria a “disponibilização de serviços e meios interpretativos que promovem o valor e os benefícios sociais de sítios com interesse geológico e geomorfológico, assegurando a sua conservação para o uso de estudantes, turistas e outras pessoas com interesse recreativo ou lazer”. No entanto, e após a constituição da Declaração de Arouca, o conceito de Geoturismo ganhou uma nova leitura, que nos diz que esta denominação está inteiramente relacionada com a criação de uma identidade, ancorada nos valores patrimoniais existentes no território, sendo a componente geológica a base da mesma. Posto isto, o Geoturismo é um importante instrumento de desenvolvimento territorial sustentável, pois através da sua estratégia consegue divulgar, valorizar e conservar todo o património existente, geológico e não geológico, em prol das comunidades.

O desenvolvimento sustentável, é para muitos, um vocábulo que facilmente associamos às principais problemáticas ambientais, mas este pensamento é desajustado da própria realidade. A sustentabilidade e desenvolvimento sustentável encontram-se apoiados em três vértices, o ambiental, o social e o económico. Este é um termo que vemos associado muitas das vezes, ao setor turístico, pois constitui uma preocupação aquando da estruturação de uma estratégia para qualquer território, por forma a evitar um turismo massificado.

As preocupações com o Turismo são cada vez mais efetivas, não apenas pela preocupação com os impactos gerados, como também pela necessidade de aproximar esta atividade às realidades territoriais, tornando-a parte integrante das mesmas. Na verdade, o turismo é, cada vez mais, um fenómeno social, como tal tem de ser pensado e planeado tendo em conta o seu contexto.

O Turismo pretende dar resposta às necessidades dos turistas de hoje e dos territórios visitados, no sentido de preservar e valorizar as potencialidades existentes. Deste modo, através da valorização e do desenvolvimento de sentido de pertença, por parte das comunidades, o Turismo vem, de forma controlada, gerar fluxos para os territórios e mais tarde a criação de novas infraestruturas e novos postos de trabalho.

Assim sendo, tal como acontece no turismo, o Geoturismo vem dar força às necessidades dos territórios, aproveitando as mais diversas potencialidades existentes no mesmo. Desde a sua geologia, geografia, identidade até à sua cultura, estes são recursos que permitem a construção de uma oferta turística diferenciadora, pensada nas necessidades de quem visita, mas sobretudo nas condições de vida das comunidades locais (Figura 3).

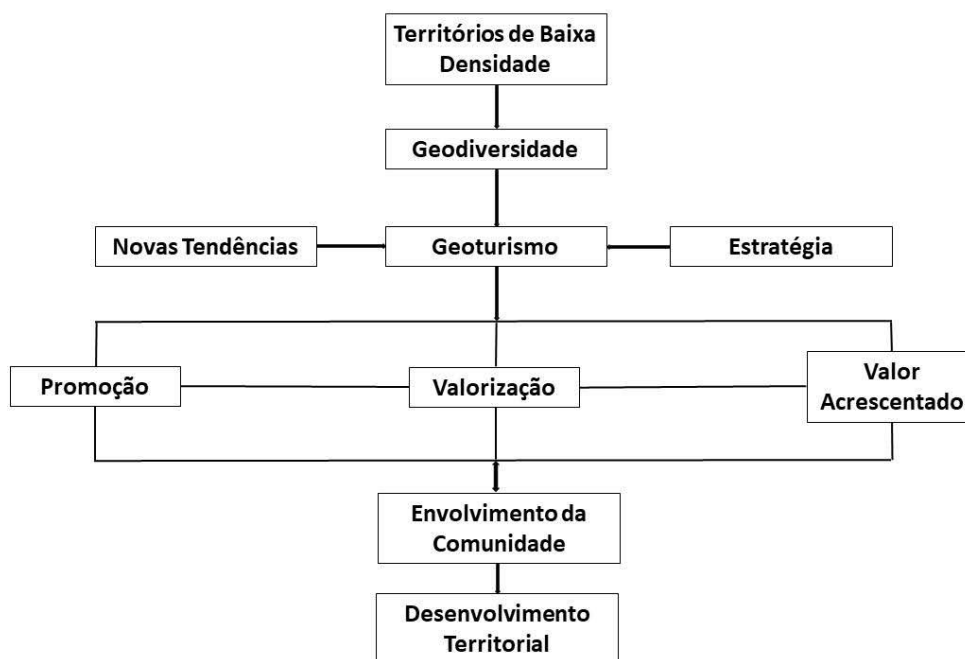


Figura 3 - Geoturismo e a Sustentabilidade

Este é um trabalho que não poderá ser feito apenas por uma pessoa ou uma entidade, este é um trabalho para o conjunto do território, envolvendo sempre quem ali vive todos os dias e que enfrenta diariamente as dificuldades existentes no mesmo. Só assim, poderemos usar estes recursos da melhor forma possível, para que de forma sustentável possamos alavancar e desenvolver estes territórios.

Posto isto, é preciso compreender como é que o Geoturismo é trabalhado em prol de Turismo Sustentável. Será possível alavancar o Geoturismo tendo em conta a perspetiva ambiental, económica e social? Claro que sim, o Geoturismo pretende captar um público-alvo com características muito próprias, nomeadamente com as suas preocupações a nível ambiental, com a sua ânsia em descobrir mais sobre os respetivos territórios e ainda um interesse acrescido sobre toda a história geológica e geomorfológica que fazem parte da identidade do território. Por vezes, torna-se desafiante transmitir a mensagem clara de que o Geoturismo é muito mais que Geologia, ela é sim a sua base, mas através da estratégia alavancada em prol do Geoturismo é possível promover o desenvolvimento local e a sustentabilidade dos territórios (CUNHA, 2021). O Geoturismo e as ações inerentes ao mesmo geram uma maior atratividade e visibilidade que aumentam a identidade territorial e o sentido de pertença das comunidades locais. Contudo, este aumento de interesse pelos territórios classificados pela UNESCO, obriga-nos a criar estratégias que consigam assegurar a sustentabilidade dos espaços em questão. Quando falamos em sustentabilidade, vamos muito mais além da denominada capacidade de carga, abordamos problemáticas fáceis de observar, como são as obras que requalificação de espaços ou infraestruturas, que muitas das vezes geram impactes na paisagem, como são exemplo os recentes “baloiços panorâmicos” ou os “passadiços” (CUNHA, 2021). É preciso sim, adaptar o território para que possa ter condições suficientes para receber quem o visita, mas mais importante que isso, é assegurar que o território não perde as suas potencialidades. Posto isto, o Geoturismo começa agora a dar os seus contributos para os territórios, sendo que a sua importância na económica dos mesmos, ainda tem um impacte reduzido. No entanto, com o evoluir dos tempos e com a própria crise gerada pela COVID-19, acreditamos que o Geoturismo terá nos próximos anos uma grande importância no território, capaz de contribuir para uma maior coesão territorial.

Pelo exposto, o Geoturismo e a Sustentabilidade são conceitos amplamente complementares, afirmando-se como elementos estratégicos na construção uma experiência turística, ancorada

nos valores patrimoniais e nas próprias comunidades, podendo desse modo promover, valorizar e criar valor acrescentado, naquela que deve ser uma visão holística deste território.

Capítulo III – Geoparques Mundiais da UNESCO

1. O Programa Internacional para as Geociências e os Geoparques

O conceito de Geoparque surgiu, em meados da década de 1990, como resposta à necessidade de preservar e valorizar as áreas de elevado significado geológico para a compreensão da história da Terra (SILVA, 2015).

Trata-se de um novo conceito de gestão territorial onde o património Geológico é a base de uma estratégia que promove o bem-estar das populações, mantendo o máximo respeito pelo ambiente, recorrendo a ações integradas no Geoturismo (SILVA, 2009, citando ZOUROS (2004) e MCKEEVER e ZOUROS, 2005).

Segundo a Comissão Mundial da UNESCO (2018), “um Geoparque Mundial da UNESCO é uma área única e unificada onde locais e paisagens de importância geológica internacional são geridos numa conceção holística de proteção, educação e desenvolvimento sustentável, baseado na conservação do património geológico e geomorfológico”, com foco na melhoria das condições de vida das comunidades locais, valorizando e preservando a sua identidade e criando um sentimento de pertença por parte de quem lá habita.

A UNESCO apoia as redes Mundial e Europeia de Geoparques (GGN e EGN, respetivamente) com intuito de reconhecer a importância do património geológico para o desenvolvimento das comunidades, em especial em territórios rurais e de baixa densidade. A criação destas redes veio dar resposta à necessidade de se encontrar um enquadramento que evidenciasse o valor do património da Terra, as suas paisagens e formações geológicas, uma vez que até muito recentemente não existia um reconhecimento internacional sobre a importância, nacional ou regional, do património geológico e também devido à inexistência de uma convenção internacional específica sobre este tipo de património.

No dia 17 de novembro de 2015, durante a 38ª sessão da Conferência Geral da UNESCO, realizada em Paris, foram aprovados os estatutos do novo Programa Internacional de Geociências e Geoparques, programa esse que pretende reforçar o papel da UNESCO no reconhecimento da importância que as Ciências da Terra detêm para o bem-estar da sociedade. Com este novo programa, a UNESCO criou também a designação “Geoparque Mundial da

UNESCO” como forma de reconhecer a importância de conservar e gerir sítios e paisagens de importância geológica internacional de forma holística e em benefício das comunidades.

Este novo programa dá particular atenção à formação e capacitação neste domínio, de modo a garantir a criação de geoparques em áreas prioritárias, como África ou América Latina, e permitindo uma efetiva distribuição geográfica dos geoparques no Mundo, facto que ainda não se verifica pela ausência de candidaturas oriundas destes pontos do Planeta. De acordo com este programa, as novas candidaturas a geoparques têm que ser apoiadas formalmente pelas Comissões Nacionais da UNESCO de cada estado-membro, em estreita articulação com os Fóruns ou Comitês Nacionais de Geoparques, que têm um papel preponderante na seleção das candidaturas a apresentar à UNESCO, num máximo de duas por ano por cada estado-membro. Em 2011, a Comissão Nacional da UNESCO assumiu a coordenação do Fórum Português de Geoparques, da qual fazem já parte, os cinco Geoparques Mundiais da UNESCO classificados em Portugal. A criação deste Fórum, surgiu da necessidade de desenvolver uma plataforma que permitisse aprofundar o conhecimento e as relações entre os territórios classificados, contribuindo assim para a troca de experiências entre cada um dos membros. O Fórum Português de Geoparques é também a entidade que presta apoio técnico na construção de novas candidaturas.

Em síntese, este Programa Internacional para as Geociências e Geoparques veio fortalecer a importância que esta classificação tem nos diferentes territórios, pois constitui uma estratégia de desenvolvimento territorial que, trabalha de forma paralela a proteção e a promoção do património geológico. O resultado desta estratégia leva-nos a mitigar alguns dos desafios existentes, como os problemas socioeconómicos comuns, a estagnação económica, a taxa de desemprego, o êxodo rural, a emigração e o envelhecimento da população (NASCIMENTO et al., 2015). Ainda com a ajuda deste programa, os Geoparques trabalham diversas áreas de atuação e integram a Rede Mundial de Geoparques, componentes que passamos a abordar no ponto seguinte.

2. Objetivos e áreas de atuação

Um Geoparque Mundial da UNESCO tem dez áreas essenciais de atuação: Recursos naturais, Riscos Naturais, Alterações Climáticas, Educação, Ciência, Cultura, Igualdade de Género,

Desenvolvimento Sustentável, Tradições e Geoconservação. Porém, deve ainda valorizar, promover e preservar a Biodiversidade, o Património Cultural, a Gastronomia e a Investigação Científica (UNESCO, 2021).

Quando em 2015 a UNESCO instituiu o Programa Internacional para as Geociências e Geoparques (IGGP), reconheceu parte do trabalho já desenvolvido pela Rede Mundial de Geoparques (GGN), cujo trabalho se desenvolvia desde o início do século XXI. Na génese deste movimento estiveram três ideias principais: por um lado o reconhecimento da geologia enquanto património, assumindo que a diversidade geológica e geomorfológica constitui o substrato da vida terrestre; em segundo lugar, a consciência da importância das Geociências para o conhecimento e a valorização do nosso património comum e, por último, mas não menos relevante, a ideia basilar de que o património, em sentido mais lato, e o património geológico, de uma forma mais particular, possam ser recursos para o desenvolvimento destes territórios. Perante isto, a UNESCO com a criação do Programa referido assume o valor intrínseco do património geológico, transformando estes territórios como lugares de ciência, educação e cultura.

Assim, segundo o Programa da UNESCO (IGGP), um Geoparque constitui uma área única, geograficamente contínua, com sítios e paisagens de relevância geológica internacional, geridos a partir de uma visão holística, de proteção, educação e desenvolvimento sustentável. Estamos, portanto, perante uma estratégia *bottom-up*, que relaciona a conservação com o desenvolvimento, promovendo incessantemente o envolvimento das populações locais como garante do sucesso desta estratégia (UNESCO, 2021). Hoje, esta rede é constituída por 169 territórios classificados em 44 países, cujo trabalho desenvolvido assenta em 4 áreas fundamentais, incontornáveis para que a UNESCO aprove uma nova candidatura a esta classificação:

- i. património geológico de relevância internacional;
- ii. estrutura e estratégia de gestão territorial assente nos princípios de geoconservação, educação, turismo e sustentabilidade;
- iii. visibilidade que garanta promoção territorial, interpretação patrimonial e criação de valor acrescentado para as suas comunidades;

- iv. trabalho em rede, ideia basilar da UNESCO, deste programa e da própria Agenda 2030, através do seu objetivo 17.

No caso dos Geoparques Mundiais da UNESCO, ouvimos muitas vezes dizer que “um Geoparque antes de o ser, já o é”, ou seja, quando procedemos à elaboração de uma candidatura a Geoparque Mundial da UNESCO, este tem de procurar trabalhar como uma entidade que responde já às premissas basilares de qualquer Geoparque.

Neste contexto, podemos identificar como princípios estruturantes de um Geoparque Mundial da UNESCO, o Património Geológico Relevante, a Estrutura de Gestão, a Visibilidade e o Networking. Pelo exposto, um Geoparque Mundial da UNESCO, tem de possuir impreterivelmente, um património geológico e geomorfológico de relevância internacional. Este é um dos fatores de extrema importância no momento da apreciação por parte dos avaliadores da UNESCO que visitam os territórios. Esta classificação tem, como referido anteriormente, de ser gerida por uma entidade legal, com uma estrutura de gestão capaz de abordar todas as áreas e onde deverão estar incluídas também, todas as partes interessadas. Esta entidade de gestão deverá procurar, em conjunto com todos os *stakeholders*, desenvolver estratégias que satisfaçam as necessidades das populações locais.

Para além do Património Geológico de relevância e a construção de uma estrutura de gestão, qualquer Geoparque Mundial da UNESCO precisa de desenvolver ferramentas que possibilitem a sua correta divulgação e visibilidade. Posto isto, estes territórios classificados, através da entidade que os gere, precisam disponibilizar alguns instrumentos informativos, como um website, folhetos, mapas, entre outras.

Por fim, qualquer Geoparque deve estabelecer uma rede de cooperação com a própria comunidade local e com os restantes Geoparques Mundiais da UNESCO em todo o mundo, a fim de, em conjunto, alavancar a própria classificação e contribuir para a melhor compreensão da mesma. Esta rede de cooperação entre Geoparques é já visível através da Rede Mundial de Geoparques (GGN).

Os princípios que abordámos anteriormente possuem objetivos bastante claros como a promoção do desenvolvimento sustentável, o fomento do Geoturismo, o desenvolvimento das Geociências, a promoção de conhecimento do território através da interpretação e um claro

trabalho em rede. Estes objetivos são atingidos através de ações como a inventariação e conservação do património geológico, a implementação de estratégias de promoção dos recursos endógenos dos territórios, incluindo o património geológico e não geológico, a promoção de iniciativas holísticas, que promovam o desenvolvimento turístico sustentável, com enfoque no Geoturismo e finalmente o desenvolvimento de iniciativas nas áreas das Ciências e da Educação. Todos estes objetivos devem contribuir para o desenvolvimento de uma estratégia *bottom up*, que permite um trabalho conjunto de conservação do património, bem como de envolvimento das comunidades, focada no desenvolvimento sustentável dos territórios (UNESCO, 2015).

3. A Rede Mundial de Geoparques

A Rede Mundial de Geoparques, na qual a adesão é obrigatória para os Geoparques Mundiais da UNESCO, é uma organização sem fins lucrativos, legalmente constituída e com uma taxa anual de filiação. A Rede Mundial de Geoparques foi fundada em 2004 e oficialmente criada em 2014, através da parceria entre a UNESCO e a União Internacional de Ciências Geológicas (IUGS), com o objetivo de distinguir áreas naturais com elevado valor geológico, onde se pratique uma estratégia de desenvolvimento sustentado, baseado na Geologia e em outros valores naturais e humanos (GLOBAL GEOPARKS NETWORK, 2021). A Rede Mundial de Geoparques pretende cobrir os geoparques fora da Europa, integrando todos os geoparques europeus. Em setembro de 2015, a Rede Mundial integrava 120 geoparques, distribuídos pelos 33 países membros, dos quais 69 pertencem à Rede Europeia de Geoparques.

A Rede Mundial de Geoparques providencia uma plataforma de cooperação e de troca entre peritos e técnicos em questões de património geológico. Sob o chapéu da UNESCO e através da cooperação com os parceiros da Rede Mundial, importantes sítios geológicos nacionais ganharam reconhecimento mundial e beneficiam da troca de conhecimento (SILVA, 2009). Esta rede reúne-se a cada dois anos, funcionando através da operação de redes regionais, como a Rede Europeia de Geoparques (EGN). Esta última reúne-se duas vezes por ano para desenvolver e promover atividades conjuntas. A Rede Mundial de Geoparques e a Rede Europeia de Geoparques continuam a expandir-se, atraindo novas especialidades e conhecimentos de todas as partes do mundo e de diferentes culturas.

A missão desta rede de colaboração e trabalho é influenciar, encorajar e ajudar as sociedades locais em todo o mundo a conservar a integridade e a diversidade da natureza abiótica e biótica, para garantir que qualquer uso dos recursos naturais seja equitativo e sustentável, e para apoiar o desenvolvimento económico e cultural das comunidades locais, através da valorização da sua identidade e património único. Destina-se a aumentar o valor desses sítios e, ao mesmo tempo, criar emprego e promover o desenvolvimento económico regional e local.

A Rede Mundial de Geoparques conta neste momento com 169 Geoparques em todo o mundo, disseminados por 44 países (Figura 4).



Figura 4 - Mapa de Geoparques Mundiais da UNESCO
Fonte: UNESCO, 2021

Esta rede tem como objetivo promover o conhecimento e compreensão da natureza, função e papel dos Geoparques Mundiais, ajudar as comunidades a entender a importância de valorizar e preservar o seu património, estimular o conhecimento sobre questões das geociências e a sua relação com as questões ambientais e os riscos naturais, assegurar um desenvolvimento sustentável, promover ligações multiculturais entre o património, a conservação e a manutenção

da diversidade geológica e cultural, utilizando esquemas participativos de parceria e gestão, estimular a investigação e promover iniciativas conjuntas entre os Geoparques Mundiais (GLOBAL GEOPARKS NETWORK, 2021).

4. O Turismo nos Geoparques Mundiais da UNESCO

Hoje é incontornável a importância da marca UNESCO para o desenvolvimento turístico de vários territórios. As diferentes classificações desta organização são cada vez mais objeto de ambição por parte dos territórios, seja relativa ao Património da Humanidade, material ou imaterial, às Reservas da Biosfera ou, muito mais recentemente, aos Geoparques Mundiais. Na verdade, qualquer uma destas classificações tem na sua génese um objetivo claro, a salvaguarda de um património comum, que urge ser preservado e utilizado como alavanca para o desenvolvimento. Sendo o turismo uma atividade e um fenómeno de apropriação, estes locais classificados pela UNESCO assumem-se como importantes destinos de atratividade turística pela história que encerram, pelo significado das paisagens ou pela relevância do seu património natural biótico ou abiótico.

A marca UNESCO e os seus diversos programas e classificações têm ganho relevo e visibilidade graças aos inúmeros sítios e territórios distinguidos por esta Organização, mas nem sempre é explicada a sua importância e objetivos. Todavia, mesmo sem saber com profundidade do que se trata, a marca UNESCO é sinónimo de segurança, qualidade e confiança. A UNESCO é a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura e foi criada em 1945, com objetivos bem definidos: contribuir para a paz, desenvolvimento humano e segurança no mundo. Esta organização conta com diferentes classificações como o Património Mundial, as Reservas da Biosfera e os Geoparques Mundiais. Mas afinal o que estas classificações têm de tão importante e qual a sua relevância para o Turismo? Elas pretendem responder e contribuir para a conservação e a salvaguarda de um lugar ou território, gerando dessa forma uma maior notoriedade e, conseqüentemente, atratividade do ponto de vista turístico, pelo reconhecimento internacional que a classificação dá aos sítios e lugares distinguidos.

No caso concreto dos Geoparques Mundiais da UNESCO, o objetivo central passa pela preservação de todo o património existente, com especial enfoque no Património Geológico.

Os Geoparques são territórios com um valor patrimonial e cultural único, que é trabalhado em prol da comunidade, colocando a marca UNESCO ao serviço da valorização e promoção dos territórios. A classificação de um território como Geoparque Mundial da UNESCO tem impactes diretos no turismo, contribuindo para a disseminação do território, dando-lhe escala e uma maior notoriedade.

O turismo é uma atividade que atribui aos territórios uma visibilidade acrescida, proporcionada neste caso, pela marca UNESCO. Este aumento da notoriedade origina vários fenómenos turísticos, como uma maior procura e valorização por parte dos turistas, um crescimento das receitas por parte das diversas empresas ligadas ao setor turístico, um maior número de fluxos e por último, mas não menos importante, a criação de um maior número de postos de trabalho. Será que estes argumentos são assim tão importantes? Obviamente que sim. Os Geoparques Mundiais da UNESCO constituem territórios onde paisagens de importância geológica internacional são geridos com um conceito holístico de proteção, educação e desenvolvimento sustentável, potenciando elementos diferenciadores, como é o caso da sua própria Geologia. A relação entre os Geoparques e o Turismo é inequívoca, quer pela riqueza que geram, quer pela melhoria de condições de vida que proporcionam às populações locais, permitindo-as viver e trabalhar no local onde cresceram, sobretudo porque na base desta classificação está uma estratégia de promoção do turismo sustentável, de valorização do potencial endógeno.

O Estrela Geopark é um exemplo claro do que falámos anteriormente, este é um território que desde sempre viu o seu turismo associado à neve, no entanto, com a classificação de Geoparque Mundial da UNESCO podemos comprovar que o património existente é imenso, passando pelas suas potencialidades a nível geológico, geomorfológico, ecológico e cultural, colmatando desta forma a sazonalidade desde sempre associada a este território. Em pleno verão, a Serra da Estrela tem uma oferta bastante diversificada, desde as suas praias fluviais, os percursos pedestres, a visita aos geossítios e ainda espaços museológicos. Neste sentido, tal como acontece com os sítios classificados como Património Mundial, também os Geoparques Mundiais têm um impacte bastante positivo no território, beneficiando da marca UNESCO, cuja relevância internacional capacita a Estrela¹ com uma maior atratividade, conferindo aos territórios e aos seus gestores uma maior responsabilidade na conservação ambiental,

¹ Serra da Estrela, designada adiante como Estrela.

patrimonial e sociocultural, favorecendo uma maior segmentação dos seus mercados turísticos, diversificando os produtos turísticos, transformando a Estrela num destino de todo o ano e das 4 estações, através de uma aposta clara no turismo científico, educativo, de saúde e bem-estar e de natureza.

O Turismo é uma das áreas estruturantes de qualquer território classificado pela UNESCO, pois através deste setor é possível aliar as componentes científicas a diversos produtos turísticos, tal como abordámos anteriormente. A atividade turística é capaz de estimular a criação de uma forte identidade assente nas características naturais e culturais existentes, em plena associação com uma estratégia de desenvolvimento territorial e de Geoturismo.

Capítulo IV – Estrela Geopark Mundial da UNESCO

1. Paisagem da Estrela

1.1 Geologia e Geomorfologia

A paisagem do Estrela Geopark é, hoje, o resultado de um conjunto amplo de fatores que originou a sua evolução, conferindo a estrutura paisagística que hoje conhecemos. Neste conjunto de elementos, naturais e antropogénicos, os relacionados com a Geologia e a Geomorfologia merecem um particular destaque, não fosse este território um Geoparque Mundial. Como tal, é importante que aqui possamos elaborar uma síntese das principais características geológicas deste território, cuja história diz respeito a mais de 600 milhões de anos.

Localizada na Zona Centro Ibérica, a Serra da Estrela corresponde ao eixo do orógeno varisco, numa clara continuidade da Cordilheira Central Ibérica da qual destacamos as Serras de Guadarrama, Gredos e Gata, do lado espanhol que se prolonga para Portugal com as serras da Estrela, Açor e Lousã, com particular destaque para a primeira. Este maciço varisco resultou da colisão continental, após o fecho e posterior abertura dos oceanos Rheic e Paleothehys (RIBEIRO, 2013). Os processos tectónicos que se seguiram deram origem, então, ao supercontinente Pangeia, tal como refere o mesmo autor. Este período, correspondente à orogenia varisca, que ocorreu entre os 420 e os 290 M.a., foi marcado pela ocorrência de metamorfismo e magmatismo, resultando numa extensa formação de rochas graníticas, ainda hoje evidentes na paisagem da Estrela. Aliás, a grande maioria dos granitos da Estrela, correspondentes à Zona Centro Ibérica apresentam idades aproximadas entre os 310 e 290 M.a., à exceção do granito de Manteigas, com idade superior a 480 M.a., correspondendo a uma orogenia anterior à varisca (NEIVA *et al.*, 2009).

No final deste período da História Geológica da Estrela, o Maciço Ibérico foi altamente deformado pela tectónica, dando origem a inúmeros sistemas de falhas, alguns com forte relevância para a evolução geomorfológica do Estrela Geopark. No Cretácico inferior, entre os 145 e os 100 M.a., verificou-se uma rotação anti-horária da Península Ibérica, em resultado da abertura do Golfo da Gasconha, formando a microplaca ibérica (Ribeiro, 2013). Já durante a

orogenia alpina, período no qual ainda nos encontramos, a ação de compressão causada pela colisão da placa africana, facto que se iniciou entre os 34 e os 23 M.a., originou a reativação de estruturas tectónicas variscas, provocando o soerguimento do Sistema Central Ibérico, anteriormente referido. O resultado destes movimentos tectónicos foi a formação de uma extensão *horst* (bloco soerguido), com uma estrutura “pop-up” ao longo de um sistema de falhas paralelas, provocando abatimento e soerguimento de blocos, facto que justifica a subida da Serra da Estrela (*horst*) em contraste com os blocos abatidos da bacia do Mondego, a noroeste (*graben*), e da Cova da Beira, a sudeste (*graben*) (RIBEIRO *et al.*, 1990).

Esta pequena síntese da História Geológica da região em que se enquadra a Serra da Estrela, mostra bem a importância que a geologia (Figura 5) tem na sua paisagem, condicionando em larga medida outros fatores como o clima, a biodiversidade ou a ocupação humana, porém o mais original fenómeno, e talvez aquele que mais contribui para as características da Serra da Estrela, foi a última glaciação e a sua originalidade.

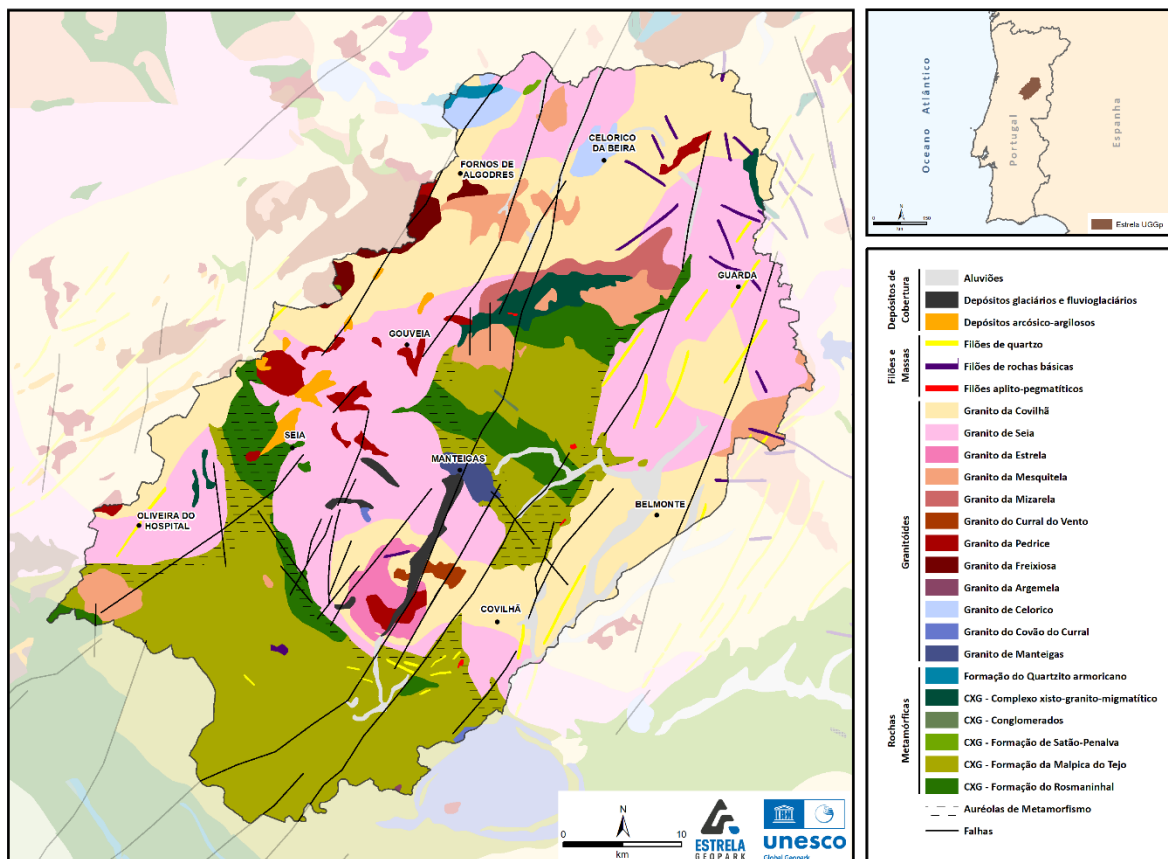


Figura 5 - Mapa Geológico do Estrela Geopark
 Fonte: Associação Geopark Estrela

O posicionamento geográfico da Serra da Estrela, a principal barreira para as massas de ar húmido provenientes do Atlântico, assim como a altitude do Planalto Ocidental, entre os 1400 e os 2000 metros de altitude, determinaram a glaciação da Serra da Estrela (VIEIRA, 2004, 2008). As oscilações verificadas nomeadamente com a descida da linha de equilíbrio, abaixo da altitude do Planalto originou uma extensa área propícia à acumulação de neve e gelo, em quantidade suficiente para a formação de um campo de gelo – glaciário de planalto. Os diversos vales em torno do planalto favoreceram também a canalização de gelo ao longo destes, levando à formação de vários glaciares de vale. De facto, durante o Pleistocénico, entre os 3 aos 0,01 M.a., a Estrela apresentou uma grande sensibilidade à variabilidade climática, pelas razões anteriormente expostas, tal como refere Vieira em 2008. O máximo da última glaciação na Serra da Estrela terá acontecido há 30 mil anos BP, altura em que o planalto ocidental da Estrela se encontrava coberto por um planalto de gelo com vários glaciares de vale, sendo o do Zêzere o que representava maior extensão, com cerca de 11,3 km. Este campo de gelo terá ocupado uma área de cerca de 66 km², apresentando uma espessura de cerca de 90 metros no planalto da Torre e 340 em pleno Vale do Zêzere. O resultado das últimas datações por termoluminescência de sedimentos fluvioglaciários mostram que os glaciares se mantiveram até há cerca de 14 mil anos BP, havendo igualmente vestígios de uma glaciação anterior à última, na área da Lagoa Seca com aproximadamente 40 mil anos BP (VIEIRA *et al.*, 2021).

Como facilmente se pode compreender, os glaciares deixaram marcas erosivas ao longo de grandes extensões, expondo o substrato granítico no planalto ocidental e nas cabeceiras de vale, levando à formação de diversas formas glaciárias, ainda hoje visíveis na paisagem, como rochas aborregadas, superfícies polidas, estrias e caneluras, bem visíveis nas Salgadeiras ou na Lagoa Comprida. Os setores entre o planalto e os principais vales glaciários são caracterizados pela presença de circos glaciários bem preservados, em especial nas vertentes este, onde a acumulação nival foi favorecida pelos ventos de oeste, como é o caso dos Covões Cimeiro e do Ferro.

Uma das formas que melhor caracterizam a paisagem da Estrela são os vales glaciários, com vertentes bastante abruptas e uma forma transversal em U, tal como acontece no Vale Glaciário do Zêzere, aquele que apresenta características mais bem definidas. Acima dos 1500 metros são abundantes as bacias de sobreescavação, encontrando-se hoje preenchidas por depósitos pós-glaciários, formando, não raras vezes, solos turfosos. De facto, estas marcas apresentam

uma enorme relevância no contexto do Estrela Geopark, não só pela influência que tem na paisagem, como também pela importância ecológica, ambiental e climática que apresentam.

Como vimos nos parágrafos anteriores, a geologia e a geomorfologia condicionam em larga medida o carácter e a unicidade da paisagem estrelense, não só pela sua evolução tectónica, como também pelas diferenças litológicas observadas entre as áreas de menor altitude, onde predominam as rochas do complexo xistograuváquico e as de maior altitude, predominadas pelos granitos.

Nesta complexa dinâmica paisagística, os fenómenos mais recentes foram determinantes para a fisionomia atual, nomeadamente o encaixe da rede hidrográfica e os processos glaciários e periglaciários. Hoje, a Estrela é uma mescla de contrastes, explicados pela sua história e pela dinâmica geológica e geomorfológica, originando locais de interesse geológico, verdadeiros elementos patrimoniais deste território.

1.2 Biodiversidade

Como vimos no ponto anterior, a estrutura da paisagem é o reflexo de múltiplos fatores fortemente influenciados pelas características dadas pela geologia e geomorfologia, com forte impacto na variedade climática e por consequência na própria biodiversidade. Não podemos, contudo, negligenciar a importância da própria rede hidrográfica nesta equação, não só porque esta é fundamental para a compreensão de algumas formas de relevo, mas também pela sua determinante importância na fixação de espécies naturais e do próprio Ser Humano. Neste contexto, destacamos os rios Mondego, Zêzere e Alva enquanto corredores ecológicos relevantes e que secularmente têm sido aproveitados pelas próprias comunidades para a sua fixação. Paralelamente, as espécies de fauna e flora que caracterizam a paisagem da Estrela estão fortemente dependentes desta rede e da importância que a água tem nestes ecossistemas. De facto, a longa história geológica da Serra da Estrela originou um território profundamente heterogéneo, traduzido pela variabilidade altitudinal com valores entre os 350 metros no médio Mondego e 1993 metros no alto da Torre, favorecendo contrastes relevantes e variabilidades climáticas assinaláveis, consequência, também, da proximidade ao Atlântico e também na sua influência no desenvolvimento de uma grande diversidade de ambientes, que contribuem para

a existência de uma grande biodiversidade, fortemente dependente das próprias mudanças ambientais que ocorrem na Serra da Estrela (Figura 6).

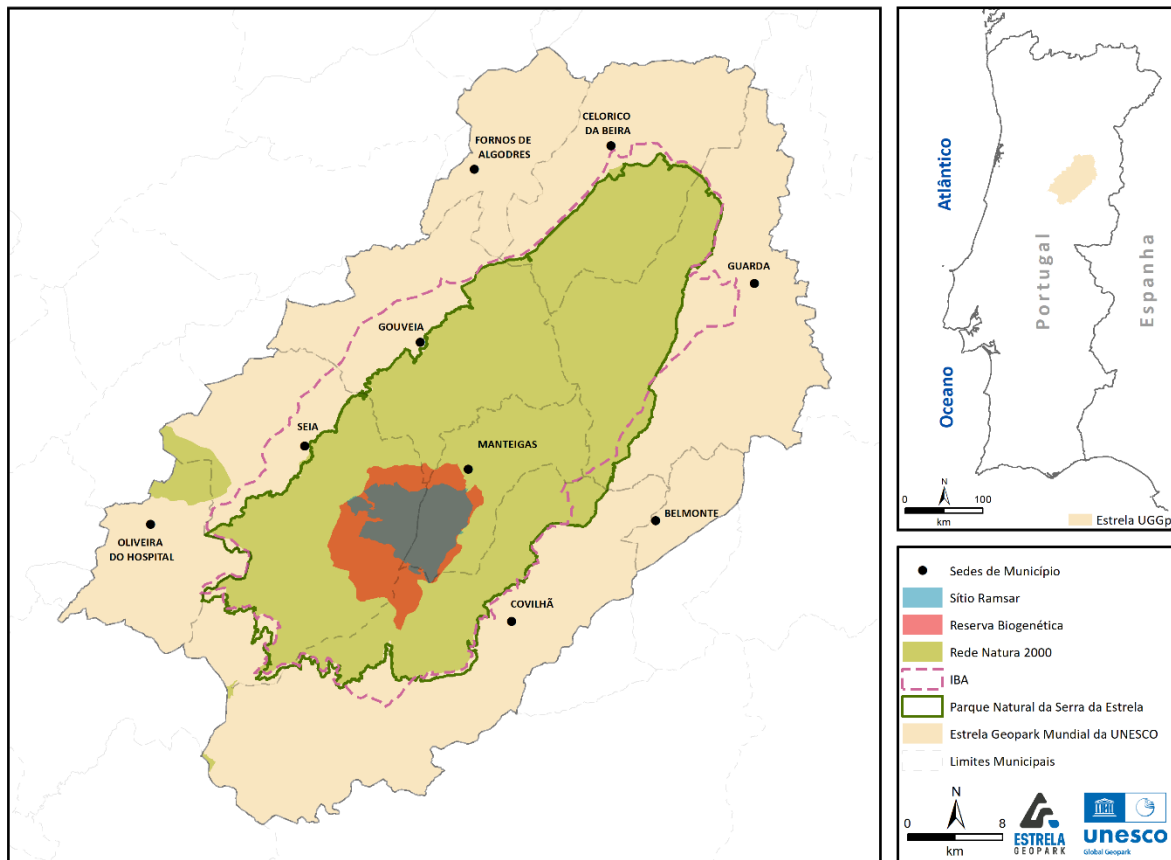


Figura 6 - Mapa da Biodiversidade do Estrela Geopark
 Fonte: Associação Geopark Estrela

Nos diferentes ambientes da Serra da Estrela, encontramos uma variedade de habitats que abrigam uma grande diversidade de espécies de fauna e flora, resultantes das variações do clima e do substrato rochoso durante milhões de anos. O relevo mais austero à fixação humana contribui, de igual modo, para que a biodiversidade hoje existente na Estrela fosse, por essa via, mais preservada, razão que justifica em alguns casos a existência de espécies endémicas neste território. Assim, em toda a área do Estrela Geopark podemos observar 70% de todas as espécies de anfíbios que existem em Portugal Continental, bem como 75% de todas as espécies de morcegos nacionais. Não estranha também, que esta seja a região com maior riqueza de briófitos no país, com 110 espécies, das quais 82 estão ameaçadas. Para além destas encontramos ainda um terço de todas as plantas portuguesas e aproximadamente 40 espécies de mamíferos, 150 espécies de aves e 30 espécies de répteis e anfíbios (JANSEN, 2002).

No contexto da Serra da Estrela, o planalto superior apresenta uma biodiversidade ímpar, abrigando algumas das espécies e subespécies endémicas deste território, ou seja, que não podem ser encontradas em nenhum outro lugar do mundo. O endemismo resulta de uma evolução das espécies, que devido a diferentes fatores ficaram confinadas a uma determinada área geográfica. No caso da Serra da Estrela, a evolução climática favoreceu a “subida” das espécies em altitude, facto que não se verificou em outras geografias. Deste modo, os endemismos em ambientes de montanha estão normalmente associados ao isolamento de algumas populações de seres vivos, com maior exigência face ao seu habitat. A sua adaptação a ambientes mais austeros, durante milhões de gerações acaba por definir novas espécies, como é o caso da lagartixa da montanha (*lacerta monticola monticola*), restrita à Serra da Estrela e a ambientes acima dos 1400 metros de altitude. A riqueza biológica deste território está patente nos diferentes estatutos de conservação, nomeadamente a de Parque Natural, classificado em julho de 1976 e que ocupa 40% da área total do Estrela Geopark. Este importante estatuto de conservação, que reconhece os valores biológicos e geológicos da Serra da Estrela, é reforçado pela integração deste espaço em diferentes redes de conservação da natureza internacionais, como a Rede Natura 2000, com a criação do sítio de interesse comunitário da Serra da Estrela, assim como a integração do planalto superior e do Vale Glaciário do Zêzere na Rede de Reservas Biogenéticas do Conselho da Europa em 1993 e 2005 respetivamente. Nesta data, foram igualmente incluídos na lista de Zonas Húmidas de Importância Internacional, resultantes da convenção RAMSAR os setores mais elevados da Serra da Estrela, como são exemplo a Nave de Santo António ou as Salgadeiras. A classificação da Estrela como Geopark Mundial da UNESCO, em julho de 2020, veio reforçar a importância deste território enquanto refúgio de valores naturais, mas também o reconhecimento internacional da integração holística entre a Geodiversidade, Biodiversidade e Ocupação Humana.

Em suma, a biodiversidade do Estrela Geopark é o corolário da própria dinâmica desta Montanha, evidenciando fortemente os ambientes típicos dos territórios montanhosos, a importância da interceção das linhas de água, assim como a variabilidade altitudinal e, consequentemente climática. O modo como estes fatores se relacionam e se alteram temporal e espacialmente, originam um mosaico paisagístico fundamental para a compreensão dos valores ecológicos da Serra da Estrela, os quais têm sido fortemente afetados pelos incêndios rurais e florestais, como os que ocorreram em 2017, que afetaram 23% de toda a área deste Geopark.

2. Património Geológico

O Património Geológico do Estrela Geopark constitui o reflexo da longa evolução deste território, evidência da sua importância, não só científica como também educativa, ecológica ou turística. A identificação de determinados ²locais, sítios ou paisagens como património atribui aos mesmos um carácter de pertença indissociável das próprias comunidades que lhe atribuem valor. Na verdade, com esta classificação estamos a reconhecer o valor destes locais, assumindo-os como parte de um todo, ou seja como parte de uma comunidade maior, ao invés do seu carácter individual. Se pensarmos no vocábulo património reconhecemos que na sua origem (pátria) está esta noção de pertença e de valor, reconhecido por um grupo de indivíduos que lhe conferem dimensão e originalidade. Portanto, reconhecer locais de interesse geológico como património é conferir-lhes valor e promover uma valorização que, por consequência, origina uma maior preocupação com a própria preservação. Deste modo, os recursos geológicos, outrora negligenciados ou pouco valorizados são assim objeto de reconhecimento, colocando-os como recursos tangíveis de desenvolvimento não só pelo seu valor científico ou educativo, como pela capacidade indutora de gerarem riqueza para as comunidades locais. De facto, este é o princípio basilar de um Geoparque Mundial da UNESCO: o reconhecimento do valor da sua geologia, identificada e classificada patrimonialmente, de modo a que estes valores possam constituir e integrar uma estratégia mais ampla de desenvolvimento territorial.

Neste contexto, o Estrela Geopark procedeu à inventariação, caracterização e classificação de 144 locais (Figura 7) distribuídos pelo território que, no seu conjunto ajudam a contar a história natural da Serra da Estrela, a sua evolução e o seu valor, contribuindo deste modo para a disseminação da geoconservação e para a promoção do desenvolvimento sustentável.

² A identificação do património geológico não obedece a uma escala definida à partida, pelo que podemos encontrar elementos ou formações observáveis no local circunscrito ou caracterizadores de uma paisagem geograficamente mais ampla, como acontece em muitos dos geossítios do Estrela Geopark.

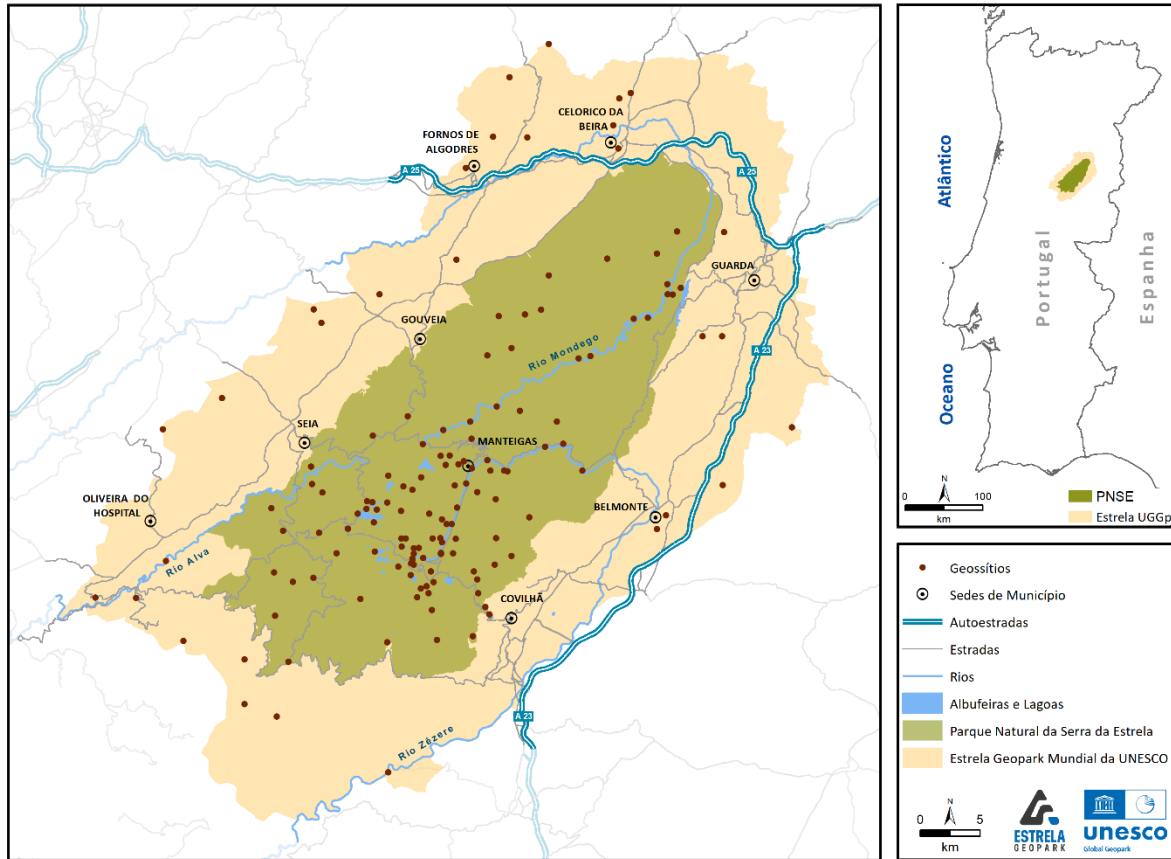


Figura 7 - Mapa dos Geossítios
 Fonte: Website do Estrela Geopark

Neste processo de identificação dos locais de interesse geológico, hoje reconhecidos pela UNESCO como património, foram identificados e estruturados em diferentes tipologias, em função da sua génese, das suas características paisagísticas e do próprio valor científico que os caracteriza (Figura 8).

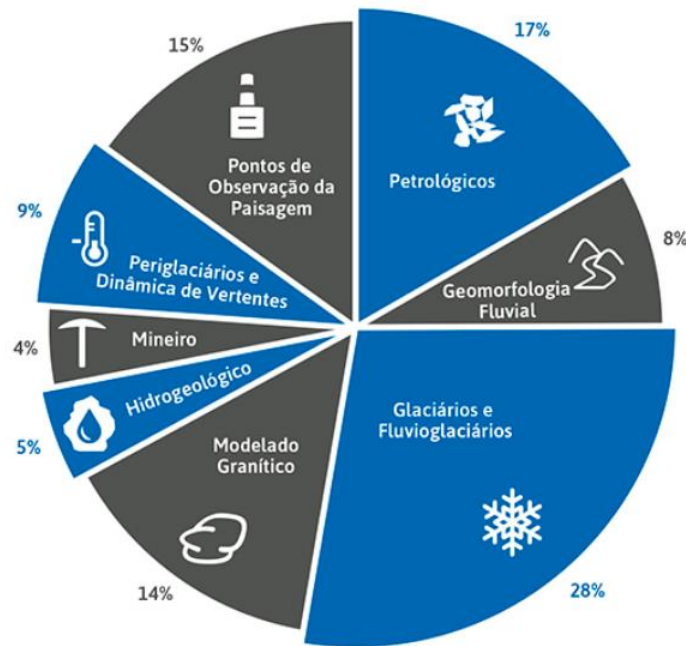


Figura 8 - Tipologias dos Geossítios
 Fonte: Website do Estrela Geopark

Tal como se pode depreender do dossier de candidatura da Estrela a Geoparque Mundial da UNESCO, o grupo mais representativo de locais de interesse geológico é o que se relaciona com os processos glaciários e fluvioglaciários. Com cerca de 35 elementos patrimoniais, aqui encontramos os principais valores que estiveram na base da candidatura e hoje na base da gestão do próprio território como Geoparque. Identificamos neste conjunto de locais as formas relacionadas com a erosão e acumulação glaciária como os vales glaciários, os vales suspensos, os covões, os circos glaciários, as moreias e os locais com abundância de formas de erosão de pormenor (Figura 9).



Figura 9 - Vale Glaciário do Zêzere

Próximo desta história geológica, contada pelas marcas da última glaciação encontramos igualmente as evidências periglaciárias, amplamente associadas aos climas frios do Quaternário, assim como à dinâmica de vertentes. Este conjunto de geossítios³ (locais de interesse geológico) resulta da ação permanente do frio (temperaturas muito baixas), não necessitando da existência generalizada de água em estado sólido, ao contrário dos anteriores, para sua formação. Na paisagem da Estrela, estes elementos patrimoniais são visíveis nas cascalheiras, como as Cascalheiras do Alto da Pedrice, os depósitos estratificados de vertente ou os cones de detritos, como facilmente observamos, por exemplo, ao longo do Vale Glaciário do Zêzere. Estes locais ajudam-nos, portanto, a compreender a dinâmica geomorfológica do território, os processos que a originam e a influência dos diferentes fatores para a sua evolução. Aliás, este é um dos objetivos dos geossítios, contar histórias capazes de fomentar um maior conhecimento da geodiversidade e, com isso, promover a sua valorização e preservação (Figura 10).

³ Geossítios, elementos de património geológico e locais de interesse geológico são sinónimos.



Figura 10 - Cascalheiras do Alto da Pedrice

Uma categoria bastante representativa no território do Estrela Geopark é o conjunto de formas associadas ao modelado de alteração granítica, quer sejam as macroformas ou as microformas. Em relação às primeiras podemos referir o caso do Inselberg de Belmonte, o mais perfeito em todo o território do Geoparque, assim como, em menor escala as formas em Tor ou em Castle Koppies (FERREIRA E VIEIRA, 1999). Relativamente aos segundos destacamos as bolas graníticas ou as rochas antropomórficas ou zoomórficas, assim como as pequenas pias que o tempo ajudou a formar nos incontáveis blocos graníticos disseminados pela paisagem (Figura 11).



Figura 11 - Fraga da Pena

Tal como referido nos pontos anteriores, a incisão dos cursos de água foi determinante para a evolução da paisagem atual, originando igualmente alguns locais que pela sua natureza científica e/ou turística merecem o estatuto de património geológico. Falamos portanto, dos geossítios de origem fluvial, em larga medida condicionados pela tectónica e pelas características lito-estruturais do território. Neste conjunto de geossítios incluímos as formas de grande escala como o Vale de Alvoco (o maior vale da Serra da Estrela) ou de menor dimensão como os “sumos” ou as marmitas de Gigante, bem evidentes nos leitos do Mondego ou na ribeira de Loriga (Figura 12).



Figura 12 - Sumo da Caniça

No contexto ainda do património hidrogeológico foram incluídos igualmente locais referentes às águas em profundidade, os quais evidenciam de forma plena a relação entre as águas meteóricas, a sua alteração e os processos tectónicos. Esta relação origina águas de origem mineral e/ou termal que secularmente têm sido exploradas no território para comercialização ou uso terapêutico. Neste contexto, podemos dar como exemplos a nascente Paulo Luís Martins ou as termas de Manteigas e Unhais da Serra, ambas no alinhamento tectónico da falha da Vilarica (Figura 13).



Figura 13 - Fonte Paulo Luís Martins
Fonte: Facebook do Estrela Geopark (agosto 2021)

As questões petrológicas estão também bem patentes em toda a área do Estrela Geopark, contribuindo para a geodiversidade deste território e para a sua melhor compreensão, associando-se a este grupo de geossítios os estratigráficos, mineralógicos ou os tectónicos. Deste modo, a identificação destes locais permitem-nos compreender melhor os processos que estão na génese das rochas, facilitando o estabelecimento da relação entre o substrato geológico, as formas de relevo e o desenvolvimento da paisagem observada atualmente na Estrela. Podemos identificar como exemplos as formações metassedimentares, as rochas, ou conjunto delas, resultantes de metamorfismo de contacto ou regional, ou mesmo os filões de quartzo, como aqueles que observamos em Folgosinho ou no Seixo Branco, nas Penhas Douradas (FERREIRA E VIEIRA, 1999) (Figura 14).



Figura 14 - Filão de Quartzos de Folgoso
Fonte: Facebook do Estrela Geopark (agosto 2021)

Com uma associação quase direta a estes últimos, encontramos a categoria de geossítios associados às minas e ao seu significado geológico e societal. Sendo parte integrante da cultura e das próprias dinâmicas socioeconómicas dos territórios, estes locais refletem o aproveitamento que da geologia se fez ou ainda se faz, permitindo compreender a importância destes recursos para as sociedades. Não estranha portanto o valor didático que estes locais de interesse geológico apresentam, permitindo não só compreender a forma como os recursos geológicos foram valorizados ao longo da história, como também os problemas ambientais ou as questões sociais associadas às práticas mineiras bem presentes, sobretudo no setor sudeste do território, ainda hoje encontramos minas em atividade como as importantes Minas da Panasqueira ou desativadas e hoje objeto de reestruturação, como é o caso das Minas da Recheira (Figura 15).



Figura 15 - Minas da Recheira
Fonte: Facebook do Estrela Geopark (agosto 2021)

Por fim, o Estrela Geopark inventariou um conjunto de locais que refletem a importância da paisagem enquanto livro que se abre diante de quem o observa. Os pontos de observação da paisagem, que representam 15% do conjunto dos geossítios estão associados à rede de miradouros do território, correspondendo a locais ideais para compreender processos tectónicos e morfo-estruturais que estão na origem do relevo da Serra da Estrela. Estes geossítios permitem-nos uma abordagem holística da paisagem e da relação entre o património natural e ocupação humana, com mais de 7 mil anos de presença no território. Muitos são os exemplos que poderíamos referir, destacando-se entre eles os Miradouros dos Carqueijais, do Santo Estevão ou do Fragão do Corvo) (Figura 16).



Figura 16 - Miradouro dos Carqueijais

Como facilmente se compreende, o conjunto do património do Estrela Geopark constitui os vértices de uma rede territorial que promove a geodiversidade, o seu conhecimento e as dinâmicas de desenvolvimento associadas. No conjunto desta quase centena e meia de locais, destacamos aqueles que pelas suas características científicas foram considerados pela UNESCO como de relevância internacional: Colunas graníticas do Covão do Boi, Vale Glaciário do Zêzere e Moreias da Lagoa Seca. Estes tal como todos os restantes são hoje trabalhados numa estratégia holística de preservação, valorização e aproveitamento turístico, identificando a geodiversidade como recurso passível de aproveitamento turístico, fomentando novas práticas de turismo sustentável, capazes de promover o desenvolvimento dos territórios em lógicas diferenciadoras como pode ser o caso do próprio Geoturismo.

3. Ocupação Humana e Cultura

A ocupação humana faz parte da génese de um Geoparque, sem a qual esta classificação não existiria. Na verdade, estamos perante uma estratégia que pretende relacionar a ocupação humana com o património geológico existente, estabelecendo relações e identificando formas de valorização. As paisagens atuais são, de facto, uma continuidade entre os fatores naturais e a forma como as comunidades se lhes foram adaptando, criando uma matriz cultural que faz parte da identidade dos próprios territórios e do seu património. A paisagem da Estrela é, como em muitas outras partes do país, fortemente marcada por esta presença humana, que aqui se fixou há mais de 7 mil anos, construindo um património cultural que é o reflexo desta longa história de ocupação e adaptação às características particulares desta Montanha (Figura 17).

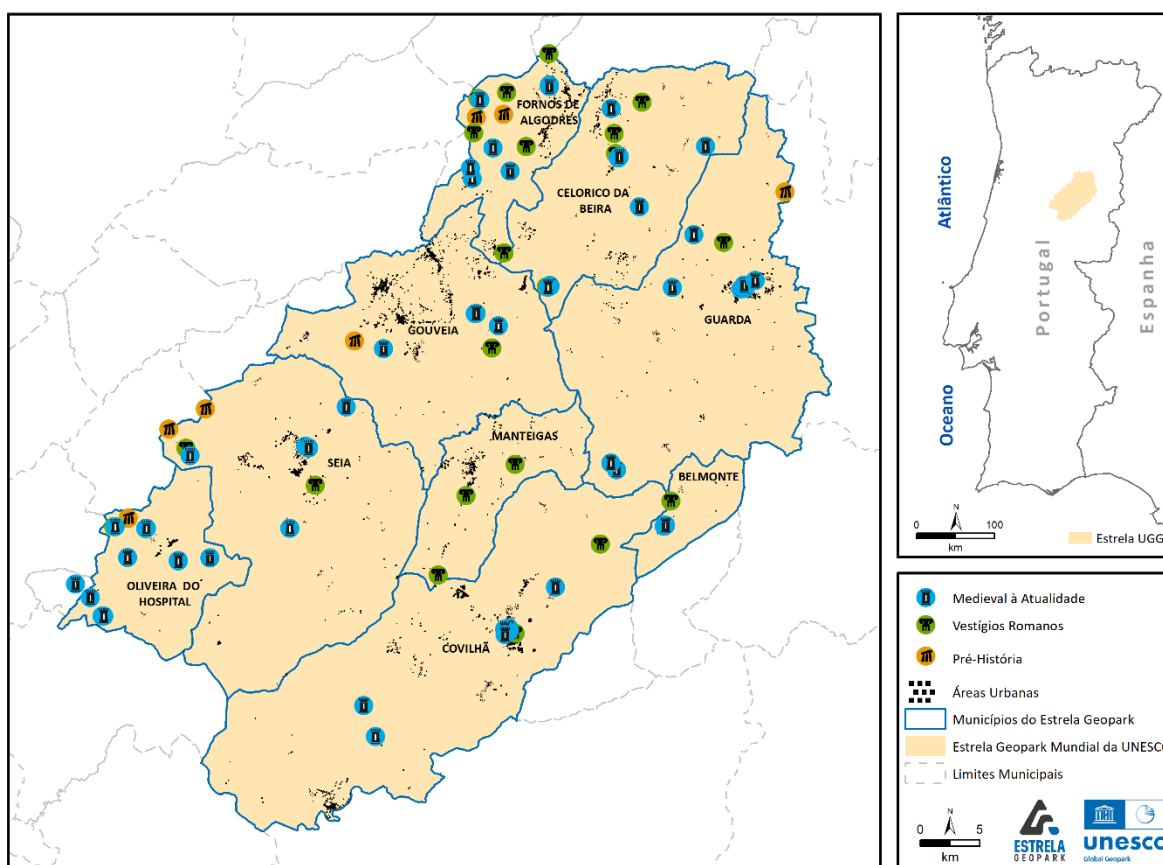


Figura 17 - Mapa da Ocupação Humana do Estrela Geopark
 Fonte: Associação Geopark Estrela

Podemos encontrar vestígios da presença humana na Serra da Estrela relativos ao período Pré-Histórico, do quinto milénio a.C., no Neolítico antigo. Neste período, o povoado era estruturado

em pequenas comunidades cuja economia assentava na caça, na recolha de frutos e na pastorícia migratória. Em relação a esta prática milenar, a pastorícia, sabemos hoje que entre os meses estivais e os de inverno pastores e gado percorriam a Serra da Estrela num sobe e desce constante à procura das pastagens mais ricas, capazes de originar o melhor leite destes ovinos. A importância deste período na Serra da Estrela é bem evidente na abundância de monumentos fúnebres megalíticos do vale do Rio Mondego, construídos de modo a que a Estrela fosse vista do interior das suas câmaras (SILVA, 2013). Aliás, a história desta Montanha e o seu topónimo estão intimamente relacionadas com esta prática pastoril transumante, uma vez que naquele tempo a estrela Aldebaran, visível no horizonte da Serra da Estrela no final de abril ou início de maio terá funcionado como um proto relógio indicando aos pastores que poderiam começar a grande subida da Estrela, marcando o início da estação mais quente neste território. Esta evidência estudada por Fábio Silva em 2013, mostra-nos a origem do topónimo da serra e da forte relação que a pastorícia e a transumância sempre tiveram com a cultura deste território serrano. Ao longo da história encontramos vestígios de diferentes civilizações nesta região, como os romanos, os árabes ou os visigodos. Na verdade, foi graças à ocupação romana que se desenvolveram as primeiras estruturas de organização e comunicação territoriais, nos então designados “Montes Hermínios”. Por outro lado, encontramos a influência árabe na cultura de pomares (ainda hoje predominante na Cova da Beira), nos sistemas de rega e nas técnicas de tecelagem, parte do intrínseco património cultural da Serra da Estrela. Paralelamente, as comunidades judaicas tiveram um papel predominante no desenvolvimento e generalização dos mercados e feiras regionais.

No período da implementação da nacionalidade (séc. XII), altura em que se definia a fronteira do país foram edificadas estruturas militares, ainda hoje bem presentes na paisagem da Serra da Estrela, como é o caso dos diferentes castelos ainda bem conservados e que assinalavam a vocação militar e defensiva de várias povoações deste Geoparque, como Celorico da Beira, Guarda, Linhares da Beira ou Belmonte.

De lá para cá, o povoamento da Serra da Estrela foi desenvolvido assentando numa estrutura agro-silvo-pastoril e mais tarde no próprio desenvolvimento das indústrias de lanifícios que tiveram o seu auge no século XX. Aliás, este foi o período de maior crescimento populacional da Serra da Estrela, a partir do qual se tem verificado um decréscimo demográfico significativo, consequência dos sucessivos fluxos migratórios, do êxodo rural e do envelhecimento

demográfico, o qual constitui hoje um dos principais problemas sociais deste território, tal como demonstram os resultados preliminares dos Censos 2021 (Quadro 1).

Quadro 1 - Dados comparativos da população residente no Estrela Geopark

Municípios	2001	2021	Variação
Belmonte	7 592 mil habitantes	6 204 mil habitantes	- 1398 (- 18,4%)
Celorico da Beira	8 875 mil habitantes	6 582 mil habitantes	- 2293 (- 25,8%)
Covilhã	54 505 mil habitantes	46 453 mil habitantes	- 8052 (- 14,8%)
Fornos de Algodres	5 629 mil habitantes	4 398 mil habitantes	- 1231 (- 21,9%)
Gouveia	16 112 mil habitantes	12 221 mil habitantes	- 3891 (-24,1%)
Guarda	43 822 mil habitantes	40 155 mil habitantes	- 3672 (- 8,4%)
Manteigas	4 094 mil habitantes	2 909 mil habitantes	- 1185 (-29%)
Seia	28 114 mil habitantes	21 759 mil habitantes	- 6355 (-22,6%)
Oliveira do Hospital	22 112 mil habitantes	19 421 mil habitantes	- 2691 (- 12,2%)

Esta perda populacional em todos os municípios serranos e refletida no quadro anterior demonstra bem a importância que as marcas do seu património cultural têm na Serra da Estrela, reflexo de diferentes períodos civilizacionais e da inserção de diferentes culturas no próprio território, traduzindo-se num conjunto de usos e costumes próprios e de uma arquitetura peculiar, originada por milhares de anos de ocupação. Hoje, a Serra da Estrela guarda este património nas suas calçadas ou pontes romanas, nos castelos medievais, nos pelourinhos, nos solares, nas casas rurais, reflexo de uma arquitetura vernacular, todos estes exemplos testemunhos da ocupação humana e do importante legado que chegou até à geração atual, evidenciando, incontornavelmente, a dureza da relação com um território de Montanha, como é a Estrela. Esta relação é evidente no aproveitamento das rochas graníticas ou de xisto para a

construção das habitações ou nas atividades tradicionais da pastorícia, da agricultura de montanha, como é exemplo Casais de Folgoso, o Campo Romão e os têxteis que outrora fervilhavam nas cidades em crescimento como foi exemplo a Covilhã.

Na verdade, podemos dizer que a Serra da Estrela terá sido a mais pastoril entre as regiões de montanha em Portugal, onde em tempos deambulavam milhares de cabeças de gado ovino e caprino, dando origem, a um dos produtos a alguns dos produtos mais identitários deste território, o Queijo da Serra da Estrela, o Burel ou o Cobertor de Papa. Hoje, estas práticas são já uma ténue lembrança do passado embora ainda muito presente na cultura, nas tradições, nos modos de vida e na própria estrutura de povoamento deste território. A gastronomia é, por isso, um dos últimos redutos desta influência cultural que marca a unicidade da Serra da Estrela, em paralelo com o artesanato, as tradições orais, as danças ou o folclore. Hoje, fazem parte das estratégias de valorização cultural e do próprio trabalho do Estrela Geopark a promoção de produtos autóctones como o leite de ovelha, o requeijão e o queijo da serra, o pão de centeio e a broa de milho, o borrego e o cabrito ou o mel de urze, colhido em muitas das encostas da Serra da Estrela. Este é um legado indissociável do presente, que reflete a ocupação milenar deste território e o modo como a Montanha foi um dos maiores obstáculos, mas também o principal recurso das suas gentes.

Além da cultura pastoril existente, associada à Serra da Estrela surge um momento único na história de Portugal, a primeira Expedição Científica à Serra da Estrela que decorreu em 1881, organizada pela Sociedade de Geografia de Lisboa. A 1 de agosto de 1881, partiu de Santa Apolónia um grupo de 42 expedicionários, com objetivo de descobrir alguns dos mistérios que estavam por detrás desta grande montanha. Um dos expedicionários desta altura seria o médico Sousa Martins, o qual veio mais tarde, em 1907 inaugurar o Sanatório da Guarda. A construção deste sanatório teve origem nas pesquisas que foram feitas e que mostraram que a zona da Serra da Estrela oferecia condições propícias à cura da Tuberculose (DAVEAU, 1981).

A Expedição Científica resulta de um esforço coletivo de um grupo homens, que percorreram durante 15 dias de trabalho árduo um território completamente desconhecido, onde foi possível completar um estudo científico que marcaria a história da serra da Estrela.

Podemos concluir que a Serra da Estrela é um território com um vasto património cultural associado a uma geologia e geomorfologia particulares, onde o efeito da altitude foi e é o grande

elemento diferenciador desta Montanha. Dela nasceram modos de vida peculiares, formas arquitetónicas de adaptação e tradições que se vertem das mais diversas formas. Hoje, é fundamental identificar, inventariar e conhecer este património, tornando-o visível aos olhos das suas comunidades e dos que visitam esta Montanha. No seu conjunto, os quase 150 mil residentes que habitam no Estrela Geopark são o principal desígnio deste território, em torno dos quais são trabalhadas estratégias de promoção, valorização e interpretação patrimoniais numa relação, perpetuada pelo tempo entre as características naturais da Estrela, e as suas gentes, os povos serranos.

4. Áreas de atuação e estratégia de desenvolvimento

Tal como já referimos anteriormente, os Geoparques Mundiais da UNESCO trabalham áreas comuns, como a Geoconservação, a Educação e a Ciência. No entanto, cada um destes Geoparques tem características diferenciadoras, capazes de serem trabalhadas nas mais diversas áreas. Neste sentido, o Estrela Geopark Mundial da UNESCO assume seis áreas de atuação essenciais, como: 1) Geoconservação e Património Geológico, 2) Ciência e Investigação, 3) Turismo e Desenvolvimento Comunitário, 4) Promoção, Comunicação e Divulgação, 5) Educação e Formação e 6) Ambiente e Sustentabilidade. Todos estes eixos demonstram uma clara preocupação com o envolvimento das comunidades, o reforço e aprofundamento da ciência e o desenvolvimento de um turismo mais sustentável para o território.

A Geoconservação é uma das áreas chave de atuação de um Geoparque em geral, uma vez que a preservação do património geológico constitui a base para a criação de estratégias de desenvolvimento sustentável aplicadas nestes territórios UNESCO. Importa referir que a temática da geoconservação não pode ser abordada de forma restritiva no que diz respeito à sua concretização, sendo necessária a aplicação de várias estratégias, transversais a diferentes áreas como a ciência, educação, turismo, comunicação ou desenvolvimento sustentável. De facto, pode afirmar-se que para o sucesso da estratégia de um Geoparque UNESCO, as diversas áreas necessitam que o património geológico seja preservado, tendo cada uma, por sua vez, o dever de contribuir para esta preservação. A Geoconservação deverá apresentar, portanto, uma estratégia holística, desde o meio abiótico ao biótico, assegurando que os procedimentos de gestão tenham em consideração a vulnerabilidade deste património natural.

A Ciência é outra área essencial, naquela que é a missão de um Geoparque. Esta classificação significa muito mais que a preservação e salvaguarda de um património geológico de relevância nacional e internacional. Possuir uma classificação UNESCO permite-nos trabalhar diversas áreas, de formas bastante distintas e com uma visão diferenciadora, e é precisamente isto que a Ciência consegue fazer nestes territórios. O objetivo do Estrela Geopark Mundial da UNESCO é conseguir colocar a ciência ao serviço das populações, dando a possibilidade de conhecer mais e melhor o território onde vivem. A Ciência neste Geoparque tem objetivos bem concretos como apoiar e promover a investigação e as infraestruturas existentes, gerar conhecimento através de recursos humanos qualificados, aproximando o sistema científico das atividades económicas, sociais e criativas, promover dinâmicas de inovação, mobilizando o potencial individual e coletivo, gerador de emprego, de valor económico, social e territorial (ESTRELA GEOPARK, 2020). Esta é uma área que se integra na perfeição na estratégia educativa e turística de qualquer Geoparque, pois através destas duas últimas, é possível levar o conhecimento científico a um público muito mais abrangente, através não só, de Programas Educativos, mas também na construção de Percursos Interpretativos.

A Educação e Formação é uma das áreas de atuação fundamentais do Estrela Geopark Mundial da UNESCO e esta constitui uma ferramenta fundamental para a sensibilização de crianças, jovens e adultos para a importância do património geológico e para a necessidade da sua preservação, uma vez que só se pode valorizar e, consequentemente, preservar aquilo que verdadeiramente se conhece. O trabalho que é feito através da Educação terá resultados sobretudo nas gerações vindouras, pois esta área ajuda a estimular a população mais jovem para as preocupações dos dias de hoje, com objetivo de as consciencializar para a importância da preservação de todo este património, não só o geológico, mas também o património cultural. O Estrela Geopark Mundial da UNESCO aposta fortemente na vertente educativo, através dos seus Programas Educativos *indoor* e *outdoor*, que possibilitam levar a todos um pouco do conhecimento sobre as Geociências presentes na Estrela, nomeadamente compreender a história e a evolução da Terra, das suas formas de relevo, da vida e das suas gentes. Todas as áreas de atuação de um Geoparque têm o seu grau de importância, no entanto é preciso referir que a Educação em Geoparques Mundiais da UNESCO vai para além das salas de aulas, a Educação é vertida em Programas Educativos Outdoor, em Percursos Interpretativos dedicados a turistas e ainda em pequenas atividades realizadas com a comunidade local. Levar o

conhecimento à população e conscientizá-la para a importância de determinados espaços e desta classificação é algo essencial, que nos permitirá desencadear aquilo que chamamos de “sentido de pertença”.

A Educação está vertida em todas as outras áreas de atuação presentes do território, e o Turismo é mais um exemplo disso. Hoje encontramos um turista com um perfil completamente diferente daquilo que estávamos habituados há uns anos a esta parte. O turista que encontramos hoje é uma pessoa muito mais informada, com um grau de abertura muito maior para novas experiências e para destinos completamente diferenciadores. Quando falamos na Serra da Estrela e nesta classificação UNESCO, estamos a enquadrá-lo num destino fora do normal, com ofertas turísticas sustentáveis, estruturadas, mas sobretudo inovadoras, quer pelas suas características geográficas, quer pela sua identidade e cultura única. Este é um território de muito conhecimento, que pode e deve ser aproveitado para fins turísticos.

O turismo é também um dos pilares do Estrela Geoparque Mundial da UNESCO pois através dos recursos existentes no território é capaz de gerar riqueza para os territórios e contribuir para a disseminação dos mesmos, potenciando uma melhor qualidade de vida às comunidades locais.

O destino turístico Serra da Estrela foi alavancado nos últimos anos, de forma errada, dando o principal enfoque em algumas das atrações, que em pouco caracterizam este território, pois contribuíram para uma diminuição da procura turística. Neste sentido, este Geoparque tem vindo a trabalhar fortemente no fomento de novos produtos turísticos, na estruturação de uma marca turística forte, na construção de rede de parceiros empresariais notável e ainda uma aposta clara na prática de um Turismo Sustentável que permita a preservação dos recursos. A aposta na divulgação e interpretação de todo o património é fulcral, pois permite proporcionar uma experiência mais enriquecedora para os visitantes.

Para além dos aspetos referidos anteriormente, o Turismo é uma área que estimula o conhecimento da identidade e culturas das comunidades locais, levando o turista a descobrir histórias, vivências e produtos que apenas existem no Estrela Geopark. Este reconhecimento pode levar a uma maior valorização de diversos elementos, capaz de gerar riqueza própria, que contribui em larga escala para a criação de novos postos de trabalho e numa melhoria das condições de vida. Este é um trabalho árduo e que só é possível se houver na sua base uma excelente estratégia de Comunicação.

Nos dias de hoje, comunicar constitui um imperativo dos territórios, seja como estratégias de divulgação, seja como forma de posicionamento em diferentes domínios do seu desenvolvimento. Em territórios classificados pela UNESCO, em particular os Geoparques, a comunicação assume uma importância acrescida, pois é necessário saber como devemos comunicar a Ciência, o conhecimento científico, os recursos patrimoniais e a cultura, trabalho que nem sempre é fácil. Torna-se necessário estruturar estratégias e processos capazes de interpretar e divulgar o património geológico, mas também de fomentar uma maior atratividade e um maior envolvimento das suas comunidades, levando-as a participar no próprio desenvolvimento do território. Neste sentido, esta é uma área fundamental na estratégia de qualquer Geoparque, tendo um papel de destaque na sua estratégia transversal de desenvolvimento dos Geoparques Mundiais da UNESCO. A comunicação trabalha de forma concertada todas as outras restantes áreas, dando-lhes a notoriedade necessária, através da sua divulgação e poder de atratividade.

No contexto ainda das áreas de atuação e das respetivas estratégias de desenvolvimento, este Geoparque procura afirmar-se como um território de ciência, educação e cultura, capaz de desenvolver estratégias de valorização e desenvolvimento que passem pela incontornável geoconservação, pela preservação do património geológico e não geológico, através da educação, da ciência, do turismo e da comunicação.

Capítulo V – A percepção do Geoturismo no Estrela Geopark

1. Significado e valor dos estudos da percepção

A metodologia é uma das chaves para o sucesso de qualquer estudo e no caso desta investigação é importante que a escolha desta ferramenta nos permita fazer uma clara diferenciação entre o que é a opinião/expectativa das pessoas e dos grupos sociais e a própria concretização das mesmas, comumente distinta de indivíduo para indivíduo e temporalmente. Estes são dois juízos que facilmente se confundem e que podem até ter o mesmo significado, mas que na sua base representam significados distintos. A percepção pode ser definida como a maneira como um indivíduo pensa e olha para o Mundo. Os padrões de pensamento diferem de indivíduo para indivíduo e a sua forma de pensar é determinada por diversos fatores, como a nacionalidade, o sexo, a idade, a instrução, a cultura. No entanto, a realidade refere-se ao verdadeiro estado de determinado elemento, que pode não ser percebido facilmente pelos indivíduos que a observam. Assim sendo, estes dois conceitos desempenham um papel fundamental nas nossas vidas, uma vez que todos temos percepções e realidades bastante distintas e a toda a hora (OLIVEIRA, 2013).

No que diz respeito ao conceito de percepção, este vem da psicologia e consiste na organização e interpretação dos estímulos que foram recebidos pelos sentidos e que possibilita identificar certos objetos e acontecimentos. A percepção tem duas etapas, a sensorial e a intelectual, que pela sua relação se complementam, pois, as sensações não proporcionam uma visão real do mundo e desta forma devem ser trabalhadas numa perspetiva intelectual.

Este estudo é de extrema importância, pois o comportamento e as opiniões do público é baseado na interpretação que o mesmo faz da realidade, ou seja da sua perspetiva e expectativa, e não da realidade em si. Deste modo, a percepção que temos sobre os diversos fenómenos do mundo é distinta para cada um de nós, ou seja, cada pessoa encara um dado objeto ou situação de acordo com os aspetos que possuem grande importância para si própria.

O estudo da percepção é um dos muitos desafios que os profissionais de turismo enfrentam, procurando compreender as expectativas do mercado e o perfil do turista atual. Este é um setor de charneira e que necessita obrigatoriamente de uma avaliação periódica, procurando avaliar quais as principais tendências, atrações e motivações dos diferentes públicos-alvo. No caso do

Turismo, este estudo assume um grau de extrema importância, pela necessidade que temos em compreender a maioria das opiniões/percepções e podermos, através deles, avançar a estruturação de produto, a apreciação de uma marca e avaliar acima de tudo as potencialidades do trabalho que fazemos todos os dias.

Neste sentido, a construção de uma ferramenta de análise como a Metodologia Q constitui um elemento de grande relevância, dando-nos a possibilidade de fazer uma clara distinção daquilo que é a percepção/expectativa do turista e/ou visitante e a realidade. Esta metodologia permite-nos, através de uma escala, perceber o grau de satisfação dos intervenientes relativamente ao elemento de estudo. Neste caso concreto, falamos da opinião que o painel tem sobre a importância do Geoturismo para o desenvolvimento turístico no Estrela Geopark (assunto sobre o qual caracterizamos no ponto 3 deste capítulo). De modo geral, é-nos permitido compreender se o Geoturismo tem impactos na valorização turística deste território.

Em suma, este estudo da percepção através da Metodologia Q, ajuda-nos a compreender se o trabalho que tem sido desenvolvido pelo Estrela Geopark em prol do Geoturismo, tem sido interpretado por todos os intervenientes da forma correta e semelhante à maioria ou se existe ainda uma clara heterogeneidade naquilo que é a opinião dos intervenientes deste estudo. A percepção, através deste estudo, permitirá avaliar e perspetivar o futuro deste território, chancelado pela UNESCO.

2. Aplicação metodológica: Metodologia Q

Tal como introduzimos no primeiro capítulo, a Metodologia Q é uma ferramenta que se tornou uma referência para estudar a subjetividade das pessoas (GUIMARÃES *et al.*, 2011). Este instrumento permite-nos avaliar fenómenos com uma difícil explicação e comparação.

Esta metodologia, surge em 1935 pelas mãos do físico e psicólogo inglês William Stephenson, depois do mesmo ter publicado uma notícia na Revista Nature (MIGUEL e CALDEIRA, 2017). Ao criar esta metodologia, Stephenson tinha um objetivo bem claro, como estudar a subjetividade de indivíduos em qualquer situação.

A Metodologia Q é uma ferramenta de pesquisa que permite avaliar as subjetividades do ponto de vista de quem participa. A análise fatorial é usada para analisar quantitativamente, mais precisamente, de forma quantificada, os efeitos da informação qualitativo. Dessa forma, a metodologia propõe uma articulação entre o qualitativo e o quantitativo.

Para Stepheson (1953), esta tipologia de análise pode facilmente ajudar-nos a compreender melhor vários fatores explicativos das observações objetivas e subjetivas. Através da metodologia Q é nos permitido analisar representações e preferências de pessoas que se enquadram em setores distintos.

De acordo com Miguel e Caldeira (2017), esta metodologia começou a emergir com o crescente desenvolvimento de *software* específico de recolha e tratamento de dados. Nos dias de hoje, são cada vez mais as áreas que enquadram esta ferramenta de pesquisa nas suas investigações, entre as quais, a educação, a política, a sociologia, entre outras.

Para o desenvolvimento e aplicação deste instrumento, são precisas cumprir algumas fases e ter em conta alguns critérios. Ao construirmos a nossa ferramenta de pesquisa, devemos tentar ser o mais claros e concisos possível. Este é um critério inerente a qualquer metodologia que usemos.

No entanto, este trabalho usa a Metodologia Q que encerra em si mesma, etapas muito elaboradas e diferentes (Figura 18). Para a prossecução desta ferramenta, necessitamos numa primeira fase, de fazer uma recolha das opiniões, através da revisão bibliográfica ou com a construção de um *focus group*. Logo de seguida e com a ajuda da informação recolhida na fase anterior, estabelecemos um conjunto de afirmações sobre o tema deste estudo, que serão apresentadas ao nosso *P set* (conjunto de participantes). A esta fase damos o nome de *Q Sample*. Antes de procedermos à recolha dos dados, necessitamos de definir quem serão os participantes do nosso estudo, ou seja, quais os elementos que serão representativos para o mesmo, tal como podemos verificar no ponto seguinte.

Na nossa quarta fase, assistimos a uma ordenação de um conjunto de afirmações pelos participantes. As afirmações devem ser ordenadas em função do grau de concordância que representa a opinião ou ponto de vista sobre o tema em discussão.

Por fim, mas talvez a fase de maior importância, temos a análise e interpretação dos dados recolhidos. Nesta fase, selecionamos um *software* específico para este tipo de estudos. No nosso caso, toda esta análise foi feita com a ajuda do *software* ANDAD. Com o auxílio desta ferramenta, conseguimos extrair os mais diversos elementos, que nos permitem retirar diversas conclusões dos resultados obtidos.

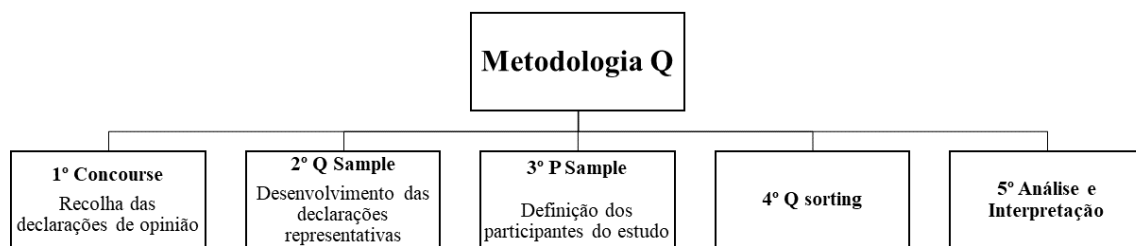


Figura 18 - Etapas da Metodologia Q
 Fonte: adaptado de Miguel e Caldeira (2017)

A Metodologia Q é a ferramenta essencial para nos ajudar a explicar a perceção que o nosso painel tem sobre a importância do Geoturismo para o desenvolvimento turístico no Estrela Geopark. Assim sendo, apresentamos no ponto seguinte, o modo como foi realizada a definição do nosso painel e as fases de aplicação da metodologia ao nosso estudo.

3. Painel e fases de aplicação

O Geoturismo é um conceito que ainda levanta muitas dúvidas no público em geral. Neste sentido, este trabalho teve como objetivo ouvir a opinião de um público bastante vasto, com perspetivas diferentes e abordagens à temática completamente distintas. Ao procedermos à definição do painel de estudo, tivemos sempre em conta o território onde se insere e as instituições com quem este Geoparque colabora, numa perspetiva de rede, tal como está definido.

Assim sendo, tendo em conta a funcionamento deste Geoparque, era de todo impossível avançar nesta investigação sem tentar perceber a opinião dos representantes dos municípios que integram o território desta classificação, ou seja, os seus sócios fundadores (Belmonte, Celorico

da Beira, Covilhã, Fornos de Algodres, Gouveia, Guarda, Manteigas, Oliveira do Hospital e Seia). A recolha desta informação será uma ferramenta de forte importância para compreender a perspetiva destes elementos sobre o trabalho deste Geoparque. No entanto, num conceito tão amplo como o do Geoparque, não podemos cingir-nos apenas aos municípios, tendo assim a preocupação de integrar os diversos *stakeholders* deste território, passando pelas instituições de ensino, pelas instituições públicas supramunicipais, pelas entidades turísticas e ainda os elementos que integram a Rede de Parceiros do Estrela Geopark (Quadro 2). É necessário que sejam ouvidas as mais diversas perspetivas sobre os mais distintos conceitos inerentes a esta classificação.

Quadro 2 - Pannel

Municípios	Município de Belmonte
	Município de Celorico da Beira
	Município da Covilhã
	Município de Fornos de Algodres
	Município de Gouveia
	Município da Guarda
	Município de Manteigas
	Município de Oliveira do Hospital
	Município de Seia
Instituições públicas supramunicipais	Comunidade Intermunicipal da Região de Coimbra
	Comunidade Intermunicipal das Beiras e Serra da Estrela
	Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas
	Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro
Instituições de Ensino	Agrupamentos de Escolas de Seia
	Agrupamento de Escolas de Dr. Guilherme Correia de Carvalho
	Agrupamento de Escolas Frei Heitor Pinto
	Agrupamento de Escolas Pêro da Covilhã
	Agrupamento de Escolas Pedro Álvares Cabral
	Agrupamento de Escolas de Celorico da Beira
	Agrupamento de Escolas Afonso de Albuquerque
	Agrupamento de Escolas da Sé - Guarda
	Agrupamento de Escolas de Manteigas
	Agrupamento de Escolas de Oliveira do Hospital
	Agrupamento de Escolas de Gouveia
	Escola Secundária Quinta das Palmeiras
	Escola Secundária Campos Melo
	Agrupamento de Escolas A Lã e a Neve
	Agrupamento de Escolas do Teixoso
	Agrupamento de Escolas de Fornos de Algodres
	Universidade da Beira Interior
Instituto Politécnico da Guarda	

Entidades Turísticas	Turismo de Portugal
	Turismo do Centro de Portugal
	Aldeias de Xisto
	Aldeias Históricas de Portugal
	Aldeias de Montanha
Parceiros do Estrela Geopark	Varanda da Estrela
	Casas do Pastor
	Let's SUP – Stand Up Paddle School & Tours
	Vinho da Ordem

O painel de intervenientes foi selecionado tendo em linha de conta todas as entidades/empresas que trabalham direta ou indiretamente com o Estrela Geopark Mundial da UNESCO ou com o próprio território da Serra da Estrela. Esta seleção tem como objetivo a compreensão da opinião da maioria dos *stakeholders* existentes neste território, com o propósito de através desta análise, podermos construir uma estratégia mais profícua para o desenvolvimento territorial numa abordagem sustentável e capacitando o território de recursos passíveis de aproveitamento turístico.

A Metodologia Q permite-nos compreender a posição dos participantes do estudo sobre temáticas relacionadas com a Serra da Estrela, Turismo na Serra da Estrela, Geoparks Mundiais da UNESCO – Estrela Geopark, Geoturismo, importância do Geoturismo e do Geopark para a Serra da Estrela e futuro do Turismo no Estrela Geopark Mundial da UNESCO (Anexo 1), através das seguintes questões:

1. A Serra da Estrela, integrante da Cordilheira Central Ibérica, apresenta um património biológico e geológico de relevância internacional.
2. A baixa densidade demográfica económica e cultural é um dos principais fatores de bloqueio do desenvolvimento na Serra da Estrela.
3. A interioridade geográfica da Serra da Estrela tem provocado estrangulamentos de desenvolvimento visíveis também na interioridade societal deste território.
4. A identidade da Serra da Estrela, relacionada com os modos de vida e em particular a pastorícia, constitui um dos ativos mais relevantes deste território.
5. A geografia da Serra da Estrela, ao contrário do passado, é hoje um fator de união e de potencial desenvolvimento.

6. A Serra da Estrela é um território de oportunidades, com um potencial de fixação e de investimento que a coloca num posicionamento favorável, face a outros territórios.
7. A Serra da Estrela afirma-se nos dias de hoje como um Destino Turístico estruturado.
8. Um dos produtos mais relevantes para o desenvolvimento turístico da Serra da Estrela é a neve.
9. A dependência do Turismo da Serra da Estrela em relação à neve tem sido uma das principais razões do seu estrangulamento turístico.
10. O modelo de gestão dos ativos turísticos da Serra da Estrela constitui um dos elementos mais revelantes a ser repensados na atualidade.
11. O Turismo de Natureza, Saúde e Bem-Estar e o Turismo Ativo constituem hoje os principais ativos turístico desta Montanha.
12. A problemática das alterações climáticas, com a inevitável diminuição da precipitação nival, pode colocar em risco o futuro do Turismo na Serra da Estrela.
13. O Turismo é hoje a principal atividade económica da Serra da Estrela.
14. Uma das grandes lacunas do Turismo da Serra da Estrela resulta de um défice de capacitação dos seus agentes.
15. A Escola Superior de Turismo e Hotelaria, pertencente ao Instituto Politécnico da Guarda, tem apresentado um papel determinante para o desenvolvimento turístico da Serra da Estrela
16. Os Geoparks Mundiais da UNESCO são entidades classificadas bem conhecidas de todos.
17. Um Geopark Mundial da UNESCO é um território bem delimitado, com um notável património geológico.
18. O grande objetivo desta classificação da UNESCO é o desenvolvimento das comunidades que residem nestes territórios.
19. A natureza e a missão destes Geoparks traduz uma clara oportunidade para o desenvolvimento de territórios de baixa densidade, como a Serra da Estrela.
20. O Estrela Geopark é hoje uma marca territorial, com forte disseminação no território e elevado reconhecimento na região em que se integra.
21. A classificação da Estrela como Geopark Mundial da UNESCO veio trazer um novo enquadramento para o Património Geológico, transformando-o num recurso incontornável para o desenvolvimento turístico da Serra da Estrela.

22. O Estrela Geopark tem sido responsável por um maior reconhecimento internacional e pelo reforço do sentido de pertença dos residentes.
23. A distinção da Serra da Estrela pela UNESCO tem uma reduzida influência das políticas públicas de desenvolvimento local e regional.
24. O Estrela Geopark é hoje uma estratégia de base territorial com uma forte influência no desenvolvimento sustentável do território.
25. O Turismo é uma das áreas basilares no Estrela Geopark, promovendo uma nova abordagem para o desenvolvimento desta atividade.
26. O Geoturismo é um conceito amplamente conhecido no contexto da atividade turística.
27. O Geoturismo tem sido comumente associado a um produto turístico associado à visitação e fruição do Património Geológico.
28. No contexto atual, o Geoturismo é sobretudo um produto para um nicho de mercado, associado à Ciência e às Ciências da Terra, particularmente à Geologia.
29. Mais do que um produto, o Geoturismo constitui uma estratégia de desenvolvimento turístico, assente no potencial endógeno do território.
30. O Geoturismo implica uma dimensão sustentável do turismo, onde as populações devem ser parte integrante da estratégia turística implementada
31. Os Geoparks Mundiais da UNESCO são, pelas suas características e pela própria classificação, territórios onde o Geoturismo deve ser a estratégia predominante.
32. Sendo o Geoturismo uma estratégia orientadora de gestão e desenvolvimento turístico é possível estruturar diferentes produtos turísticos orientados para esta visão territorial.
33. A Serra da Estrela, enquanto Geopark Mundial da UNESCO beneficiará com o desenvolvimento de uma abordagem Geoturística em todo o território.
34. O Estrela Geopark tem contribuído para a generalização do conhecimento da Geodiversidade e para a sua valorização turística.
35. O Geoturismo associado ao Estrela Geopark tem sido o principal responsável pela diminuição da sazonalidade da visitação à Serra da Estrela.
36. O trabalho desenvolvido pelo Estrela Geopark Mundial da UNESCO tem potenciado um aumento da procura turística, com a diversificação dos mercados e dos próprios produtos.

37. O Geoturismo e o Estrela Geopark Mundial da UNESCO têm sido responsáveis pelo desenvolvimento de novas abordagens turísticas associadas ao Turismo Educativo e Científico.
38. A associação da marca UNESCO aos produtos e empresários turísticos do território constitui um importante valor acrescentado para o Turismo da região.
39. A Serra da Estrela é hoje um destino com maior visibilidade, reconhecimento e procura, facto que se deve de certo modo à distinção da Estrela pela UNESCO.
40. Julho de 2020, data em que a UNESCO classificou a Estrela, constitui um marco no desenvolvimento da Serra da Estrela e na sua dimensão internacional.
41. A marca Estrela Geopark, enquanto marca territorial, tem sido determinante para a criação de um destino coeso, menos dependente das abordagens individuais de cada município.
42. O valor da marca UNESCO terá um peso preponderante para a definição de novas soluções e entendimentos institucionais com os diferentes stakeholders do território.
43. O Turismo da Serra da Estrela passará, inevitavelmente, pela valorização do seu Património Geológico.
44. O Estrela Geopark Mundial da UNESCO será nos próximos anos a marca territorial mais valiosa da Serra da Estrela.
45. O sucesso da estratégia turística da Serra da Estrela passará pela valorização do turismo de natureza e pelos recursos identitários, como a Pastorícia ou a Gastronomia.
46. As comunidades da Serra da Estrela terão um papel determinante no futuro do Turismo, não enquanto elementos cristalizantes, mas como atores ativos na construção do seu próprio desenvolvimento.
47. Num futuro próximo, o Turismo na Serra da Estrela terá de considerar a capacidade de carga do seu território, na procura de equilíbrio entre os valores ecológicos e aproveitamento turístico.
48. O Estrela Geopark poderá emergir como a principal entidade de promoção turística da Serra da Estrela.
49. O valor da marca UNESCO será no futuro, um dos principais fatores do desenvolvimento do território, sobretudo na captação de novos mercados internacionais.

50. Para os próximos 4 anos acredita que haja um aumento dos principais indicadores turísticos na Serra da Estrela (nº de camas, taxa de ocupação, nº médio de estadias, valor das receitas geradas).

Tal como podemos depreender, para a recolha destes dados necessitamos de seguir diferentes fases no processo. Numa primeira fase, após a definição do nosso painel, procedemos à realização de reuniões preparatórias e a uma análise do estado da arte sobre a opinião dos intervenientes no estudo. Este é um passo de grande importância, pois é necessária uma boa compreensão sobre a temática para que depois possamos passar à fase seguinte que é o desenvolvimento das afirmações. Estas afirmações foram desenvolvidas com o objetivo de serem utilizadas para medir a opinião dos diferentes intervenientes.

Após a conceção de 50 afirmações, divididas pelas 6 temáticas acima indicadas, realizámos uma nova reunião para que pudéssemos apresentar e explicar a metodologia Q e as afirmações desenvolvidas, de modo a que o resultado do nosso estudo fosse o mais verdadeiro possível. Uma das preocupações que tivemos ao longo deste processo, foi sem dúvida estar perto dos intervenientes e auxiliar em qualquer momento que fosse necessário.

A verdade é que esta reunião de apresentação não teve a adesão que esperávamos, contanto apenas com a presença de 20 dos 40 elementos do painel. Para colmatar esta dificuldade, decidimos que o melhor seria fazer chegar a cada um dos elementos deste painel, um documento resumo da reunião que referimos anteriormente e o envio do Formulário criado através do Google Forms, que continha todas as afirmações desenvolvidas. Através deste formulário foi possível que muitos dos intervenientes integrados neste painel pudessem contribuir para os resultados que vamos ver no capítulo a seguir, avaliando o conjunto de afirmações de -5 a 5.

No entanto, esta é uma metodologia que tem vindo a resultar de forma positiva em formato presencial. Tendo em conta a pandemia que atravessamos, foi feita uma pequena reestruturação do *modus operandi* da mesma, fazendo chegar todos os documentos aos participantes através de e-mail. Este foi um processo repetido diversas vezes, até que conseguíssemos atingir um número viável de respostas. Chegado a este ponto, encerrámos o formulário e começámos de imediato a análise estatística dos resultados. Face às contingências geradas pela pandemia COVID-19, optamos pela realização reuniões em sistema de videoconferência e troca de e-mails.

4. Principais Resultados

Face ao princípio metodológico apresentado nos primeiros pontos deste capítulo, torna-se indispensável a utilização de uma ferramenta de análise estatística que permita estruturar e agrupar os resultados obtidos, de modo a que, em função destes possamos construir leituras objetivas quanto à natureza dos dados originais. Assim, tendo em conta o princípio da metodologia Q, e de modo a organizar a perceção dos diferentes participantes, optámos pela utilização da análise fatorial de componentes principais, a qual nos permitiu retirar conclusões mais precisas acerca da nossa pergunta de partida que incidiu sobre a importância do Geoturismo enquanto estratégia de valorização. Neste sentido, outras questões emergem da primeira, nomeadamente a relação daquela estratégia com os Geoparques Mundiais da UNESCO, ou o papel que o Geoturismo assume na estratégia global preconizada por um Geoparque.

Obtidas as contribuições dos aproximadamente 20 participantes que correspondem a 50% do nosso painel, elaborámos a matriz de dados inicial que espelham as diferentes posições face às 50 afirmações estruturadas nos distintos eixos, tal como referimos no ponto 3 deste capítulo.

Os resultados codificados desta matriz foram objeto da análise estatística anteriormente identificada, a qual tem por objetivo a identificação de novas variáveis (fatores) em muito menor número que as iniciais, sem que se observe uma perda significativa da informação do conjunto. Deste modo, os fatores são determinados através do coeficiente de correlação, que transforma o conjunto de variáveis correlacionadas (matriz de correlação linear de Pearson) (Anexo 2) em variáveis não correlacionáveis (componentes principais), as quais resultam da combinação linear do conjunto inicial de dados.

Os fatores extraídos são, deste modo, agregados em fatores, dos quais o primeiro explica o máximo possível da variância dos dados, o segundo o máximo da variância ainda não explicada e assim sucessivamente (FERNANDES, 2004).

A partir desta análise, a que submetemos a hierarquização de cada uma das afirmações, foi possível determinar conjuntos de indivíduos estatísticos (*stakeholders*), que apresentam comportamentos e perceções semelhantes, explicados pelo reduzido número de fatores. O peso explicativo de cada variável estatística para os diferentes fatores é dado pela matriz de

saturações, a qual se relaciona, para uma melhor interpretação e análise com a matriz de *scores*, de modo a associar as diferentes percepções ao conjunto de indivíduos que as tem, o que nos permite dar significado aos princípios metodológicos da metodologia Q.

A análise fatorial de componentes principais tem assim, o objetivo de extrair os primeiros fatores, que, de uma forma simples, correspondem à maior correlação das variáveis, definidos por ordem decrescente de importância em relação à estrutura das variáveis. Assim, em função dos objetivos desta dissertação e da própria Metodologia Q, adotamos os seguintes procedimentos: i – o método de extração foi o de componente principais; ii – determinamos um número mínimo de 3 fatores, de modo a que os primeiros fatores representem grande parte da variância explicativa; iii – extraímos tabelas fatoriais, as quais constituíram a base para a análise e classificação dos dados.

Com base nos dados iniciais, foram extraídos os fatores principais que explicam a maioria da variância tal como se pode observar na Matriz de Valores Próprios (Quadro 3). Esta matriz permitiu-nos aferir o poder explicativo de cada fator e a sua inércia, fundamental para validar os indicadores iniciais e a própria continuidade da análise. Deste modo, optamos por extrair apenas os três primeiros fatores que, em conjunto, explicam mais de 50% da variância acumulada. A partir do quarto fator, o valor explicativo torna-se residual, o que acrescentava pouco à própria metodologia. Optamos pela seleção de três fatores, pois a partir do quarto a explicação torna-se demasiado similar às anteriores.

Quadro 3 - Matriz de Valores Próprios

	Valor Próprio	Total da Variância (%)	Variância Acumulada (%)
Fator 1	16,37	32,74	32,74
Fator 2	6,47	12,93	45,67
Fator 3	5,28	10,56	56,23
Fator 4	3,71	7,41	63,64
Fator 5	2,66	5,33	68,97
Fator 6	2,44	4,87	73,84
Fator 7	2,16	4,32	78,16

Partindo da utilização dos três primeiros fatores enquanto representativos das tendências demonstradas pelas respostas de cada indivíduo foram calculadas consecutivamente as matrizes de saturações e de *scores*. A primeira (Quadro 4) traduz a associação de cada variável com os diferentes eixos fatoriais, o que nos permite, deste modo, interpretar os pesos explicativos em função dos diferentes elementos da percepção acerca da importância do Geoturismo no Estrela Geopark, demonstrando tendências que espelham o posicionamento de cada *stakeholder* sobre os tópicos apresentados na metodologia e que, de algum modo traduzem um posicionamento, assente no maior ou menor conhecimento, sobre o papel do Geoparque e das suas estratégias para a construção de um novo paradigma turístico para a Serra da Estrela.

Quadro 4 - Matriz de Saturações

	Fator 1	Fator 2	Fator 3
	1	2	3
1			0,54
2		0,41	
3		0,55	
4		0,45	
5	0,53		
6			0,47
7	0,49		
8		0,76	
9	0,47		
10	0,46		
11			0,60
12		0,69	
13		0,37	
14		0,56	
15			-0,33
16	0,35		
17	0,82		
18	0,68		
19	0,80		
20	0,83		
21	0,70		
22	0,73		
23		0,76	
24	0,61		
25	0,77		
26			-0,62
27			-0,46
28		0,74	

29	0,79		
30	0,70		
31	0,60		
32	0,75		
33	0,82		
34	0,78		
35			-0,62
36	0,66		
37	0,72		
38		-0,61	
39			-0,60
40	0,66		
41	0,60		
42	0,78		
43	0,77		
44	0,55		
45	0,71		
46	0,76		
47	0,52		
48	0,46		
49	0,54		
50	0,76		

Paralelamente, calculámos a matriz de *Scores*, ou seja, a contribuição dos pesos fatoriais em cada individuo (*stakeholders*), a qual pode ser analisada através do Quadro 5. Esta matriz permite-nos associar padrões comportamentais e de perceção a conjuntos de indivíduos que, ao serem analisados em simultâneo permite-nos aferir tendências, as quais possibilitam a identificação de conclusões sobre estas matérias. O significado de cada um dos fatores, presentes nas duas matrizes, será explicado na análise conjunta que apresentamos de seguida.

Quadro 5 - Matriz de Scores

	Fator 1	Fator 2	Fator 3
Estrela UNESCO Global Geopark	0,71		
Município de Manteigas			0,59
Turismo de Portugal		-0,48	
Casas do Pastor		0,90	
Vinho da Ordem		-0,55	
AE Pêro da Covilhã	-1,30		
Município da Covilhã	-0,35		
AE Quinta das Palmeiras		0,60	

AE Gouveia			-0,28
Varanda da Estrela			-0,27
AE Fornos de Algodres			-0,28
ICNF	-0,63		
CIM Coimbra			-0,19
CIM BSE			0,58
Município de Fornos de Algodres	-1,11		
AE Campos Melo	0,72		
AE Manteigas			0,55
AE da Sé - Guarda	0,71		
AE do Teixoso	0,64		
Município da Guarda	0,72		

Partindo para uma análise mais fina das matrizes anteriormente apresentadas, e começando pelo fator 1, aquele que apresenta uma maior variância comum, verificamos que este representa mais de 32% da informação contida na matriz inicial de dados. Como se pode observar na matriz de saturação, os pesos fatoriais são todos positivos, o que traduz uma importância acrescida a este fator, embora com distribuições distintas, quando projetados nos indivíduos como se irá verificar na matriz de *scores*. Assim, no conjunto da análise da distribuição das saturações, este fator traduz uma visão muito positiva sobre a importância do Geoturismo e o papel do Estrela Geopark para o desenvolvimento da Serra da Estrela. Este primeiro fator, expressa uma perceção favorável quanto à importância identitária da Serra da Estrela enquanto fator de união, corroborando que a necessidade e dependência que o turismo sempre teve deste recurso foi um fator de estrangulamento para o desenvolvimento do turismo, facto que deve obrigar a repensar os modelos de gestão atualmente em vigor, nomeadamente no que se refere à relação com a própria Turistrela. Ainda neste fator, identificamos uma perceção favorável relativamente aos Geoparques, não só pelo seu conhecimento como também pelo reconhecimento da sua importância para o desenvolvimento da Serra da Estrela, enfatizando o Geoturismo enquanto estratégia holística de desenvolvimento turístico assente nos seus recursos endógenos e nas próprias comunidades. Ainda neste eixo, podemos identificar um forte reconhecimento da geodiversidade enquanto recurso turístico, fator estruturante na marca turística que emerge na Estrela, ancorada no próprio Geoparque, fator que promoverá um maior crescimento dos indicadores turísticos nos próximos 4 anos. Em suma, podemos afirmar que os indivíduos cuja variância é mais elevada neste fator, apresentam-se como conhecedores das realidades turísticas

da Serra da Estrela, reconhecendo o Geoturismo como elemento preponderante na estratégia turística da Serra da Estrela, assente no trabalho e na marca do Estrela Geopark.

Em relação ao segundo fator, cuja variância é necessariamente inferior ao primeiro, apresenta a maioria dos pesos fatoriais com sinal positivo, à exceção de uma das variáveis iniciais (A associação da marca UNESCO aos produtos e empresários turísticos do território constitui um importante valor acrescentado para o Turismo da região). Analisando as saturações deste eixo fatorial, constatamos que a contribuição para a sua explicação apresenta um padrão completamente oposto ao verificado no fator anterior. Ao contrário dos primeiros, os indivíduos explicados por este fator, embora reconheçam que a baixa densidade e a interioridade sejam fatores preponderantes e estranguladores do desenvolvimento da Serra da Estrela, são profundamente céticos em relação ao papel do Geoturismo e concomitantemente ao papel desempenhado pelo próprio Geoparque. Da análise da variância deste eixo, compreendemos o padrão de perceção dos indivíduos que participaram na metodologia, associada a uma visão muito mais conservadora do turismo da Serra da Estrela, considerando que a identidade e a neve são recursos incontornáveis para o desenvolvimento deste território, ao contrário do que verificávamos no fator analisado anteriormente. Apesar de considerarem o turismo como uma atividade preponderante para a Estrela, defendem que há uma escassa capacitação dos seus agentes e, paralelamente não reconhecem importância à marca UNESCO ou à classificação da Estrela como Geoparque Mundial. Em relação ao Geoturismo, demonstram um fraco nível de conhecimento, considerando-o apenas como um produto assente na geologia e para um nicho de mercado pouco significativo. Em suma, podemos caracterizar este fator como associado a indivíduos para os quais o turismo assenta ainda em pressupostos tradicionalistas, nos quais o Geoparque não constitui elemento preponderante.

Por último, no contexto do quadro metodológico identificado, o fator 3 com um valor explicativo superior a 10%, apresenta uma maior heterogeneidade, verificando-se uma menor perceção do padrão explicativo, ao contrário daquilo que verificamos nos dois fatores anteriores, o que acaba por ser relativamente normal e aceitável no contexto desta análise. Este eixo fatorial caracteriza-se por indivíduos cujo seu padrão de perceção assenta no reconhecimento da importância do património natural e cultural da Serra da Estrela assumindo-a como um destino com forte potencialidade a nível nacional e internacional. Para além destas considerações, concluímos da análise que a explicação deste fator evidencia ainda uma forte

consciência no valor e importância que os produtos de natureza, saúde e bem-estar e turismo ativo apresentam para o desenvolvimento da Serra da Estrela, em oposição ao verificado no fator anterior, excessivamente centrado na questão da neve. Todavia, apesar das considerações anteriores, este fator traduz um comportamento díspar relativamente ao turismo da Serra da Estrela, uma vez que apresentam uma tendência para negligenciar ou desvalorizar os fatores de inovação, dados por exemplo pela presença do ensino superior na área do território ou na emergência de novas estratégias turísticas como o Geoturismo, assim como na capacidade indutora e de projeção do próprio Geoparque. Em síntese, podemos caracterizar este fator como conhecedores das potencialidades do património e dos recursos da Serra da Estrela, contudo amplamente céticos à introdução de fatores externos ou à emergência de novos fatores de inovação, demonstrando pouco entusiasmo em relação à classificação da Serra da Estrela por parte da UNESCO.

Comparando a análise agora realizada com a matriz de *scores* anteriormente referida, alcançamos o nível de perceção muito mais próximo daquilo que é objetivado pela aplicação da metodologia Q. Esta análise simultânea permite-nos não só percecionar o padrão explicativo de cada fator como a sua relação com o comportamento dos indivíduos que participaram nas diferentes etapas metodológicas. Deste modo, podemos concluir que os mais otimistas, conhecedores e apoiantes do Geoparque e do Geoturismo como estratégicos para o desenvolvimento da Serra da Estrela são o grupo de indivíduos constituídos pelos Municípios do território, pelas escolas, pelo Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas (Parque Natural da Serra da Estrela) e pelo próprio Estrela Geopark. Portanto, estes são conjuntos de indivíduos que respondem positivamente à nossa pergunta de partida, ou seja reconhecem que a emergência do Geoturismo é um fator determinante para o futuro do Estrela Geopark e para o desenvolvimento deste território. Neste contexto, destacamos o comportamento identificado pelas escolas, ao qual não será alheio o maior nível de conhecimento da classe docente, mas sobretudo o trabalho que tem sido desenvolvido por parte do Estrela Geopark de consciencialização e sensibilização junto da comunidade escolar, através dos seus Programas Educativos.

Ainda no mesmo sentido, identificamos um segundo grupo de indivíduos que consideram que o turismo da Serra da Estrela está ainda muito dependente da neve e dos fatores tradicionalmente associados ao turismo, respondendo negativamente à nossa pergunta de

partida, isto é, para este conjunto de indivíduos o Geoturismo e os Geoparques não constituem alternativas nem estratégias viáveis para o desenvolvimento da Serra da Estrela. Fazem parte deste grupo alguns parceiros do Estrela Geopark, facto preocupante para a estratégia do próprio Estrela UGGp, assim como o Turismo de Portugal. Neste contexto, destacamos este último dado, o facto do Turismo de Portugal apresentar ainda uma visão assente na ideia tradicional do turismo da Serra da Estrela, com uma relação muito próxima à neve e à atração que a mesma exerce, com referências muito limitadas à emergência de outros fatores que se possam sobrepor à neve. Não deixamos de sublinhar, igualmente o facto de 50% dos parceiros que aceitaram participar neste estudo desconhecerem ou não reconhecerem a importância do Geoturismo e do Geoparque, o que demonstra que há ainda um longo caminho a percorrer no desenvolvimento do turismo da Estrela.

No que concerne ao último fator considerado para o estudo, fator 3, caracterizado por uma aparente dicotomia entre aqueles que reconhecem o potencial endógeno da Serra da Estrela e os que se recusam a aceitar a influência dos fatores de inovação como determinantes para o desenvolvimento deste setor na Serra da Estrela. Porém, em todos eles denota-se uma diminuta crença no papel do Geoturismo e dos Geoparques, apesar de o conhecerem e de saberem o seu significado, ao contrário daquilo que se verificou no fator 2. Assim, os indivíduos explicados por este fator correspondem às duas Comunidades Intermunicipais do território (CIM BSE e CIM Região de Coimbra), que apesar de reconhecerem o valor do património da Serra da Estrela, não consideram ainda o Geoparque ou as suas estratégias como fundamentais para o seu desenvolvimento, sendo a Comunidade Intermunicipal da Região de Coimbra ainda mais cética que a Comunidade Intermunicipal das Beiras e Serra da Estrela, como se pode verificar no sinal negativo do seu *score*. Ainda neste fator encontramos um Município e os restantes 50% dos parceiros envolvidos no estudo. Quanto ao primeiro, não deixa de ser curioso que, eventualmente aquele que mais beneficiará com a emergência do Geoturismo, o Município de Manteigas, se distancie tanto desta realidade que, pela análise dos resultados não será por desconhecimento, mas sim por convicção. Relativamente aos parceiros, nota-se ainda um posicionamento cético face a estes elementos de inovação, talvez porque estas estratégias tenham efetivos resultados a longo prazo e não de imediato como seria expectável por estes.

De modo a sintetizar os resultados obtidos quer pela aplicação da metodologia Q, quer pelo consequente tratamento estatístico através da análise fatorial de componentes principais,

apresentamos o esquema da Figura 19, que sintetiza os padrões de percepção e de comportamento dos indivíduos face ao conjunto de 50 afirmações elaboradas no início desta metodologia.

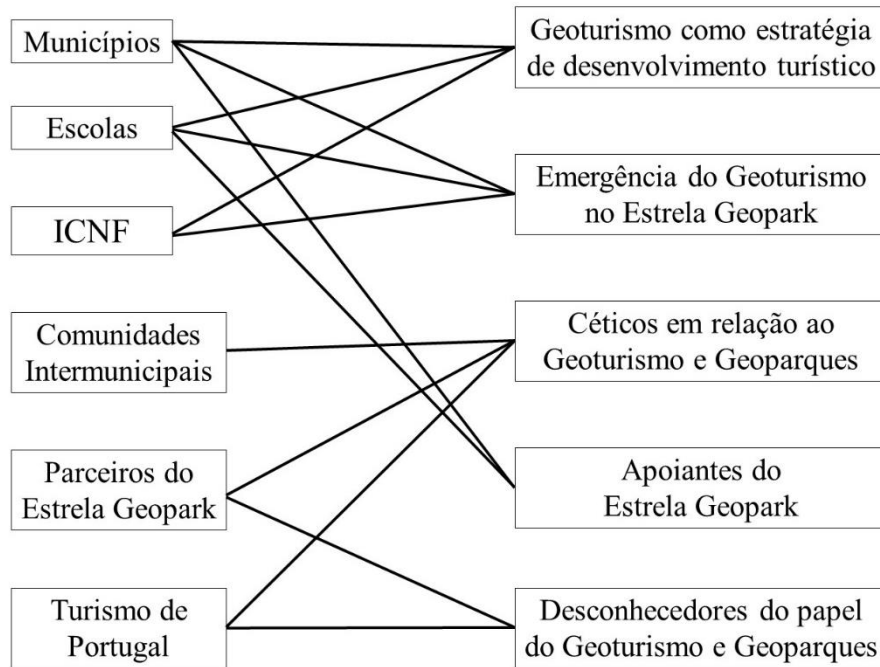


Figura 19 - Esquema Síntese

Como podemos interpretar na figura 18, os resultados metodológicos obtidos permitem-nos identificar alguns padrões de comportamento e algumas posições face à importância do Geoturismo enquanto estratégia de desenvolvimento turístico e territorial, assim como a própria relevância do Estrela Geopark para a concretização desta estratégia. Assim, podemos identificar dois grandes grupos, os quais demonstram perspectivas diferentes ou, pelo menos, estádios de envolvimento com o Geoparque distintos. O primeiro, constituído pelos municípios, as escolas e o ICNF consideram o Geoturismo uma relevante estratégia de desenvolvimento turístico, que apresenta um cada vez maior papel no contexto da Serra da Estrela e, portanto, consideram que a aposta neste tipo de estratégias constitui uma alternativa válida para as políticas turísticas do Estrela Geopark. Porém, do grupo anteriormente referido, o ICNF não demonstra total apoio ao Estrela Geopark, tal como referimos na análise esplanada anteriormente. O segundo grupo, composto pelas Comunidades Intermunicipais, os parceiros do Estrela Geopark e pelo Turismo

de Portugal, apresentam um comportamento diferenciador relativamente ao grupo anterior. Este conjunto de indivíduos, participantes na metodologia, revelam algum ceticismo em relação à importância que o Geoturismo e o Geoparque podem vir a ter para o desenvolvimento do território. Paralelamente, conseguimos denotar algum desconhecimento sobre estes dois domínios (Geoturismo e Geoparques), nomeadamente, por parte dos parceiros do Estrela Geopark Mundial da UNESCO e pelo Turismo de Portugal. Desta última afirmação, destacamos a conclusão relativa aos parceiros. Não deixa de ser preocupante este relativo afastamento em relação aos objetivos ou às dinâmicas do Estrela Geopark, demonstrando um aparente distanciamento e alguma descrença relativamente a esta questão. Contudo, tal poderá significar apenas um estágio de evolução, o que implicará um trabalho mais efetivo e persistente por parte do Geoparque, envolvendo e capacitando os parceiros para as novas dinâmicas e produtos turísticos que podem emergir do trabalho do Estrela Geopark.

Por fim, uma última nota para destacar as limitações que a metodologia apresenta, sobretudo pela impossibilidade de uma participação mais ampla dos diferentes atores selecionados para participar no painel. Tal facto, pode significar que algumas destas conclusões estejam demasiado viciadas ou dependentes da visão individual de um único *stakeholder*, como é o caso do Turismo de Portugal.

Capítulo VI – A emergência do Geoturismo enquanto estratégia de valorização

1. Desafios e oportunidades para o Geoturismo na Estrela

Uma das áreas fulcrais para o desenvolvimento de territórios chancelados pela UNESCO é o turismo, e como tal, é importante que seja feita uma aposta forte no fortalecimento e expansão daquilo que é a atividade turística nos territórios. É necessário contrariar a sazonalidade e oferecer uma variedade de recursos, assentes naquilo que são as atividades turísticas de *per se*, mas também em todos os elementos passíveis de serem patrimonializados e usados em prol do desenvolvimento turístico.

É imperativo que numa sociedade desenvolvida e consciente se pratique, de forma assídua, o estímulo do turismo sustentável, incentivando o aumento do número de visitantes e da despesa média por dia e por visitante, mas que permita a preservação dos recursos. Desta forma será possível incrementar a afluência turística de forma sustentada, de modo a que todos os visitantes possam desfrutar de forma igual estes recursos. A aposta na divulgação e interpretação de todo o património, bem como no incentivo à formação turística são também fulcrais, permitindo desta forma proporcionar uma experiência mais enriquecedora para os visitantes, o que pode traduzir um aumento na duração de estadia dos mesmos.

No entanto, falar de Turismo num território classificado como Geoparque Mundial da UNESCO, é inequivocamente abordar a temática do Geoturismo. Tendo em conta o que foi dito anteriormente no Capítulo 3 deste texto, podemos afirmar que o Geoturismo é muito mais do que um produto turístico, constituindo, pelo seu grau de relevância para os territórios, uma verdadeira estratégia turística.

No caso do território da Serra da Estrela, esta é uma estratégia que tem vindo a ser disseminada e alavancada sobretudo pela Associação Geopark Estrela. A entidade que referimos é a gestora e detentora da marca Estrela Geopark Mundial da UNESCO, tendo por como missão “contribuir para a proteção, valorização e dinamização do património natural e cultural, com especial ênfase no património geológico, numa perspetiva de aprofundamento e divulgação do conhecimento científico, fomentando o turismo e o desenvolvimento sustentável do território Estrela Geopark Mundial da UNESCO” (ESTRELA GEOPARK, 2021). Esta missão e os

objetivos desta classificação vão muito além da divulgação e apreciação dos valores da sua Geologia, trabalhando também áreas como a Educação, a Ciência, a Comunicação e o Turismo.

O setor turístico é uma área estruturante do Estrela Geopark Mundial da UNESCO e de qualquer território classificado pela UNESCO. Assim sendo, este Geoparque procurou estabelecer algumas ações que alavancassem o território e as suas potencialidades. Destas ações, salientamos algumas que nos parecem estruturais: criar uma rede de mais de 60 parceiros empresariais e aproximadamente 10 produtores locais, contribuir para a continuidade da identidade da Estrela, criando uma marca turística forte, assente no património e na cultura, estimular o aumento do número de visitantes e da despesa média/dia por visitante e colmatar a sazonalidade, através de um conjunto de ações permanentes de divulgação, de promoção de eventos e da própria capacitação dos parceiros, envolvendo-os nas estratégias do próprio Geoparque.

No âmbito da estratégia para o turismo, o Estrela Geopark aposta na consolidação da rede de percursos interpretativos, cujo objetivo é dar a conhecer o património natural e cultural existente, com particular enfoque no património geológico, promovendo a fruição, o conhecimento e a valorização dos recursos endógenos do território da Serra da Estrela. Os Percursos Interpretativos do Estrela Geopark incluem os 9 Municípios que integram esta classificação. Os percursos interpretativos do Estrela Geopark (Água, Miradouros, Castelos, Religioso, Indústria Têxtil, Lagoas e Covões e Geodiversidade) constituem uma oportunidade para conhecer o território da serra da Estrela e partir à descoberta da paisagem e de um património único capaz de nos guiar pelo melhor que esta montanha tem. Esta é uma viagem pelo seu património e pelos geossítios classificados pela UNESCO, sendo uma oportunidade para promover um turismo de e para todos. Como tal, pretende-se que esta rede de percursos possa ser cada vez mais alargada, consolidando a promoção e o conhecimento do território.

A promoção do conceito e da marca Estrela Geopark Mundial da UNESCO só é possível através de sinergias com os agentes locais, que todos os dias se encontram no terreno em contacto com as populações deste território. Para tal, esta associação definiu uma rede de parceiros com o intuito de amplificar esta divulgação, bem como no sentido de fortalecer ligações e promover o território. Esta rede foi dividida em 4 segmentos: Parceiros Institucionais, Educativos e Empresariais e os Produtores Locais. O objetivo passa por ampliar cada vez mais esta rede para

que todo o território possa ser abrangido pela marca Estrela Geopark Mundial da UNESCO. No caso particular do Turismo, damos maior importância à rede de parceiros empresariais que pretende transferir os princípios de um Geoparque a vários agentes que atuam diretamente no território. As empresas parceiras funcionam como embaixadoras do Geoparque, desenvolvendo iniciativas conjuntas que promovam o valor acrescentado dos seus produtos e serviços. Outra rede, fortemente ancorada no Turismo e Desenvolvimento Local é a rede de Produtores Locais que pretende dar notoriedade aos produtos endógenos do território, bem como aos seus produtores.

Enquanto importante pilar para a estratégia de desenvolvimento sustentável, o Turismo procura promover a valorização do património, o desenvolvimento de novos produtos e serviços e encorajar a prática das artes e costumes locais, promovendo desta forma o crescimento económico e a criação de novas oportunidades de emprego e valor acrescentado para os territórios. Nesta ótica, o Turismo, e em particular o Geoturismo, surge como uma estratégia em torno da qual se desenvolvem diversos produtos, como o turismo de natureza, de bem-estar, científico e educativo. Ainda sobre este tema, o Geoturismo pode ser estimulado nestes territórios UNESCO através de uma série de linhas estratégicas, das quais se destacam:

- o reforço das parcerias e trabalho em rede, quer dentro de cada geoparque e os seus agentes locais, quer entre os diferentes Geoparques (169 disseminados pelo Mundo, em 2021);
- o incremento da identidade territorial, criando desta forma experiências únicas para os visitantes e fomentando o sentido de pertença dos locais; a criação de uma marca turística forte, assente no património e na cultura;
- o incentivo à visitação e ao aumento do fluxo turístico, sempre tendo em linha de conta a capacidade de carga dos territórios e a preservação dos valores patrimoniais;
- o incremento da oferta turística ao longo do ano, evitando problemas associados à sazonalidade turística;
- uma abordagem estruturada de oferta turística sustentável que se construa em torno das características intrínsecas do território da serra da Estrela.

Ainda que o Geoturismo possa ser desenvolvido, com todas as suas vantagens, em todos os territórios que contenham um Património Geológico notável, mesmo em territórios litorais e urbanos, algumas das ideias acima expostas justificam que, no contexto de Portugal, o conceito

de Geoturismo ganhe maior expressão quando se associa aos Geoparques Mundiais da UNESCO, uma vez que através do seu trabalho em rede e das iniciativas desenvolvidas internamente, estes conferem forte contributo para o desenvolvimento territorial de setores do país com maiores problemáticas económicas e demográficas.

Os Geoparques UNESCO em Portugal são um ótimo exemplo disso, pois aproveitam o território da melhor forma, dando a quem visita o mesmo, uma perspetiva completamente diferente da habitual. Estes territórios classificados pela UNESCO trabalham o Geoturismo em diferentes perspetivas, quer seja científica, turística, educativa ou simplesmente numa visão de sensibilização e valorização dos seus elementos patrimoniais. Os Geoparques Portugueses dinamizam Programas Educativos, Percursos Interpretativos, pequenas palestras junto das Comunidades, Conferências que abordam temáticas que muitas vezes são preocupantes para estes territórios, mas acima de tudo trabalham estratégias enriquecedoras para os territórios, tirando proveito do que a própria Terra nos dá, a sua geologia, que é complementada pela sua geografia, pela sua cultura, pela sua identidade, ou seja, um Geoparque enriquece o território explorando os seus valores patrimoniais.

Em Portugal, existem em 2021, cinco Geoparques Mundiais da UNESCO, cada um com características geológicas específicas que os diferenciam entre si, mas que inequivocamente trabalham áreas comuns. Tal como acontece com outras, esta é uma classificação que exige muito trabalho em rede, cooperação e entreajuda, até porque esta é uma classificação relativamente recente e que precisa de ganhar força e notoriedade e isso só é possível com o trabalho conjunto entre todos os Geoparques Portugueses. Neste sentido, os cinco Geoparques UNESCO em Portugal têm vindo a trabalhar com o Turismo de Portugal, com o objetivo de tornar estes territórios autênticos destinos turísticos devidamente estruturados e sustentáveis, desenvolvendo ações de comunicação e divulgação do próprio conceito de Geoparque, dinamizando ações de formação sobre Geoturismo em Geoparques, dando destaque a marcas como a GEOfood (estratégia de apoio às comunidades locais e de valorização dos produtos endógenos existentes) e criando Programas 100% Responsible by Geoparques.

Na verdade, tem havido um esforço para reforçar a marca Geoparque UNESCO como destinos turísticos diferenciadores, através de um trabalho em rede que visa essencialmente a capacitação dos agentes turísticos locais, a estruturação de produtos, assente na ciência e na

valorização do seu património de relevância internacional, e na comunicação estruturada que potencie o posicionamento destes territórios no contexto nacional e internacional.

A classificação da Estrela como Geoparque Mundial da UNESCO permitiu a emergência de novas abordagens turísticas no território, através de uma estratégia de base territorial que se tem materializado no próprio Geoturismo. Esta abordagem tem permitido um maior envolvimento das comunidades e dos parceiros turísticos, a valorização dos produtos endógenos e a ativação de novos produtos turísticos. Paralelamente, assistimos na atualidade a uma maior consciência do valor do património e à sua valorização, através de políticas públicas que reforçam a especificidade e a identidade da sua paisagem, afastando antigos processos de desterritorialização. No conjunto, estamos perante uma nova visão sustentável da atividade turística na Estrela, articulada, em rede e com efetivo valor acrescentado para as suas comunidades, objetivo primeiro de um Geoparque, o qual tende a ser transposto para as próprias abordagens turísticas da atualidade.

Porém, e de acordo com os resultados da aplicação metodológica, podemos afirmar que os Geoparques e o próprio Geoturismo precisam ainda de ser trabalhados de forma profícua. Apesar de já existirem referências no que toca a estes dois conceitos, continuam a ser muitas as pessoas com pouco conhecimento nesta área, resultando deste modo num claro desconhecimento daquele que deve ser o futuro do território, em particular da Serra da Estrela. A metodologia aplicada neste estudo, permitiu-nos perceber que os 20 participantes que constituíram esta análise, apresentam diferentes perceções sobre o papel do Geoparque, os seus pontos fortes e pontos fracos, as suas oportunidades e constrangimentos. Desde logo, é possível constatar a presença de entusiastas do Geoturismo e dos Geoparques, ou seja, existe uma inequívoca crença que o crescimento do Turismo durante os próximos anos, passará pela construção de uma marca turística, assente no Estrela Geopark Mundial da UNESCO. Porém logo de seguida, deparamo-nos com a existência de um grupo que continua a acreditar que a estratégia turística da Serra da Estrela deve continuar centralizada no atrativo neve e que negligencia a importância dos Geoparques, assumindo o Geoturismo como um produto para um nicho de mercado. Ainda sobre os resultados metodológicos obtidos, resulta um terceiro grupo que nos demonstra um conhecimento mais concertado sobre os recursos e as potencialidades da Serra da Estrela, mas que considera que a sua classificação como Geoparque

Mundial da UNESCO é pouco eficaz e em pouco contribui para uma mudança de paradigma no desenvolvimento deste território.

Posto isto, compreendemos que os Geoparques têm ainda muito trabalho pela frente, facto esse que não nos admira. O trabalho dos Geoparques e do próprio Geoturismo é algo que leva muitos anos e constitui um claro trabalho de gerações. No entanto, é importante reforçar que o Estrela Geopark Mundial da UNESCO necessita de trabalhar as suas estratégias, para que nos próximos anos, esta classificação seja vista por muitos como uma vantagem e não apenas como mais uma marca territorial.

2. A importância do Geoparque na afirmação de um novo paradigma turístico para a Serra da Estrela

O conceito de Geoparque começa agora a ganhar importância e dinâmica, através do Geoturismo, com uma estratégia de desenvolvimento sustentável é possível alavancar o território a partir de um turismo que dá visibilidade a elementos pouco exploradas até à data, como a Geologia, a própria História da Terra, as formas de relvo, os espaços aquáticos.

No sentido de perceber os impactes desta classificação, a UNESCO e Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro realizaram um estudo em 2014 com o título “Estudo sobre o valor económico da ligação às redes da UNESCO em Portugal. Sítios do Património Mundial, Reservas da Biosfera, Geoparques e Cátedras UNESCO”. De acordo com este estudo, verificou-se um crescimento em todos os indicadores avaliados, destacando-se um grande aumento no nº de visitantes, associados ao turismo, e no nº de visitantes da comunidade escolar. Em consequência deste aumento no nº de visitantes, criaram-se novas unidades de alojamento turístico, nomeadamente, turismo rural e parques de campismo, e verificou-se um crescimento na restauração, situação que contribuiu para o aumento das oportunidades de emprego nos territórios abrangidos pelos geoparques mundiais da UNESCO. Assim sendo, é possível afirmar que os territórios com chancela UNESCO têm tido uma taxa de crescimento muito positiva no campo turístico. Mais tarde, o Presidente da Entidade Regional do Turismo do Centro de Portugal, Dr. Pedro Machado, afirmou que os territórios ou locais classificados pela UNESCO geram um crescimento de 20% da procura turística, facto significativo se pensarmos no efeito

indutor que este aumento provoca na economia dos próprios territórios. Deste modo, podemos constatar que os territórios com chancela UNESCO possuem uma atratividade cada vez maior, gerando fluxos e criando, assim, um efeito positivo na economia dos respetivos países e/ou territórios.

A filosofia de criação dos geoparques centra-se no desenvolvimento de redes que permitam uma troca de experiências e uma promoção conjunta do conceito e de cada um dos membros da rede. Os geoparques vieram revolucionar o modo como se divulgam as geociências e as relaciona com outras dinâmicas, nomeadamente o turismo. O cidadão comum, consegue ter uma nova perceção de como a geodiversidade condiciona todo o desenvolvimento natural e humano (FERNANDES e CASTRO, 2016).

No caso do Estrela Geopark Mundial da UNESCO, este pretende através do Geoturismo não só melhorar as condições de vida das comunidades existentes neste território, através da criação de novas infraestruturas e novos postos de trabalho, mas tornar estes 2216 km² num território de conhecimento. O Estrela Geopark tem no seu plano de ação um conjunto de iniciativas como os Geoalbergues e as Residências Científicas que permitem dar maior visibilidade do turismo científico, a Grande Rota do Estrela Geopark que contribuirá para a necessidade de criação de novas empresas de animação turística, o apoio à marca GEOfood que ajudará na criação de novos postos de trabalho para os produtores locais e ainda a melhoria da visitação dos geossítios que levará à necessária criação de novas estruturas interpretativas.

O território do Estrela Geopark apresenta um vasto e diferenciador Património, não só geológico, mas também cultural e natural. Este património faz parte da identidade dos lugares e das comunidades locais. A interpretação deste património permite aprofundar o conhecimento por parte das comunidades e com isso reforçar a sua relação de pertença, que de uma forma genérica contribui para a própria valorização. Assim, a interpretação é um método contínuo, que deve ser pensado na pela comunidade e para a comunidade.

Deste modo, devemos trabalhar para estimular o sentido de pertença nestas populações, tornando-as protagonistas na salvaguarda e preservação do espaço. Através deste sentimento despertado na comunidade, é possível consciencializar o turista para a importância da valorização do território, estimulando a proteção do património (geológico e não geológico) existente no território. A salvaguarda destes valores identitários constitui de facto, um elemento

fundamental na preservação da História do território, tornando-se possível que as gerações futuras possam melhor conhecer a História da Terra, parte da qual é contada pelas rochas da Estrela, com mais de 650 milhões de anos (AZEVEDO, FIRMINO, PATROCÍNIO, e CASTRO, 2019).

Tendo em conta os resultados metodológicos obtidos através da Metodologia Q, explanados no capítulo anterior, é possível observar que ainda existe uma reticência muito grande relativamente ao trabalho dos Geoparques e quanto à sua importância para o território. No entanto, acreditamos que, apesar de ser um desafio, a classificação da Serra da Estrela como Geoparque Mundial da UNESCO traz diversos benefícios, desde uma inequívoca afirmação de um território estruturado e sustentado, tendo como principal enfoque o aproveitamento do património e dos produtos endógenos e ainda um claro trabalho em prol das comunidades, até à construção de uma rede de trabalho funcional, onde estão enquadrados nove municípios que estão em torno desta Montanha. Durante anos, a estreita e profícua colaboração entre estes nove municípios resultou de uma tarefa árdua e de um esforço colaborativo digno de nota, pois só assim foi possível a construção ou, pelo menos, a revitalização de um destino turístico firme. Efetivamente, este é um trabalho que poderá demorar algum tempo, porém é também um grande passo para alterar a perceção que os turistas e própria comunidade têm sobre a Serra da Estrela, afirmando o território como um espaço de conhecimento e de valor acrescentado. O Estrela Geopark Mundial da UNESCO contribui em larga medida, para a criação de valor económico, turístico e social, através do uso das suas potencialidades para fins turísticos e na construção de estratégias de desenvolvimento sustentável.

3. Perspetivas Futuras

As perspetivas futuras para este território e para esta classificação são bastante ambiciosas, porém são também de uma grande importância para o futuro de um território tão rico, como é a Serra da Estrela. Este é um território de características únicas, cujo principal foco da sua oferta turística deve passar pelo aproveitamento dos recursos existentes na paisagem e na própria comunidade.

A Serra da Estrela é um destino turístico de montanha, que pelas suas características está amplamente associado à Natureza e à Paisagem, que promovem outras importantes atividades ligadas ao Desporto, à Aventura, à Cultura e à Saúde e Bem-Estar, características que lhe conferem uma especial e maior atratividade. O setor turístico é ainda uma das poucas oportunidades para estes territórios de baixa densidade e do interior do país, ou seja, o turismo é uma das áreas que mais contribui para o crescimento económico de qualquer região. Neste sentido, e tendo em linha de conta os resultados obtidos a partir da nossa análise metodológica, é possível dizermos que a afirmação do território da Serra da Estrela como espaço de ciência, educação e cultura é um fenómeno que exigirá nos próximos anos um trabalho efetivo, por parte do Estrela Geopark Mundial da UNESCO. Ainda sobre estes resultados, importa ressaltar que o futuro deverá passar inevitavelmente, por levar mais conhecimento às populações locais, fazendo delas embaixadoras desta classificação e do território.

No entanto, é importante perceber que nem todo o público enquadrado no nosso painel metodológico, encara o trabalho e classificação deste Geoparque como algo de pouca relevância, exemplo disso são os municípios e as escolas. Um dos principais compromissos de um Geoparque Mundial da UNESCO é levar o conhecimento científico e cultural às comunidades locais, facto que tem sido realizado de forma eficaz. Por um lado, pela presença de técnicos deste Geoparque nas escolas do território e por outro, levando os alunos a conhecer *in loco*, a verdadeira identidade do território onde residem.

Nos últimos anos, a Serra da Estrela tem vindo a trabalhar numa mudança de paradigma turístico, tentando usufruir de recursos passíveis de aproveitamento turístico ao longo de todo o ano. No entanto, existe ainda, por parte de muitos *stakeholders*, uma reticência no que diz respeito aos elementos de inovação, continuando a achar que este mesmo território deve estar

ancorado nas suas valências enquanto destino de desportos de inverno. Porém, tendo em conta a evolução da procura turística existente nos últimos dois anos, podemos afirmar que o futuro da Serra da Estrela deixará cair por terra, a chamada sazonalidade, tornando-se desta forma um espaço de visita ao longo de todo o ano. Este território é hoje marcado pelas suas maravilhosas praias fluviais, pelo seu valioso património geológico e sobretudo pela inequívoca relação que a paisagem tem com os modos de vida das comunidades locais.

Assim sendo, e apesar do nosso estudo nos mostrar alguma apreensão por parte de alguns atores locais, existe ainda uma maior percentagem daqueles que acreditam na construção de um novo paradigma turístico amplamente ancorado no aspeto mais distintivo, quando comparado com os outros territórios, a sua geologia e a capacidade que a mesma tem em constituir um recurso de fácil aproveitamento turístico. Este recurso permite alavancar o território e disseminá-lo para diferentes públicos, deste o científico ao educativo, passando por indivíduos cujo objetivo é usufruir da paisagem e da tranquilidade que a mesma representa, até aos mais atrevidos, que pretendem desfrutar deste território, percorrendo os seus trilhos mais escondidos.

No entanto, existem questões ao longo deste trabalho que nos criam diversas dúvidas. Como é que podemos trabalhar melhor o conceito de Geoparque e Geoturismo? É possível afirmar esta estratégia? De que maneira? Estas são precisamente algumas das questões que gostaríamos de ver respondidas com a elaboração deste estudo, mas são também estas perguntas para as quais não existe uma resposta concreta. No entanto, o Estrela Geopark Mundial da UNESCO menciona no seu Plano de Atividades e Orçamento de 2020, um conjunto de vetores estratégicos que sustentam o Plano Estratégico deste Geoparque (Figura 20).

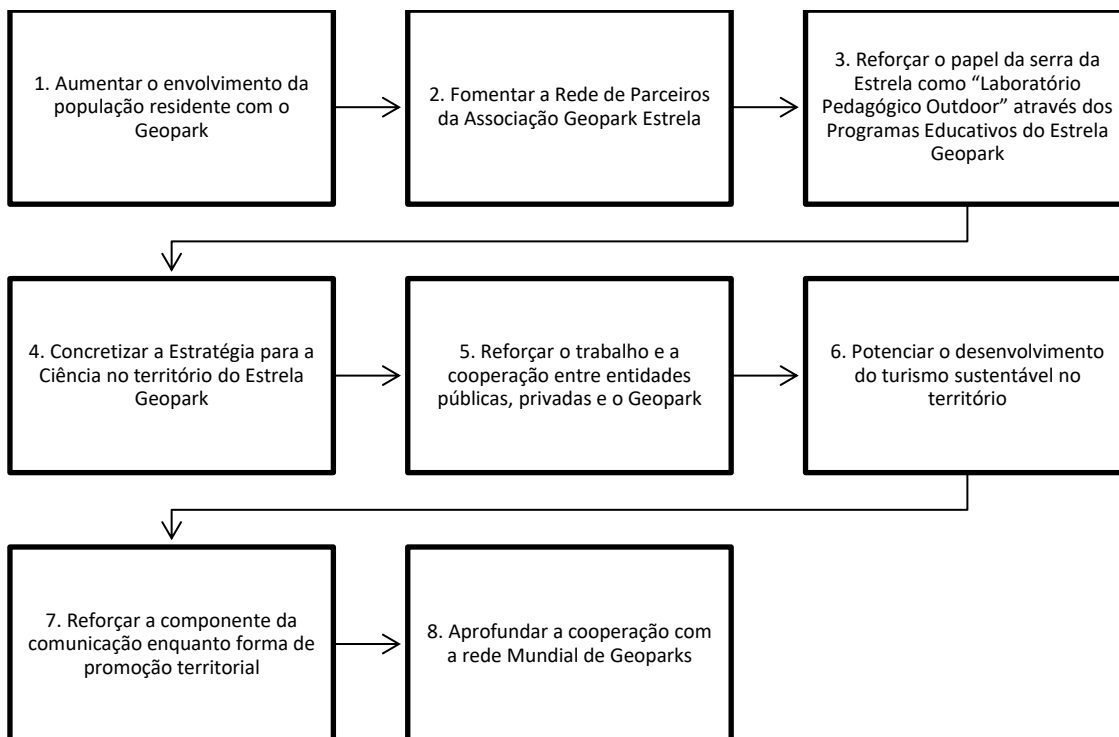


Figura 20 - Vetores Estratégicos
 Fonte: Website do Estrela Geopark

Como referimos ao longo de todo o trabalho, a afirmação desta marca Geoparque e da sua estratégia é um processo moroso. Deste modo, cabe-nos tentar perceber quais são as pistas e os caminhos existentes, para que consigamos no futuro atingir estas metas.

Das iniciativas e ações a realizar, acreditamos que o sucesso desta classificação e desta estratégia passará por um claro estímulo de sentimento de pertença nas comunidades e nas entidades/empresas turísticas do território, fazendo-os perceber as mais-valias existentes nesta classificação e na marca UNESCO. Afinal de contas, mesmo sem saber com profundidade do que se trata esta marca, UNESCO é sinónimo de segurança, qualidade e confiança.

4. Conclusão

O presente trabalho foi alicerçado em dois pressupostos essenciais, por um lado compreender a perceção dos *stakeholders* sobre o conceito de Geoturismo e Geoparques, por outro determinar o impacto que a chancela UNESCO pode ter na valorização e salvaguarda do território. Neste sentido, a dissertação que agora concluímos teve como principal objetivo o estudo do Geoturismo enquanto estratégia de valorização turística, no território do Estrela Geopark Mundial da UNESCO.

A Serra da Estrela tem sofrido algumas mudanças ao longo dos últimos anos, que resultaram numa constante alteração dos produtos turísticos desenvolvidos em prol da mesma. Se em 1881 a Serra da Estrela era marcada pela realização da 1ª Expedição Científica e por uma clara associação à sua qualidade de ar, capaz de combater doenças de foro respiratório, nas últimas décadas este território tem sobrevivido às custas de uma atração sazonal, a neve. Porém, devido às grandes alterações que foram surgindo em vários domínios, climático e ambiental, assim como a emergência de um novo perfil de turista e da reestruturação do próprio turismo, a Serra da Estrela tem vindo a apresentar mudanças de grande relevância, nomeadamente naquele que é ou deverá ser o foco da sua promoção e desenvolvimento turístico.

Neste contexto, a partir do início deste século a emergência dos Geoparques veio sensibilizar para a importância do património geológico e paisagístico no desenvolvimento de territórios naturais ou rurais, quase sempre de baixa densidade. Deste modo, o trabalho dos Geoparques em todo o mundo, e em particular em Portugal, colocaram na agenda pública a valorização do património geológico enquanto recurso turístico, contribuindo para uma visão mais holística e sustentável dos recursos endógenos, assumindo-os como garante do desenvolvimento de novos produtos e abordagens turísticas. Por esta via, embora não necessariamente exclusiva dos Geoparques, surgiram iniciativas alicerçadas no desenvolvimento do Geoturismo, não necessariamente com uma visão redutora da geologia, mas sobretudo destacando a valorização turística a partir dos recursos endógenos, incluindo necessariamente o próprio património geológico.

Assim, o Geoturismo é entendido, neste estudo, como uma estratégia turística que permite experienciar e conhecer os recursos endógenos, não apenas os geológicos, de forma a promover

a sua compreensão, valorização ambiental e cultural, sendo o principal beneficiário a comunidade local. Muito mais do que um mero produto turístico, o Geoturismo é um conceito muito mais abrangente onde a interpretação integrada do património e da paisagem se traduz numa nova experiência turística, fazendo do Geoturismo uma estratégia territorial e não somente um produto assente na geologia.

Face aos objetivos inicialmente propostos, a presente dissertação veio demonstrar que ainda há um longo caminho a percorrer nestas matérias. Por um lado, o conceito de Geoparque é ainda recente e pouco enraizado na comunidade, por outro o de Geoturismo continua demasiado preso à ideia de Turismo Geológico e por isso, não raras vezes, pouco valorizado. Deste modo, o trabalho de um Geoparque como é o caso do Estrela Geopark Mundial da UNESCO deve reforçar a sua visão holística e interdisciplinar do território, contribuindo para a emergência de novas estratégias e abordagens turísticas. Este pressuposto será fundamental para uma verdadeira mudança de paradigma em relação à, ainda vigente, perceção que autarcas, decisores públicos, empresários e comunidade têm relativamente a este prefixo GEO, seja ele associado ao Geoparque ou ao Geoturismo. Acreditamos que o trabalho contínuo nas áreas da ciência, da educação, da valorização da identidade local e da própria comunicação serão preponderantes para uma mudança estrutural do turismo da Serra da Estrela, tornando-a menos dependente da neve, embora reconheçamos a importância desta, menos sazonal e com maior valor acrescentado.

O conjunto de mudanças e estratégias desenvolvidas pelo Estrela Geopark é comparável com a Expedição de 1881. Estamos, pois, perante um novo virar de página e uma nova oportunidade para este território, página essa que só trará efeitos se for “folheada” por toda a comunidade do território.

Bibliografia

- Agência de Turismo de Portugal, (2017). **Estratégia 2027 - Liderar o Turismo do Futuro**.
- AZEVEDO, P., FIRMINO, G., PATROCÍNIO, F., CASTRO, E., (2019). “A Sustentabilidade do Turismo na Serra da Estrela: Contributos do Aspiring Geopark Estrela”. **Atas da Conferência Geonatura 2019**, Arouca.
- CASTRO, E. (2007). “**Análise Integrada da Paisagem da Raia Central Portuguesa - o território como recurso de desenvolvimento**”. Dissertação de Mestrado em Geografia Humana, Ordenamento do Território e Desenvolvimento. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- CASTRO, E.; LOUREIRO, F.; GOMES, H.; VIEIRA, G. (2018). “O Património Geológico do Geopark Estrela e a sua Valorização”. In: **Geopatrimónio - Geoconhecimento, Geoconservação e Geoturismo**, CEGOT, Guimarães.
- CASTRO, E., MAGALHÃES, V. (2013). “**O Geoturismo com estratégia de valorização territorial em contextos educativos: o caso do Arouca Geopark**”.
- CORREIA, R. (2013). “**O Geoturismo como estratégia de desenvolvimento regional: o caso do Geopark Araripe/ Ceará – Brasil**”. Tese de Mestrado em Economia Rural, Universidade Federal do Ceará, Brasil.
- COSTA, C. (2015). “**Turismo na Serra da Estrela - Impactos, transformações recentes e caminhos para o futuro**”. Tese de Doutoramento em Geografia, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- COUTO, M., FARATE, C., RAMOS, S., & FLEMING, M. (2011). A metodologia Q nas ciências sociais e humanas: O resgate da subjectividade na investigação empírica. **Psicologia**, **25(2)**, 7-21.
- CUNHA, L. (1997) “Economia e política do turismo”, **McGraw-Hill Portugal** Portugal, Alfragide.
- CUNHA, L. (2003). **Introdução ao Turismo (2º ed.)**. Lisboa: Editorial Verbo.
- CUNHA, L. (2011). Autenticidade e Inovação: factores de renovação dos destinos turísticos maduros. (E.U. Lusófonas, Ed.) **cogitur journal of tourism studies**, Ano IV, nº4, 9-28p.

- CUNHA, L. (2020). **“A natureza das fronteiras e as fronteiras da Natureza”**. In Cordeiro, A. C. e Jacinto, R. – Geografias e poéticas da fronteira. Poéticas do território. Col. Iberografias, 39, CEI, Guarda, pp. 71-82
- CUNHA, L. (2021). **“Turismo de Natureza e Geoturismo. Algumas reflexões sobre a sua importância para o desenvolvimento sustentável dos territórios.”** In Mourão, Ferreira e Pinto – Portugal e o turismo.
- DAVEAU, S. (1981). **“A expedição científica à Serra da Estrela, organizada pela Sociedade de Geografia de Lisboa em Agosto de 1881”**. Finisterra, 16(32).
- Declaração de Arouca (2011). **Congresso Internacional de Geoturismo – “Geotourism in Action**, Arouca.
- FERNANDES, R. J. GAMA (2004). **Dinâmicas industriais, inovação e território: abordagem geográfica a partir do Centro Litoral de Portugal**. Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e Tecnologia, Coimbra.
- FERNANDES, G., CASTRO, E. (2016). **“Aspiring Geopark Estrela: Estratégia para a Valorização e Desenvolvimento do Território da Serra da Estrela”**.
- FEBBRARO, A. (1995). On the epistemology, metatheory, and ideology of Q methodology: a critical analysis. In I. Lubek, van Hezewijk, R., Pheterson, G., & Tolman, C. (Ed.), **Trends and issues in theoretical psychology** (pp. 144-150). New York: Springer.
- FERREIRA, N.; Vieira, G. (1999). **Guia geológico e geomorfológico do Parque Natural da Serra da Estrela**. PNSE-ICN, Ministério da Economia, Instituto Geológico e Mineiro. 111p.
- GUIMARÃES, H.; BOSKI, T.; DENTINHO, T. (2011). **“Q methodology to define policy issues and promote stakeholder dialogue in Praia da Vitória Bay in Terceira, Azores”**. ERSA conference. Barcelona 2011.
- HOSE, T. A. (1995). Selling the Story of Britain’s Stone. **Environmental Interpretation, 2: 16 – 17**
- HOSE, T. A. (2000). European “Geotourism” – geological interpretation and geoconservation promotion for tourists. In: **Geological Heritage: its conservation and management (Coord. D. Baretino, W. A. P. Wimbledon & E. Gallego)**, Madrid, 127 – 146.
- HOSE, T. A. (2012). **3G’s for modern geotourism. Geoheritage, 4(1-2):7-24**

- JANSEN, J. (2002). **Guia Botânico da Serra da Estrela**. ICN, Lisboa.
- MIGUEL, S.; CALDEIRA, S. (2017). A Metodologia Q na investigação em enfermagem: Fundamentos, Adequação e Oportunidades. **CuidArte, Enferm** ; **11(2): 193-197**, jul.-dez.2017.
- NASCIMENTO, M.A., GOMES, C.S. & BRITO, A.S. (2015). Geoparque como forma de gestão territorial interdisciplinar apoiada no geoturismo: O caso do Projeto Geoparque Seridó. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, 8(2). 347-364.
- NEIVA A.M.R, WILLIAMS I.S, RAMOS J.M.F, GOMES M.E.P, SILVA M.M.V.G, Antunes I.M.H.R, (2009). Geochemical and isotopic constraints on the petrogenesis of Early Ordovician granodiorite and Variscan two-mica granites from the Gouveia area, central Portugal. **Lithos** **11. 186-202p**.
- NUNES, P., A., (2010). **“Desporto, Turismo e Natureza - O Turismo de Natureza como pólo de atração turística complementar ao produto Sol e Mar na sub-região do Litoral Alentejano”**. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa - Faculdade de Motricidade Humana.
- OLIVEIRA, M. (2014). “A influência dos eventos na taxa de ocupação hoteleira – Study Case Montebelo Viseu Hotel & Spa”. **Tese de Mestrado em Turismo - Especialização em Gestão Estratégica de Eventos**. Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril.
- OLIVEIRA, A., JÚNIOR, CARLOS. (2013). “Estudo teórico sobre percepção na filosofia e nas neurociências.” **Neuropsicologia Latinoamericana** vol.5 no.2 Calle 2013
- OMT - Organização Mundial do Turismo (1997) – Turismo Internacional. Uma perspectiva Global, pp.20 a 23.
- OMT - Organização Mundial do Turismo (2006). “Parte I – Introdução e Conceitos Básicos”. In OMT, **Introdução à Metodologia da Pesquisa em Turismo**.
- OMT - Organização Mundial do Turismo (2007). “A Practical Guide to Tourism Destination Management”.
- RIBEIRO, A., KULLBERG M.C, KULLBERG J.C, MANUPELLA G, PHIPPS S, (1990). A review of Alpine tectonics in Portugal: **Foreland detachment in basement and cover rocks. Tectonophysics** **184. 357-366p**.

- RIBEIRO, A. (2013). A Evolução Geodinâmica de Portugal; os ciclos ante-mesozóicos. In: **Dias R, Araújo A, Terrinha P, Kullberg J.C, (Eds.)**. Geologia de Portugal no contexto da Ibéria. Univ. Évora. 15-57p.
- RODRIGUES, J., (2009). “Geoturismo – Uma Abordagem Emergente”. In: **Geoturismo & Desenvolvimento Local, Neto de Carvalho, C. e Rodrigues, J.C., (Eds.)**, Idanha-a-Nova, 38-60p.
- SANTOS FILHO, J. (2004). “Thomas Cook: marco da historiografia dominante no turismo: Ensaio sociológico sobre o surgimento e preconceito ao fenômeno turístico na história”. IN: **Seminário de pesquisa em turismo do Mercosul**, 02, 2004, Caxias do Sul. Anais... UCS, 2004, 1 CD-ROM.
- SILVA, C. (2011). “**A Imagem dos Destinos Turísticos de Montanha: Olhares de Residentes e Turistas.**” PhD Thesis: Universidade de Aveiro.
- SILVA, E. (2009). “As redes global e europeia de geoparques apoiadas pela UNESCO e o ano internacional do planeta Terra”. **Revista Geoturismo & Desenvolvimento local**. Eds: Carvalho, Rodrigues, Jacinto & Câmara Municipal de Idanha-a-Nova.
- SILVA, F. (2013). “Landscape and Astronomy in Megalithic Portugal: the Carregal do Sal Nucleus and Star Mountain Range”. **Papers from the Institute of Archaeology**. **22**, pp.99–114. DOI: <http://doi.org/10.5334/pia.405>.
- SILVA, E. (2015). “Geoparques: novos territórios de Educação, Ciência e Cultura para o século XXI”. **Revista ZOOM**, suplemento do Diário de Notícias, de 25 de abril de 2015.
- STENNER, P. (2008/2009). “Q as constructivist methodology”. **Operant Subjectivity**, 32, 46-69.
- STEPHENSON, W. (1953). “The Study of Behavior: Q-Technique and its Methodology”. **University of Chicago Press**.
- UMBELINO, J. (2017) – “**O Turismo, caracterização e prospective**”. In Francisco Silva e Jorge Umbelino – Planeamento e desenvolvimento turístico. Lidel, Lisboa, pp.3-20.
- UNESCO (2015). **Statutes of the International Geoscience and Geoparks Programme. Operational Guidelines for UNESCO Global Geoparks**. Paris, 16p. 2015.

VIEIRA, Gonçalo (2004). “Geomorfologia dos planaltos e altos vales da Serra da Estrela. Ambientes frios do Plistocénico Superior e dinâmica atual”. **Tese de Doutoramento em Geografia, Universidade de Lisboa, 724p.**

VIEIRA, Gonçalo (2008). “Combined numerical and geomorphological reconstruction of the Serra da Estrela plateau icefield”, Portugal. **Geomorphology, 97. 190-207p.**

VIEIRA, G.; PALACIOS, D.; ANDRÉS, N.; MORA, C.; SELEM, L. VÁSQUEZ; WORONKO, B.; SONCCO, C.; ÚBEDA, J.; GOYANES, G. (2021) - “Penultimate Glacial Cycle glacier extent in the Iberian Peninsula: New evidence from the Serra da Estrela (Central System, Portugal)”. **Geomorphology V 388.** El Sevier

Webgrafia

CONSELHO DA EUROPA - <https://www.consilium.europa.eu/pt/policies/green-deal/>
(consultado entre julho e agosto de 2021)

ESTRELA GEOPARK - <https://www.geoparkestrela.pt/associacao> (consultado entre março e abril de 2021)

GLOBAL GEOPARKS NETWORK - https://globalgeoparksnetwork.org/?page_id=5
(consultado entre agosto e setembro de 2021)

INE (Instituto Nacional de Estatística) - https://www.ine.pt/scripts/db_censos_2021.html
(consultado entre julho e agosto de 2021)

INFOPÉDIA - <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/geoturismo>
(consultado em setembro de 2021)

TURISMO DE PORTUGAL - <http://business.turismodeportugal.pt/pt/Conhecer/estrategia-turismo/programas-iniciativas/Paginas/redes-colaborativas> (consultado em fevereiro de 2021)

UNESCO (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization) - <https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/redes-unesco/geoparques-mundiais-da-unesco>
(consultado entre janeiro e fevereiro de 2021)

UNESCO (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization) -

<https://en.unesco.org/global-geoparks/focus> (consultado em setembro de 2021)

ANEXOS

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

2. O Geoturismo tem sido comumente associado a um produto turístico associado à visitação e fruição do Património Geológico.

-5	-4	-3	-2	-1	0	1	2	3	4	5

3. No contexto atual, o Geoturismo é sobretudo um produto para um nicho de mercado, associado à Ciência e às Ciências da Terra, particularmente à Geologia.

-5	-4	-3	-2	-1	0	1	2	3	4	5

4. Mais do que um produto, o Geoturismo constitui uma estratégia de desenvolvimento turístico, assente no potencial endógeno do território.

-5	-4	-3	-2	-1	0	1	2	3	4	5

5. O Geoturismo implica uma dimensão sustentável do turismo, onde as populações devem ser parte integrante da estratégia turística implementada.

-5	-4	-3	-2	-1	0	1	2	3	4	5

6. Os Geoparks Mundiais da UNESCO são, pelas suas características e pela própria classificação, territórios onde o Geoturismo deve ser a estratégia predominante.

-5	-4	-3	-2	-1	0	1	2	3	4	5

7. Sendo o Geoturismo uma estratégia orientadora de gestão e desenvolvimento turístico é possível estruturar diferentes produtos turísticos orientados para esta visão territorial.

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

5. A associação da marca UNESCO aos produtos e empresários turísticos do território constitui um importante valor acrescentado para o Turismo da região.

-5	-4	-3	-2	-1	0	1	2	3	4	5

6. A Serra da Estrela é hoje um destino com maior visibilidade, reconhecimento e procura, facto que se deve de certo modo à distinção da Estrela pela UNESCO.

-5	-4	-3	-2	-1	0	1	2	3	4	5

7. Julho de 2020, data em que a UNESCO classificou a Estrela, constitui um marco no desenvolvimento da Serra da Estrela e na sua dimensão internacional.

-5	-4	-3	-2	-1	0	1	2	3	4	5

8. A marca Estrela Geopark, enquanto marca territorial, tem sido determinante para a criação de um destino coeso, menos dependente das abordagens individuais de cada município.

-5	-4	-3	-2	-1	0	1	2	3	4	5

9. O valor da marca UNESCO terá um peso preponderante para a definição de novas soluções e entendimentos institucionais com os diferentes *stakeholders* do território.

-5	-4	-3	-2	-1	0	1	2	3	4	5

f) O futuro do Turismo no Estrela Geopark Mundial da UNESCO

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

7. O valor da marca UNESCO será no futuro, um dos principais fatores do desenvolvimento do território, sobretudo na captação de novos mercados internacionais.

-5	-4	-3	-2	-1	0	1	2	3	4	5

8. Para os próximos 4 anos acredita que haja um aumento dos principais indicadores turísticos na Serra da Estrela (nº de camas, taxa de ocupação, nº médio de estadias, valor das receitas geradas).

-5	-4	-3	-2	-1	0	1	2	3	4	5

(- 5 | Discordo Totalmente; 0 | Não tem opinião ; 5 | Concordo Totalmente)

**Obrigada pela sua colaboração,
Patrícia Azevedo**

Anexo 2 – Matriz de Inicial de Dados

Participantes no Estudo	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Estrela UNESCO Global Geopark	5	3	4	3	5	2	2	-5	5	4	5
Município de Manteigas	5	2	3	4	2	4	4	-1	0	3	5
Turismo de Portugal	4	3	5	3	0	3	2	-4	2	3	2
Casas do Pastor	5	5	5	5	5	5	3	4	-2	4	5
Vinho da Ordem	5	3	1	5	5	4	4	-1	-1	1	5
AE Pêro da Covilhã	5	-1	3	4	1	5	-1	-1	-1	3	2
Município da Covilhã	5	4	4	5	5	5	4	3	-1	3	5
AE Quinta das Palmeiras	5	4	5	3	3	4	3	3	5	5	5
AE Gouveia	4	4	3	4	-1	0	1	3	2	3	3
Varanda da Estrela	4	2	2	4	3	3	4	4	5	3	4
AE Fornos de Algodres	4	3	4	3	3	1	3	2	-2	4	4
ICNF	5	3	4	3	4	4	2	-1	1	3	3
CIM Coimbra	5	3	3	3	3	4	3	1	2	2	3
CIM BSE	5	-3	-3	-1	5	5	3	-2	-3	4	5
Município de Fornos de Algodres	2	1	1	2	2	1	2	1	1	1	2
AE Campos Melo	5	5	5	5	4	-5	3	4	3	5	5
AE Manteigas	5	-2	-2	3	3	5	0	-3	3	4	4
AE da Sé - Guarda	5	-2	3	5	5	5	5	4	4	5	5
AE do Teixoso	5	5	5	4	5	5	5	3	4	4	3
Município da Guarda	5	3	4	5	5	5	2	2	4	5	4

Participantes no Estudo	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21
Estrela UNESCO Global Geopark	-4	3	3	2	0	5	5	5	4	5	5
Município de Manteigas	-2	1	3	-1	-1	5	4	5	2	4	3
Turismo de Portugal	-4	3	-2	1	2	5	1	4	3	4	0
Casas do Pastor	3	5	4	2	2	5	5	5	4	2	3
Vinho da Ordem	-2	-3	-4	4	2	5	2	5	4	5	5
AE Pêro da Covilhã	1	3	4	3	-1	-1	0	1	0	0	0
Município da Covilhã	-2	-2	3	-3	4	3	3	4	4	4	3
AE Quinta das Palmeiras	3	3	3	3	-2	2	3	4	2	2	2
AE Gouveia	2	2	2	-1	2	4	4	4	2	1	3
Varanda da Estrela	-2	4	3	3	4	4	4	4	3	4	3
AE Fornos de Algodres	1	1	-2	1	3	4	3	4	4	4	4
ICNF	0	0	3	0	1	3	3	5	1	5	0
CIM Coimbra	1	2	2	2	3	3	3	4	3	3	2
CIM BSE	-2	2	1	3	-1	4	5	4	3	4	4
Município de Fornos de Algodres	2	3	2	1	1	2	1	1	1	2	1
AE Campos Melo	4	5	5	3	5	5	4	5	4	5	4
AE Manteigas	-5	5	3	0	4	5	5	5	3	5	0
AE da Sé - Guarda	-1	5	1	1	-1	5	5	5	4	5	5
AE do Teixoso	4	3	0	3	5	5	5	5	5	5	5
Município da Guarda	5	5	3	4	1	5	5	5	3	5	5

Participantes no Estudo	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32
Estrela UNESCO Global Geopark	-4	4	5	-1	3	-5	5	5	5	5	5
Município de Manteigas	2	4	4	-1	3	0	4	4	0	3	5
Turismo de Portugal	-3	4	4	2	4	-3	5	5	5	4	4
Casas do Pastor	5	3	5	3	5	5	5	5	5	5	5
Vinho da Ordem	-5	5	5	1	3	-4	4	5	4	5	5
AE Pêro da Covilhã	2	3	3	1	0	-1	-1	1	0	1	1
Município da Covilhã	-1	2	3	-1	-1	1	2	2	4	4	4
AE Quinta das Palmeiras	2	2	1	2	4	4	4	5	5	5	5
AE Gouveia	3	2	3	1	3	1	3	4	3	5	4
Varanda da Estrela	3	4	4	4	4	3	3	4	4	4	4
AE Fornos de Algodres	-3	3	3	5	5	-3	4	4	3	4	4
ICNF	-1	1	2	1	3	1	0	5	-2	1	1
CIM Coimbra	3	3	4	3	3	3	4	5	5	4	4
CIM BSE	-1	2	3	-4	-3	3	4	5	2	3	4
Município de Fornos de Algodres	1	1	1	1	1	1	1	1	1	2	2
AE Campos Melo	4	4	5	3	4	4	5	5	5	5	5
AE Manteigas	0	0	5	1	-5	-2	5	5	0	5	5
AE da Sé - Guarda	4	5	5	1	5	3	5	5	4	5	5
AE do Teixoso	5	5	5	3	3	4	3	4	3	3	5
Município da Guarda	2	4	4	1	2	4	5	5	5	5	5

Participantes no Estudo	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43
Estrela UNESCO Global Geopark	5	3	5	5	5	4	5	5	5	5	5
Município de Manteigas	5	-3	2	5	2	-2	3	2	2	3	-2
Turismo de Portugal	4	-1	2	4	5	3	4	2	4	4	1
Casas do Pastor	5	-3	-2	0	-1	-3	-1	3	1	3	5
Vinho da Ordem	5	5	5	5	5	4	5	5	4	5	3
AE Pêro da Covilhã	1	0	-1	-1	1	-1	1	1	1	2	2
Município da Covilhã	1	1	1	1	1	1	1	-2	2	4	3
AE Quinta das Palmeiras	1	-1	-1	-1	1	-1	4	-1	1	5	3
AE Gouveia	3	3	3	2	3	3	2	3	3	4	4
Varanda da Estrela	4	4	4	4	4	3	3	3	3	3	3
AE Fornos de Algodres	4	0	3	3	4	3	3	3	4	3	2
ICNF	2	0	2	2	5	2	2	0	3	3	0
CIM Coimbra	3	3	3	3	4	3	3	3	4	4	3
CIM BSE	3	-1	3	2	3	2	3	2	2	2	3
Município de Fornos de Algodres	2	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2
AE Campos Melo	4	3	4	4	5	4	5	3	5	5	4
AE Manteigas	5	0	5	5	5	0	5	-2	5	3	4
AE da Sé - Guarda	5	-1	4	5	5	2	4	5	5	5	5
AE do Teixoso	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	3
Município da Guarda	5	3	4	5	5	5	5	5	5	5	5

Participantes no Estudo	44	45	46	47	48	49
Estrela UNESCO Global Geopark	5	5	5	5	5	5
Município de Manteigas	5	4	4	-3	-3	3

Turismo de Portugal	3	4	2	-1	4	4
Casas do Pastor	5	5	5	3	3	3
Vinho da Ordem	5	4	4	4	5	5
AE Pêro da Covilhã	3	4	4	4	3	0
Município da Covilhã	5	4	4	-2	2	3
AE Quinta das Palmeiras	4	4	4	3	3	3
AE Gouveia	4	4	3	3	3	4
Varanda da Estrela	5	4	3	4	4	4
AE Fornos de Algodres	3	4	3	4	4	4
ICNF	3	3	5	0	3	3
CIM Coimbra	4	5	4	3	3	4
CIM BSE	3	4	3	2	2	3
Município de Fornos de Algodres	2	2	2	2	2	2
AE Campos Melo	5	5	5	4	4	5
AE Manteigas	5	5	5	3	5	5
AE da Sé - Guarda	5	5	5	5	5	4
AE do Teixoso	4	5	5	5	5	2
Município da Guarda	5	5	5	4	5	5

Anexo 3 – Matriz de Correlações

	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	
1	1,0				0,6	0,6					0,5								0,6		
2			0,8					0,5				0,5									
3		0,8										0,5									
4		0,5	0,6					0,6													
5	0,5					0,5	0,5				0,6							0,6	0,6	0,7	
6																					
7					0,5			0,5			0,5									0,6	
8				0,5			0,5					0,6									
9													0,5								
10	0,5										0,5		0,6						0,7		
11	0,5				0,6		0,5												0,5	0,5	0,5
12		0,5	0,5					0,7													
13									0,5	0,6									0,5		
14													0,5								
15																					
16																				0,5	
17							0,5				0,5							0,6	0,8	0,6	
18					0,5					0,6	0,6						0,7		0,6	0,5	
19	0,6				0,5		0,5			0,5	0,6						0,8	0,7		0,5	
20					0,6		0,6				0,5					0,5	0,7	0,6	0,7		
21					0,6		0,5										0,7	0,5	0,7	0,6	
22					0,6		0,6				0,6						0,5	0,6	0,5	0,7	
23								0,7				0,6	0,6	0,6							
24				0,5			0,6													0,5	
25	0,5																0,7	0,5	0,6	0,7	
26		0,5	0,5					0,5								0,5					
27		0,6	0,8																		
28								0,7				0,7		0,5							
29										0,5	0,6						0,8	0,6	0,7	0,7	
30	0,5										0,5						0,7	0,6	0,8	0,5	
31		0,5																		0,6	
32											0,6						0,6	0,5	0,6	0,6	
33							0,5				0,7						0,8	0,7	0,7	0,8	
34																	0,9	0,6	0,7	0,6	
35																0,5					
36																	0,6			0,5	
37																	0,8		0,6	0,5	
38									0,5								0,5				
39																					
40									0,6								0,5				

32		0,5			0,5				0,9	0,6	0,7		0,7	0,5					0,5	
33		0,6		0,5	0,6				0,9	0,6	0,6	0,9		0,8		0,5	0,6		0,7	
34	0,6	0,5		0,5	0,8				0,7	0,6		0,5	0,7			0,6	0,8	0,5	0,6	
35																0,6			0,8	
36	0,7	0,5			0,5									0,6	0,6		0,8	0,8	0,7	0,8
37	0,8			0,5	0,7				0,5				0,5	0,8		0,9		0,8	0,5	0,8
38	0,7									0,5				0,5	0,5	0,9	0,8		0,7	0,8
39	0,5	0,5													0,8	0,8	0,6	0,8		0,6
40	0,7								0,5	0,5			0,5	0,5	0,5	0,8	0,7	0,8	0,6	
41		0,7		0,8	0,5		0,5							0,6	0,5	0,5	0,5			0,6
42	0,7	0,4			0,6				0,5	0,5				0,6	0,5	0,9	0,8	0,9	0,7	0,8
43		0,6		0,6					0,5	0,5	0,7	0,7	0,6		0,5				0,5	0,6
44		0,5									0,6	0,7								
45		0,5			0,7				0,6			0,7	0,7	0,5						
46		0,5		0,5	0,8				0,7	0,6	0,5	0,6	0,7	0,6						
47				0,5																
48															0,5					
49															0,5			0,6	0,6	0,5
50	0,6				0,5				0,8	0,7	0,5	0,8	0,6	0,6		0,6	0,6	0,6	0,5	0,6

	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49
1					0,5	0,5	0,8			
2			0,5							
3			0,5							
4			0,5		0,7					
5				0,5	0,5	0,5	0,6			
6										
7										
8										
9		0,5	0,6					0,5	0,5	
10				0,6		0,6	0,5			
11					0,7					
12										
13				0,6		0,6				
14										
15	0,5							0,6		
16										
17	0,6	0,6	0,5	0,5	0,6	0,6	0,5		0,6	0,6
18				0,7	0,5	0,7	0,6			
19		0,6	0,5		0,7	0,6	0,8		0,5	0,5
20	0,6	0,5	0,5	0,5	0,5	0,6		0,5	0,5	
21		0,8	0,5		0,5		0,6		0,7	0,6
22	0,8	0,5	0,6	0,5	0,5	0,5		0,6	0,5	

23						0,5				
24	0,8	0,5	0,6					0,6	0,6	
25	0,6	0,6	0,5	0,6	0,7	0,8	0,6	0,5	0,7	0,5
26										
27										
28										
29		0,5	0,5	0,6	0,5	0,7			0,5	0,7
30						0,5	0,5			0,6
31			0,7	0,5		0,5				0,5
32			0,7	0,8	0,7	0,6			0,5	0,7
33			0,7	0,6	0,7	0,7	0,6		0,5	0,5
34	0,7	0,6		0,5	0,6	0,6	0,5		0,7	0,5
35	0,5	0,5						0,5	0,5	
36	0,6	0,9	0,5			0,5		0,6	0,8	0,7
37	0,6	0,8	0,5		0,5	0,5			0,7	0,6
38	0,5	0,9	0,5						0,8	0,6
39	0,7	0,7	0,6					0,6	0,6	0,5
40	0,5	0,8	0,7			0,5		0,5	0,8	0,7
41		0,6	0,6	0,5		0,5		0,7	0,6	
42	0,5		0,6			0,6	0,5	0,6	0,8	0,7
43		0,6		0,5	0,5	0,5	0,5	0,5	0,6	0,5
44					0,6	0,8	0,6	0,5	0,5	0,5
45			0,6			0,6	0,6			0,6
46		0,5	0,6	0,6	0,7		0,7	0,6	0,6	0,5
47			0,5		0,6	0,7			0,5	
48	0,6			0,7					0,8	
49		0,6	0,5	0,7				0,7		0,7
50		0,7	0,5		0,6					

Valores calculados a partir do coeficiente da correlação Pearson, com $r \geq |0,50|$

Anexo 4 - Codificação das Afirmações

1	A Serra da Estrela, integrante da Cordilheira Central Ibérica, apresenta um património biológico e geológico de relevância internacional.
2	A baixa densidade demográfica económica e cultural é um dos principais fatores de bloqueio do desenvolvimento na Serra da Estrela.
3	A interioridade geográfica da Serra da Estrela tem provocado estrangulamentos de desenvolvimento visíveis também na interioridade societal deste território.
4	A identidade da Serra da Estrela, relacionada com os modos de vida e em particular a pastorícia, constitui um dos ativos mais relevantes deste território.
5	A geografia da Serra da Estrela, ao contrário do passado, é hoje um fator de união e de potencial desenvolvimento.
6	A Serra da Estrela é um território de oportunidades, com um potencial de fixação e de investimento que a coloca num posicionamento favorável, face a outros territórios.
7	A Serra da Estrela afirma-se nos dias de hoje como um Destino Turístico estruturado.
8	Um dos produtos mais relevantes para o desenvolvimento turístico da Serra da Estrela é a neve.
9	A dependência do Turismo da Serra da Estrela em relação à neve tem sido uma das principais razões do seu estrangulamento turístico.
10	O modelo de gestão dos ativos turísticos da Serra da Estrela constitui um dos elementos mais revelantes a ser repensados na atualidade.
11	O Turismo de Natureza, Saúde e Bem-Estar e o Turismo Ativo constituem hoje os principais ativos turístico desta Montanha.
12	A problemática das alterações climáticas, com a inevitável diminuição da precipitação nevosa, pode colocar em risco o futuro do Turismo na Serra da Estrela.
13	O Turismo é hoje a principal atividade económica da Serra da Estrela.
14	Uma das grandes lacunas do Turismo da Serra da Estrela resulta de um défice de capacitação dos seus agentes.
15	A Escola Superior de Turismo e Hotelaria, pertencente ao Instituto Politécnico da Guarda, tem apresentado um papel determinante para o desenvolvimento turístico da Serra da Estrela
16	Os Geoparks Mundiais da UNESCO são entidades classificadas bem conhecidas de todos.
17	Um Geopark Mundial da UNESCO é um território bem delimitado, com um notável património geológico.
18	O grande objetivo desta classificação da UNESCO é o desenvolvimento das comunidades que residem nestes territórios.
19	A natureza e a missão destes Geoparks traduz uma clara oportunidade para o desenvolvimento de territórios de baixa densidade, como a Serra da Estrela.
20	O Estrela Geopark é hoje uma marca territorial, com forte disseminação no território e elevado reconhecimento na região em que se integra.

21	A classificação da Estrela como Geopark Mundial da UNESCO veio trazer um novo enquadramento para o Património Geológico, transformando-o num recurso incontornável para o desenvolvimento turístico da Serra da Estrela.
22	O Estrela Geopark tem sido responsável por um maior reconhecimento internacional e pelo reforço do sentido de pertença dos residentes.
23	A distinção da Serra da Estrela pela UNESCO tem uma reduzida influência das políticas públicas de desenvolvimento local e regional.
24	O Estrela Geopark é hoje uma estratégia de base territorial com uma forte influência no desenvolvimento sustentável do território.
25	O Turismo é uma das áreas basilares no Estrela Geopark, promovendo uma nova abordagem para o desenvolvimento desta atividade.
26	O Geoturismo é um conceito amplamente conhecido no contexto da atividade turística.
27	O Geoturismo tem sido comumente associado a um produto turístico associado à visita e fruição do Património Geológico.
28	No contexto atual, o Geoturismo é sobretudo um produto para um nicho de mercado, associado à Ciência e às Ciências da Terra, particularmente à Geologia.
29	Mais do que um produto, o Geoturismo constitui uma estratégia de desenvolvimento turístico, assente no potencial endógeno do território.
30	O Geoturismo implica uma dimensão sustentável do turismo, onde as populações devem ser parte integrante da estratégia turística implementada
31	Os Geoparks Mundiais da UNESCO são, pelas suas características e pela própria classificação, territórios onde o Geoturismo deve ser a estratégia predominante.
32	Sendo o Geoturismo uma estratégia orientadora de gestão e desenvolvimento turístico é possível estruturar diferentes produtos turísticos orientados para esta visão territorial.
33	A Serra da Estrela, enquanto Geopark Mundial da UNESCO beneficiará com o desenvolvimento de uma abordagem Geoturística em todo o território.
34	O Estrela Geopark tem contribuído para a generalização do conhecimento da Geodiversidade e para a sua valorização turística.
35	O Geoturismo associado ao Estrela Geopark tem sido o principal responsável pela diminuição da sazonalidade da visita à Serra da Estrela.
36	O trabalho desenvolvido pelo Estrela Geopark Mundial da UNESCO tem potenciado um aumento da procura turística, com a diversificação dos mercados e dos próprios produtos.
37	O Geoturismo e o Estrela Geopark Mundial da UNESCO têm sido responsáveis pelo desenvolvimento de novas abordagens turísticas associadas ao Turismo Educativo e Científico.
38	A associação da marca UNESCO aos produtos e empresários turísticos do território constitui um importante valor acrescentado para o Turismo da região.
39	A Serra da Estrela é hoje um destino com maior visibilidade, reconhecimento e procura, facto que se deve de certo modo à distinção da Estrela pela UNESCO.
40	Julho de 2020, data em que a UNESCO classificou a Estrela, constitui um marco no desenvolvimento da Serra da Estrela e na sua dimensão internacional.

41	A marca Estrela Geopark, enquanto marca territorial, tem sido determinante para a criação de um destino coeso, menos dependente das abordagens individuais de cada município.
42	O valor da marca UNESCO terá um peso preponderante para a definição de novas soluções e entendimentos institucionais com os diferentes <i>stakeholders</i> do território.
43	O Turismo da Serra da Estrela passará, inevitavelmente, pela valorização do seu Património Geológico.
44	O Estrela Geopark Mundial da UNESCO será nos próximos anos a marca territorial mais valiosa da Serra da Estrela.
45	O sucesso da estratégia turística da Serra da Estrela passará pela valorização do turismo de natureza e pelos recursos identitários, como a Pastorícia ou a Gastronomia.
46	As comunidades da Serra da Estrela terão um papel determinante no futuro do Turismo, não enquanto elementos cristalizantes, mas como atores ativos na construção do seu próprio desenvolvimento.
47	Num futuro próximo, o Turismo na Serra da Estrela terá de considerar a capacidade de carga do seu território, na procura de equilíbrio entre os valores ecológicos e aproveitamento turístico.
48	O Estrela Geopark poderá emergir como a principal entidade de promoção turística da Serra da Estrela.
49	O valor da marca UNESCO será no futuro, um dos principais fatores do desenvolvimento do território, sobretudo na captação de novos mercados internacionais.
50	Para os próximos 4 anos acredita que haja um aumento dos principais indicadores turísticos na Serra da Estrela (nº de camas, taxa de ocupação, nº médio de estadias, valor das receitas geradas).